



PROFHISTÓRIA

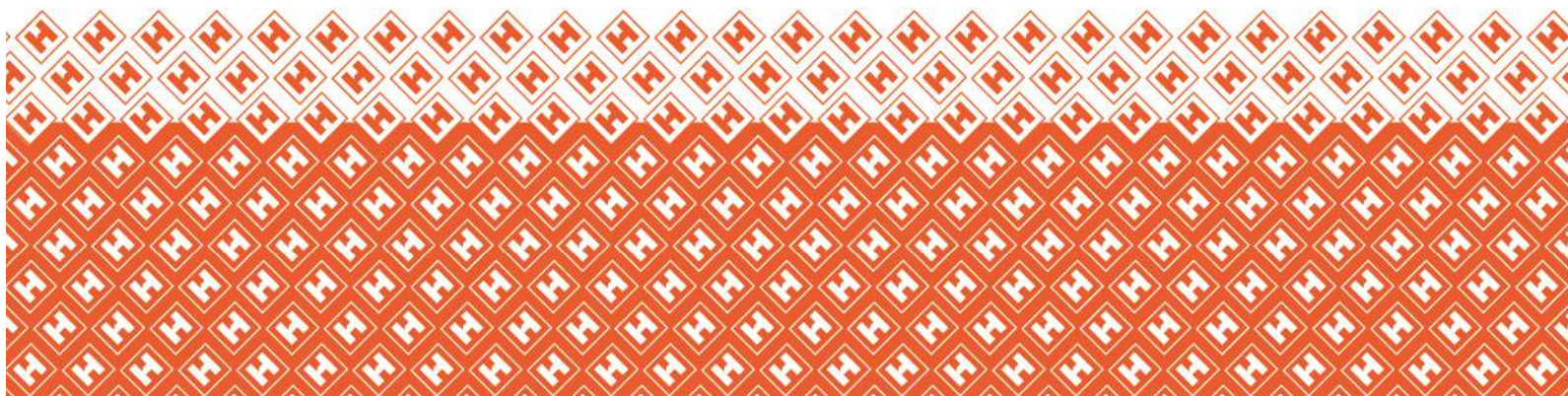
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

RAIMUNDO NONATO FERREIRA JÚNIOR

O *YouTube* como possibilidade de divulgação científica no Ensino de História

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ(UESPI)

ABRIL / 2023



RAIMUNDO NONATO FERREIRA JÚNIOR

O *YouTube* como possibilidade de divulgação científica no ensino de História

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História- PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História. Área de concentração: Ensino de História

Orientador: Prof. Dr. Felipe

Augusto dos Santos Ribeiro

PARNAÍBA

2023

RAIMUNDO NONATO FERREIRA JÚNIOR

O *YouTube* como possibilidade de divulgação científica no ensino de História

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História- PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História. Área de concentração: Ensino de História

Orientador: Prof. Dr. Felipe

Augusto dos Santos Ribeiro

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro - UESPI (orientador)

MEMBROS: Prof. Dr. Fernando Bagiotto Botton - UESPI (membro interno)

Prof. Dr. Renan Marques Birro- UPE (membro externo)

F383y Ferreira Júnior, Raimundo Nonato.

O Youtube como possibilidade de divulgação científica no ensino de História / Raimundo Nonato Ferreira Júnior. – 2023.

141 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Curso Mestrado Profissional em Ensino de História, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2023.

“Orientador: Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro.”

1. Comunicação científica. 2. Redes sociais. 3. Youtube. 4. Ensino de História. I. Título.

CDD: 808



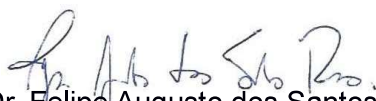
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA – PARNAÍBA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

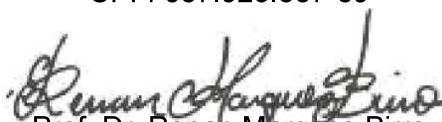



ATA DE EXAME DE DEFESA
DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA (PROFHISTÓRIA)
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (UESPI)

Aos 11 dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e três, às 08:30 horas, na Sala Virtual do Google Meet <<https://meet.google.com/qdt-iktg-sjh>>, na presença da Banca Examinadora, presidida pelo professor **Felipe Augusto dos Santos Ribeiro** (Orientador) e composta pelos seguintes professores examinadores: **Renan Marques Birro** (Universidade de Pernambuco – Examinador Externo) e **Fernando Bagiotto Botton** (Universidade Estadual do Piauí – Examinador Interno), o mestrando **Raimundo Nonato Ferreira Junior** (Matrícula 4000681) realizou seu Exame de Defesa no Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), uma das exigências indispensáveis à obtenção do respectivo Diploma de Mestrado, conforme preconizado no Art. 55º da Resolução CEPEX nº 005/2021, tendo como título da dissertação: **O YouTube como possibilidade de divulgação científica no Ensino de História**. Após a apreciação da referida dissertação e a respectiva arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão reservada para deliberação, atribuindo ao mestrando a menção de APROVADO. Eu, professor Felipe Augusto dos Santos Ribeiro, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros examinadores e pelo mestrando aprovado nesta defesa de dissertação.

Observações apresentadas pela Banca Examinadora: Foi atribuída a nota 9,5, sendo ressaltada a importância do trabalho e recomendada sua veiculação e disseminação de forma digital e interativa.


Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
Presidente da Banca Examinadora
CPF: 087.925.387-89


Prof. Dr. Renan Marques Birro
Universidade de Pernambuco (UPE)
Examinador Externo
CPF: 109.365.227-63


Prof. Dr. Fernando Bagiotto Botton
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
Examinador Interno
CPF: 833.675.430-04


Raimundo Nonato Ferreira Junior
Mestrando
CPF: 002.376.863-09





GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO



RESOLUÇÃO CEPEX Nº. 089/2016

ANEXO A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL

Concedo à Universidade Estadual do Piauí (UESPI) o direito não-exclusivo de reproduzir, traduzir e/ou distribuir este trabalho (incluindo o resumo) por todo o mundo, no formato impresso e eletrônico e em qualquer meio, incluindo os formatos áudio ou vídeo.

Concordo que a UESPI pode, sem alterar o conteúdo, transpor este trabalho para qualquer meio ou formato para fins de preservação.

Concordo que a UESPI pode manter mais de uma cópia de meu trabalho para fins de segurança, backup ou preservação.

Declaro que este trabalho é original e tenho o poder de conceder os direitos contidos nesta licença.

Declaro também que o depósito deste trabalho não infringe direitos autorais de ninguém.

Levando-se em conta que o trabalho ora depositado tenha sido de resultado de patrocínio ou apoio de uma agência de fomento ou outro organismo que não seja a UESPI, declaro que foram respeitados todos e quaisquer direitos de revisão como também as demais obrigações exigidas por contrato ou acordo.

Contendo este trabalho material do qual não possuo titularidade dos direitos autorais, declaro que obtive a permissão irrestrita do detentor dos direitos autorais para conceder à Universidade os direitos apresentados nesta licença, e que esse material está claramente identificado e reconhecido no texto ou no conteúdo do trabalho ora depositado.

A UESPI se compromete a identificar claramente seu nome(s) ou o(s) nome(s) dos detentores dos direitos autorais do trabalho em questão, e não fará qualquer alteração, além daquelas concedidas por esta licença.

De acordo com esta licença.

Parnaíba-PI, 12 de junho de 2023

RAIMUNDO NOVATO FERREIRA JÚNIOR

Assinatura

O Youtube como possibilidade de divulgação científica no Ensino de História

Título do trabalho

Mestrado Profissional em Ensino de História

Curso

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às milhares de famílias que perderam entes queridos pela Covid-19.

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradecer por ter o privilégio de estar vivo e não ter sido uma das milhares de vítimas da pandemia da COVID-19.

À minha companheira, que aceitou dividir seu esposo com os textos, aulas remotas, gravações de vídeos e noites ausentes. A sua compreensão foi de grande valia para que eu pudesse concluir essa jornada. Que companheira incrível!

Agradeço a meu prestimoso orientador, professor Felipe Ribeiro, que foi extremamente paciente, atencioso e sensível durante todo o mestrado. E também por topou o desafio de orientar uma pesquisa distante de sua especialidade, desempenhando essa função com solicitude, sabedoria e sensibilidade sem iguais. Agradeço às várias conversas, sempre úteis para a organização do meu pensamento.

Aos meus pais, Maria de Deus e Ferreira, que sempre apostaram no valor da educação como forma de vencer na vida. Sem o apoio de vocês, nada disso seria possível. Muito obrigado pela preocupação por acreditarem sempre em mim.

A fundamental colaboração da minha ex-aluna, Maria Júlia, que sempre muito responsável, estava disposta em ajudar. Obrigado pela dedicação na organização das entrevistas. Sua ajuda foi crucial.

À querida amiga Rejane, que topou ler o trabalho de maneira minuciosa em busca de detalhes que estivessem fora do lugar. Muito obrigado pelo apoio e disposição.

Aos colegas de trabalho, que foram bastante compreensivos com minhas ausências e sempre estimularam minha formação.

Agradeço aos professores Fernando e Renan, pela leitura atenta do meu texto e incentivo na banca de qualificação. As sugestões foram fundamentais para organizar os rumos do trabalho e caminhar para conclusão.

Aos professores das disciplinas cursadas, que foram essenciais para a elaboração deste trabalho final, assim como para minha vida profissional. Aprendi muito com cada um de vocês.

Agradeço também ao próprio PROFHISTÓRIA e a todos os envolvidos em sua criação e manutenção, pois sem esse programa talvez eu não tivesse realizado uma etapa tão significativa de formação profissional.

Aos meus alunos, que no final das contas, dão sentido ao nosso trabalho e nos fazem seguir em busca de mais conhecimento.

Aos colegas do mestrado, que compartilharam angústias, risadas, conselhos e acolhimentos. Além das conversas paralelas, foi muito bom dividir com vocês cada aula e trabalho.

Aos meus amigos mais próximos, que sempre que a coisa apertava, eram eles que estavam prontos para me ouvir, desopilar e dar total suporte. Obrigado por fazer valer a máxima “Quem tem um amigo tem tudo.”.

Ao primo Marcos (in memoriam), por servir como exemplo de estudioso, sempre em nossas conversas, estimulava que eu fizesse o mestrado.

Aos citados e àqueles que a memória teima em não lembrar, meu sincero agradecimento. Esta dissertação e o produto dela resultante carregam um pouco de vocês.

*"Isolado, confinado em suas
elucubrações solitárias, o filósofo jamais
poderá saber se alcançou a sabedoria
ou resvalou para a loucura"*

Roland Corbisier

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a possibilidade de utilizarmos as redes sociais para divulgar conhecimento histórico produzido pelos professores que cursaram o Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Para isso, o trabalho foi dividido em uma parte teórica e outra prática. Na parte teórica, foi feita uma revisão da literatura sobre os seguintes temas: comunicação científica, redes sociais, algoritmo e YouTube. A intenção foi dimensionar o debate sobre viabilidade do uso das redes sociais para fazer comunicação científica. E a conclusão, apesar das dificuldades, aponta para a possibilidade do YouTube como meio promissor para se fazer comunicação científica. A outra parte do trabalho, que é prática, consistiu na proposta de criar um canal no YouTube, de nome “Fala, Profhistóricos!”, para serem postadas as entrevistas feitas com os professores egressos do PROFHISTÓRIA. Nelas eles abordam sobre sua trajetória acadêmica, a pesquisa acadêmica que desenvolveram e a experiência de cursar o PROFHISTÓRIA. Além disso, com o intuito de estimular a autonomia e o protagonismo dos professores da educação básica, também foi elaborado um tutorial para docentes sobre como criar um canal no YouTube utilizando apenas um celular.

Palavras-chave: Comunicação Científica; Redes Sociais; Youtube; Ensino de História; PROFHISTÓRIA.

ABSTRACT

The present Master's Thesis aims to reflect on the possibility of using social networks to promote historical knowledge produced by teachers who attended the Master's Degree in History teaching course (PROFHISTÓRIA). For this, the work was divided into a theoretical and a practical part. In the theoretical part, the literature was reviewed about the following topics: scientific communication, social networks, algorithms, and YouTube. The intention was to scale the debate on the viability of the use of social networks for scientific communication. As for the conclusion, despite the difficulties, it points to the possibility of using YouTube as a promising way to create scientific communication. The other part of the work, which is practical, consisted of a proposal of creating a channel on YouTube, named "Fala, Profhistóricos!", in order to post interviews done with professors who had graduated from "PROFHISTORIA". In them, they talk about their academic journey, the scientific research developed by them and the experience of taking a course at "PROFHISTORIA". In addition, with the purpose of stimulating the autonomy and protagonism of Basic Education teachers, a short tutorial was created instructing how to create a channel on YouTube using only a smartphone.

Keywords: Scientific Communication; Social Networks; YouTube; History Teaching; PROFHISTÓRIA;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1- Como dar aulas de História utilizando YouTube	56
Figura 2- Como dar aulas de História da África com olhares "outros"	59
Figura 3- como trabalhar o tema da diversidade sexual nas aulas de História	62
Figura 4- Como dar aulas de História para alunos surdos em classes inclusivas	65
Figura 5- Como dar aula de História usando os desfiles das escolas de samba em escolas de privação de liberdade	67
Figura 6- Como usar os sambas-enredo nas aulas de História.....	69
Figura 7- Ensino de História da África: o protagonismo das mulheres Ibos na escrita literária de Flora Nwapa	71
Figura 8- Como dar aulas de educação patrimonial	74
Figura 9 - Ensino de História e os indígenas em contexto urbano	76
Figura 10- Como dar aulas de História a partir de trajetórias de africanos	78
Figura 11- O ensino de História e o potencial pedagógico da memória	80
Figura 12- Ensino de História, o samba e os usos dos conceitos de memória e identidade.....	83
Figura 13- Como utilizar os memes nas aulas de História	86
Figura 14- Como utilizar podcast nas aulas de História	89
Figura 15- Sugestões para o uso dos filmes da Marvel e DC nas aulas de História	91
Figura 16- Como utilizar o Patrimônio Escolar nas aulas de História	93
Figura 17- O Livro Didático e a religiosidade nas aulas de História	96
Figura 18- Como utilizar práticas Museais para construir narrativas históricas.....	98
Figura 19- Como utilizar as narrativas gráficas nas aulas de História.....	100
Figura 20- Como utilizar a Teoria da História como metodologia para o ensino de História	102
Figura 21- Como repensar as mulheres no Brasil Colonial nas aulas de História... ..	105
Figura 22- Como utilizar o jogo Tempos & histórias nas aulas de História	107
Figura 23- Como trabalhar a questão indígena nas aulas de História.....	109
Figura 24- Como utilizar a Alfabetização histórica na sala de aula	112
Figura 25- Como dar aulas de História utilizando a gameficação	115
Figura 26- Como dar aulas de História utilizando Educação Patrimonial.....	118
Figura 27- Local indicado para fazer login no YouTube	121
Figura 28- O endereço do site do YouTube que deve ser digitado	121
Figura 29- Local para inserir os dados de usuário ou criar um novo e-mail.	122
Figura 30- Os três pontos que indica o local para ser clicado e acessar as configurações do navegador Chrome.	123
Figura 31- Indica o local que é para clicar e mudar para o modo computador.....	123
Figura 32- Local indicado para acessar YouTube Studio.....	124
Figura 33 - Local indicado para clicar e acessar as configurações do YouTube.....	124
Figura 34- A opção "canal" que deve ser clicada.	125
Figura 35- Indicação do local para acessar as configurações.....	125
Figura 36- Local indicado para acessar a configuração avançada.....	126
Figura 37- A aba da configuração que deve ser clicada	127
Figura 38- Local indicado para verificar o número de telefone.....	128

Figura 39- Local indicado para personalizar o canal	129
Figura 40- Local indicado para customizar o Layout	130
Figura 41- Local indicado para publicar o Canal	131
Figura 42- Local indicado para publicar vídeos no canal	132
Figura 43- Local onde se deve clicar para escolher o vídeo que será postado.....	133
Figura 44- Local indicado para clicar e publicar o vídeo.	134

GRÁFICOS

Gráfico 1-Ranking dos 20 países com maior numero de usuários de redes sociais .	26
---	----

TABELAS

Tabela 1- Redes sociais mais utilizadas por Brasileiros.....	27
Tabela 2 - Ranking dos países que mais gastam tempo na internet.....	28
Tabela 3- Tempo gasto com redes sociais.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.....	18
2.1	A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA MEDIADA PELAS REDES SOCIAIS.....	23
2.2	YOUTUBE, ENSINO DE HISTÓRIA E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.....	39
3	O CANAL “FALA, PROFHISTÓRICOS”	51
3.1	GUIA DOS VÍDEOS DO CANAL “FALA, PROFHISTÓRICOS!”	53
4	COMO CRIAR UM CANAL NO YOUTUBE UTILIZANDO UM CELULAR ANDROID.....	120
4.1	TUTORIAL.....	121
4.2	SOFTWARES DE EDIÇÃO DE VÍDEOS E IMAGENS PARA CELULAR IMAGENS.....	125
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
6	REFERÊNCIAS.....	139

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe explorar o tema da comunicação científica, mediada pelo YouTube, com foco no ensino de História. Mas como e por que comunicar conhecimento histórico mediado pelo Youtube? Quais os limites e potencialidades dessa proposta? Ao longo do trabalho tentaremos responder a esses questionamentos.

O foco em específico na mídia social YouTube é oportuno devido a sua relevância e centralidade no atual contexto, já que é a rede social mais acessada no Brasil, onde as pessoas dedicam boa parte do tempo e com perspectiva de crescimento para os próximos anos.

Mas o interesse por esse tema partiu de duas inquietações: em 2019, quando me deparei com o edital do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), resolvi conhecer a dinâmica do programa de maneira mais detalhada. Uma das descobertas que prendeu minha atenção foi que, como trabalho de conclusão, é necessário entregar um “produto” de intervenção pedagógica pensado a partir da experiência do professor em sala de aula, ou seja, o professor tem que propor um trabalho que contribua para sanar algum problema que ele enfrente em sua prática cotidiana escolar (PROFHISTÓRIA, 2013).

Diante disso, já que a proposta é diferente do já conhecido mestrado acadêmico, tive a curiosidade de pesquisar alguns trabalhos dos egressos do programa para conhecer os resultados de suas pesquisas e seus respectivos “produtos”. Para minha surpresa, deparei-me com trabalhos interessantíssimos, bem fundamentados, práticos e que poderiam ser adaptados para a realidade de muitas escolas no país. Já que partiam, quase sempre, de uma experiência da sala de aula. Vi neles a solução para muitos problemas que enfrentamos em sala de aula. Logo em seguida, veio o questionamento: como é possível eu não ter visto isso antes?!¹ E a hipótese mais plausível que encontrei foi que faltava uma maior divulgação para o material produzido pelos egressos do PROFHISTÓRIA.

Mas ficou uma inquietação de que aquele material precisava chegar às mãos de mais pessoas e beneficiar um número maior de professores e, conseqüentemente,

¹ Na verdade, até sabemos os motivos: rotinas extenuantes, dificuldade para ter acesso à formação continuada, baixa remuneração, etc.

estudantes de licenciaturas por todo o país. Para tal empreitada, acreditamos que as mídias sociais podem ser um importante aliado para facilitar a vida dos professores de História. Esse é o primeiro apontamento que motiva essa pesquisa.

O segundo elemento que nos estimulou foi o seguinte: ao longo do dia, se pararmos para observar, gastamos um tempo razoável do nosso tempo com mídias sociais. Elas estão presentes em nosso cotidiano que temos até dificuldades de imaginar nossa vida sem elas. As pessoas utilizam (ou são utilizadas) para os mais diversos fins: para divertir, aprender algo, trabalhar, etc.

Certa feita, na sala dos professores de uma escola pública onde trabalho, em uma conversa entre os professores de História, pude observar que, por unanimidade, os professores utilizavam o YouTube de maneira informal para revisar assuntos, reforçar o conteúdo para repassar aos alunos.

Posteriormente, por meio do questionamento sobre canais do YouTube que utilizavam com frequência para auxiliar nas aulas, pude perceber que muitos dos canais citados eram voltados para estudantes, produzidos por estudantes e nem sempre com conteúdo feito por historiadores e/ou professores de História. Tratava-se de uma produção, em alguns casos, de qualidade duvidosa.

A realidade posta é que o uso do YouTube, por professores de História - e não só eles -, para aprender, revisar e reforçar conteúdo, é cada vez mais frequente. Diante de tal cenário, surgiu o questionamento: por que o conteúdo produzido nas universidades, que é bem rico, fundamentado e vasto, não se encontra facilmente acessível no Youtube para que os professores da educação básica possam enriquecer suas práticas? Até existem iniciativas, mas bastante tímidas e de pouco alcance.

Então, constatamos que de um lado temos, graças a sua relevância e pertinência, uma necessidade de maior divulgação dos trabalhos oriundos do PROFHISTÓRIA para um público que está fora dos muros da academia e não conseguem acompanhar o que está sendo produzido e, do outro lado, temos uma demanda crescente por material didático no YouTube que possam auxiliar os professores da Educação Básica em suas aulas, já que não lhe restam muito tempo, em função da rotina de trabalho, para produzir constantemente conteúdo a serem utilizados em suas aulas. É mais prático, em muitos casos, recorrer a uma aula resumida buscada no YouTube.

A partir desses dois elementos (constatação da necessidade de uma maior divulgação do material do PROFHISTÓRIA e uso constante do YouTube por dos colegas de trabalho) resolvemos propor um projeto, inspirado em um Canal no YouTube chamado “Conversações Filosóficas”², que possa tornar mais acessível os trabalhos do PROFHISTÓRIA e ao mesmo tempo, contribuir para facilitar a luta dos professores de História da Educação Básica. A solução que nos pareceu mais plausível foi o desenvolvimento de um canal no Youtube de nome “Fala, Profhistóricos!”, resultado de um projeto de extensão com duração de um ano, para divulgar o resultado das pesquisas do PROFHISTÓRIA que são sobre os temas mais diversos: Patrimônio, Memes, Quadrinhos, História da África, Podcast, Jogos, Guia para filmes, etc.

Mais especificamente, a proposta consiste em realizar o desenvolvimento do canal “Fala, Profhistóricos!”, para compartilhar “boas práticas”³ do PROFHISTÓRIA por meio de entrevistas realizadas com egressos do programa, onde eles possam responder a três questões centrais: falar sobre sua trajetória, da pesquisa e adaptabilidade para outras realidades, e sobre as vantagens em cursar o PROFHISTÓRIA. Em linhas gerais, a proposta é de um trabalho de comunicação científica mediado pela mídia social YouTube e seu acompanhamento.

Para atingirmos nossos objetivos, o trabalho será dividido em duas partes: um capítulo teórico de revisão da temática comunicação científica, redes sociais e o YouTube e, em um segundo momento, a proposta de um guia para os vídeos do canal “Fala, Profhistóricos!”, juntamente com um manual de orientações para criar um canal no YouTube utilizando apenas um smartphone, para os casos em que o professor queira criar o seu canal e produzir seu próprio conteúdo, possibilitando um maior protagonismo para os docentes e discentes.

O nosso produto se enquadra dentro da proposta da Rede Nacional do PROFHISTÓRIA (PROFHISTÓRIA, 2013), que é produzir algo que possa beneficiar alunos e professores por meio de intervenções pedagógicas. Então, ao tornar mais acessível a produção acadêmica oriunda do PROFHISTÓRIA, que é voltada para os

² Link do canal:

<https://www.youtube.com/c/CaioSoutoConversa%C3%A7%C3%B5esfilos%C3%B3ficas/featured>

³ Podemos entender como boas práticas o material produzido pelo PROFHISTÓRIA bem avaliados por seus pares em defesa pública e testado em sala de aula com bons resultados.

professores da Educação Básica, estamos beneficiando diretamente professores e alunos e contemplando o propósito do programa.

2 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Os termos divulgação científica e comunicação científica são frequentemente empregados como sinônimos. Mas, ao analisar de maneira mais exata, é possível perceber que existem diferenças fundamentais para melhor compreendê-las. O ponto de partida da informação, em sua maioria, é o cientista/pesquisador, mas o público alvo da mensagem é um tanto diferente. Ou seja, a comunicação praticada em ambos os casos é direcionada a públicos diferentes. De forma mais precisa, as distinções mais evidentes são em relação ao “(...) o perfil do público, o nível de discurso, a natureza dos canais ou ambientes utilizados para sua veiculação e a intenção” (BUENO, 2010, p. 2). Mas afinal, o que é divulgação científica e comunicação científica?

A divulgação científica é quando se tem o propósito de divulgar o conhecimento produzido pelos pesquisadores/cientistas para um público mais amplo e, em boa parte dos casos, leigos. É facilitar o entendimento daquilo produzido pelos cientistas e acadêmicos. Dito de outra forma, a linguagem acadêmica é transformada em algo mais compreensível para que, quem não é do meio acadêmico, consiga compreendê-la. Essa divulgação pode ser feita por cientista, acadêmico ou mediador.

Existem inúmeros exemplos de divulgação científica feitas por pessoas das mais diversas áreas do conhecimento de maneira exitosa. Por exemplo, por conta da pandemia da COVID-19, tivemos importantes e necessárias iniciativas que visavam esclarecer sobre o “desconhecido” vírus. Já que existia uma demanda enorme por informações e muita divulgação de desinformação. Dentre os diversos trabalhos, vale ressaltar a divulgação científica feita pelo brasileiro Átila Iamarino⁴, que passou a ter uma ampla audiência e servia/serve de guia para muita gente, devido a sua atividade de divulgador científico. Ele é um biólogo formado em microbiologia e doutor em virologia e desempenhou um papel importante ao divulgar e esclarecer, para o público mais amplo, informações úteis para o enfrentamento da pandemia.

No campo da História, temos diversos exemplos de divulgação científica. Merecem destaque dois casos detalhados na obra “História Pública e Divulgação de História” organizado por Ana Paula Tavares Teixeira e Bruno Leal Pastor de Carvalho

⁴ Átila Iamarino possuiu um canal no Youtube, intitulado com seu nome, com 1,58 mi de seguidores. Para conhecer mais sobre seu trabalho acessem: <https://www.youtube.com/@Atilalamarino>

(CARVALHO; TEIXEIRA, 2019): Leitura ObrigaHistória⁵ e Café História⁶. O Leitura ObrigaHistória, foi idealizado pelo historiador Icles Rodrigues e, posteriormente, passou a contar também com a historiadora Luana Jales e a antropóloga Mariane Pisani. Estão presentes no Youtube, com 378 mil inscritos, no Instagram, Facebook e podcast (que está presente em diversas plataformas). Eles falam de conceitos, fontes históricas, dicas de livros entre outros assuntos relacionados ao campo do historiador (RODRIGUES, 2019). É um canal que produz um material bem fundamentado e com boas evidências dentro dos critérios estabelecidos pelo campo da História. É importante destacar isso pelo fato de existirem inúmeros canais de qualidade duvidosa por não obedecerem a critérios mínimos de produção do conhecimento histórico.

Já o Café História, criado pelo historiador e comunicador Bruno Leal em 2008, tem como principal objetivo usar a internet e as chamadas “novas mídias digitais” para divulgar o conhecimento histórico para amplas audiências” (CARVALHO, 2019, p. 105). Após uma década de funcionamento, podemos afirmar que “o Café História hoje pode ser considerado o maior portal de divulgação científica em Língua Portuguesa especializado em História, na internet, alcançando até meio milhão de pessoas com suas publicações” (CARVALHO, 2019, p. 105–106). É um importante canal de divulgação daquilo que é produzido pelos historiadores para o grande público. O historiador é visto enquanto um divulgador. A divulgação passa a ser parte do ofício do historiador. O site conta com três editoriais: artigos, entrevistas e bibliografias. A periodicidade das publicações é semanal. Conta com um editor chefe, uma editora, uma estagiária e diversos colaboradores. Todo material publicado passa por revisão.

Mas a divulgação científica também pode ser nociva quando se utiliza do discurso de autoridade para defender interesses escusos, não tem rigor e preocupação ética. Ou então, quando processos complexos de produção da ciência passam a ser compartilhados em tempo real de maneira irresponsável, seletiva e com o intuito de confundir as pessoas, gerando desconfiança e a necessidade de esclarecimento o tempo todo. Em alguns casos mais atrapalha do que ajuda. O tempo da ciência é diferente, por exemplo, do tempo do noticiário. Tomemos como modelo a

⁵ Para mais informações acesse a página do Leitura ObrigaHistória no seguinte endereço eletrônico: <https://leituraobrigahistoria.wordpress.com/tag/podcast/>

⁶ Para mais informações sobre as atividades do Café História acesse o site: <https://www.cafehistoria.com.br/>

produção da vacina contra o COVID-19 e o controverso kit covid⁷. Muitos médicos, em nome de uma ideologia política, passaram a dialogar com o grande público desinformando a população e minando a confiança das pessoas em relação aos tradicionais espaços de produção científica. Esse processo de poluição dos ambientes informacionais acabou atrapalhando a disseminação de boas práticas.

Teve também o caso da suposta morte de um voluntário⁸ dos testes da vacina CoronaVac, em que o então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, aproveitou para tentar desacreditar as vacinas associando a morte de uma pessoa ao uso de determinada vacina. Tais exemplos servem para alertar que o processo de produção da ciência, nem sempre, deve ser publicizado em tempo real, pois pode acabar atrapalhando o processo.

Mas os exemplos bem-sucedidos de divulgação científica direcionam a atenção para a relevância do divulgador científico no processo de construção de uma cidadania mais plena e no desenvolvimento de uma cultura científica⁹. A comunidade acadêmica precisa priorizar, além do rigor, do método, da argumentação, etc a inclusão da divulgação como elemento fundamental. Firmar a divulgação como ponto importante do ofício do historiador e demais pesquisadores.

Já o segundo conceito, que é o de comunicação científica, é central para compreender essa pesquisa. Ela deve ser vista como o processo de troca de informações entre os pares. O foco aqui não é o grande público, mas um público específico e direcionado. É a divulgação da pesquisa entre um público especializado ou que tenha boas noções sobre o tema divulgado. Ela pode ser descrita da seguinte maneira:

A comunicação científica é um componente essencial para os avanços da ciência. E por mais importante que seja uma pesquisa, ela não trará contribuições para o progresso da ciência até que seja divulgada, discutida e aceita pela comunidade da área. O éthos da ciência é um

⁷ Kit Covid, amplamente difundido no Brasil como tratamento precoce para Covid-19, é composto por azitromicina, ivermectina e cloroquina. Hoje, já existem evidências suficientes para afirmar que o tratamento é ineficaz. O site da Associação Médica Brasileira diz que o uso de tais medicações devem ser banidos. Para mais informações, acesse: <https://amb.org.br/noticias/associacao-medica-brasileira-diz-que-uso-de-cloroquina-e-outros-remedios-sem-eficacia-contracovid-19-deve-ser-banido/>

⁸ Para mais informações sobre este episódio, acesse: <https://extra.globo.com/noticias/mundo/bolsonaro-comemora-suspensao-de-testes-da-coronavac-pela-anvisa-rv1-1-24738102.html>

⁹ A cultura científica deve ser entendida como algo voltado para a produção e socialização da ciência e não pode ficar restrita a pequenos grupos sociais.

complexo de valores e normas que se supõem necessários para o cientista moderno (RODRIGUES *et al.*, 2019, p. 130).

É perceptível sua relevância e diferença em relação à divulgação científica. Aquilo que é produzido pela academia precisa circular entre os pares para que, só assim, possa adquirir autoridade e reconhecimento. Expor o trabalho para ser criticado é um passo importante do processo de produção científica. Para tanto, a comunicação científica pode acontecer nos mais diferentes meios: revistas especializadas, congressos, repositórios acadêmicos, banco de dados, etc. Dentro os mais diversos exemplos de comunicação científica bem-sucedida, vale destacar o seguinte:

É o caso do Portal *Scientific Electronic Library Online* (SciELO, <http://www.scielo.org>), hoje importante fonte para pesquisadores e divulgadores científicos. Basicamente, é uma biblioteca eletrônica, resultante de projeto conjunto da FAPESP e do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) (BUENO, 2010, p. 6).

Um outro exemplo relevante é a Web of Science (WoS), “considerada a base onde estão os títulos de maior prestígio de todas as áreas do conhecimento, inclusive a História, assumindo assim que todos os periódicos e artigos atendem a critérios internacionalmente aceitos” (RODRIGUES *et al.*, 2019, p. 134).

Ao evidenciar as distinções entre divulgação científica e comunicação científica, é importante ressaltar que, embora pareça e, às vezes, se confundam, não são sinônimos, possuem funções e objetivos diferentes além de não serem hierarquizadas. E o presente trabalho direciona a atenção para a comunicação científica mediada pela rede social YouTube. É possível divulgar conhecimento histórico produzido pelo PROFHISTÓRIA para professores de História da educação básica por meio do YouTube? Os professores de História da educação básica utilizam o YouTube para se informar? E quem alimenta os canais de História no YouTube são pessoas rigorosas e comprometidas com preceitos básicos da produção do conhecimento? As respostas para as presentes perguntas serão respondidas ao longo do texto.

Outro destaque importante é o emprego dos termos “redes sociais” e “mídias sociais”¹⁰. Na última década houve um crescimento acelerado das plataformas de

¹⁰ Caso tenha interesse em conhecer melhor as distinções, leia um breve texto da professora Raquel Recuero disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/midia_x_rede_social.html

mídias sociais dos mais variados tipos. José Van Dijck (2013) destaca algumas categorias. Dentre elas, vale destacar duas: “social network sites” (SNSs) e “user-generated content” (UGC). A primeira delas objetiva conectar as pessoas (ou grupos) em redes por meio de perfis, ou seja, criar e fortalecer relações entre indivíduos ou grupos. Temos como exemplo: Twitter, Facebook, LinkedIn, entre outros. Já os sites de mídias sociais UGC, são focados em conteúdos gerados pelos usuários. Promovem uma cultura colaborativa com boa dose de criatividade. Como maior destaque, temos: Youtube, Wikipedia, Flickr. É importante frisar que as fronteiras entre essas categorias não são estanques. Elas são porosas. Os SNS podem utilizar produtos que precisam de criatividade. É comum as pessoas criarem conteúdo para serem publicados, também, no Facebook, por exemplo, e os sites UGC podem funcionar como rede social. O Youtube pode muito útil, em muitos casos, criar verdadeiras comunidades que compartilham de interesses específicos e ser enquadrado como SNS (VAN DIJCK, 2013, p. 8–9). Portanto, apesar das diferenças, o emprego dos termos mídia social e rede social, serão vistos como sinônimos ao longo do texto, já que o foco do trabalho é o Youtube e o conjunto de dinâmicas que ele possibilita engloba as duas noções.

E, por último, vale ressaltar que o presente trabalho não tem a intenção de debater a questão da inclusão digital no Brasil. Apesar do tema ser muito relevante e da persistência de profundas desigualdades merecer toda atenção, o país conseguiu avanços em quantidade, qualidade do acesso e maior habilidade do usuário para navegar. Hoje o Brasil conta com 152¹¹ milhões de usuários conectados, segundo o comitê gestor da internet no Brasil – CGI.br¹².¹³ Ainda conforme o Comitê Gestor da Internet no Brasil, no final do ano de 2020, o acesso à internet se desenvolveu 7% nos

¹¹ Há pesquisas que afirmam que o Brasil, em janeiro de 2021, consta com 160 milhões de usuários. Para mais informações acesse: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>

¹² “O Comitê Gestor da Internet no Brasil, responsável por estabelecer diretrizes estratégicas relacionadas ao uso e desenvolvimento da Internet no Brasil, coordena e integra todas as iniciativas de serviços Internet no País, promovendo a qualidade técnica, a inovação e a disseminação dos serviços ofertados” (NIC.BR, [s. d.]). Para mais informações, acesse: <https://www.cgi.br/noticia/releases/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/>

¹³ “O Comitê Gestor da Internet no Brasil, responsável por estabelecer diretrizes estratégicas relacionadas ao uso e desenvolvimento da Internet no Brasil, coordena e integra todas as iniciativas de serviços Internet no País, promovendo a qualidade técnica, a inovação e a disseminação dos serviços ofertados” (NIC.BR, [s. d.]). Para mais informações, acesse: <https://www.cgi.br/noticia/releases/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/>

últimos dois anos, fazendo com que 81% da população, com mais de 10 anos, tenha o serviço em casa.

Além disso, existe uma razoável quantidade de estudos que chamam a atenção para tal problema. Portanto, é mais oportuno abordar a questão da exclusão algorítmica. Será que as pessoas, ao utilizarem as mídias sociais, têm consciência do poder de direcionamento do algoritmo¹⁴? A resposta para tal questionamento será tratado, de maneira mais detalhada, nos tópicos seguintes. Mas o fato é que se trata de tema muito importante e pouco debatido. Vale ressaltar que não se trata de querer culpar responsabilizar o indivíduo por uma possível falta de consciência algorítmica.

2.1 A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA MEDIADA PELAS REDES SOCIAIS

A pandemia que assolou o mundo em 2020, provocada pela Covid-19, provocou uma explosão de lives nas redes sociais. O público acadêmico passou a dar aulas, cursos e palestras por meio das redes sociais com uma frequência bem maior. O meio se apresenta de maneira promissora para transmitir informação para um público específico. Ocorreu um maior interesse e, conseqüentemente, houveram impactos que fazem lembrar o surgimento da imprensa. Então, a proposta deste tópico é analisar os impactos e possibilidades decorrentes do uso das novas mídias como meio para se fazer comunicação científica.

Meadows (1999, p. 3) descreve que não é possível precisar quando ocorreu pela primeira vez a comunicação científica. Ele direciona nossa atenção para os gregos antigos, por dominarem a fala e a escrita. Mas o surgimento da imprensa e aumento da capacidade de produção de livros, teve um impacto considerável no processo de comunicação científica, pois serviu de modelo, por exemplo, para as futuras revistas científicas. Foi na primeira metade do século XVII que surgiram as primeiras revistas científicas. E o primeiro periódico científico foi o *Journal des Sçavans*, que surgiu em Paris em 1665. Desse ponto em diante, começam a surgir

¹⁴ Os algoritmos são tecnologias lógicas criadas por engenheiros de dados, matemáticos e programadores. Viraram uma infraestrutura invisível para usuários da internet que, consciente ou inconsciente, seguem suas instruções. Ele influencia na entrega de informações por meio de mecanismos de pesquisas, mídias sociais e serviços de streaming. O poder é tão grande que alguns acreditam que ele pode afetar a vida pública, democracia e destruir relações (GRAN; BOOTH; BUCHER, 2020, p. 1). Os algoritmos implementam regimes de poder e conhecimento (KUSHNER, 2013).

publicações para áreas específicas. Surgiu a era dos periódicos especializados publicados.

O quadro só mudará de maneira mais significativa após o surgimento das novas tecnologias da informação, na segunda metade do século XX, segundo afirma Leonardo Simonini Ferreira (2017, p. 26). Por exemplo, em 2020, durante o período de suspensão das atividades devido a pandemia do novo Coronavírus, a UFBA realiza pela primeira vez um Congresso Virtual¹⁵ com as atividades disponibilizadas no YouTube. O resultado foi surpreendente e superou todas as expectativas em números de participantes, interações e palestras, etc.

No século XXI, além do modelo tradicional de periódicos, com o advento das mídias sociais, o campo da comunicação científica sofreu, novamente, profundas transformações. Surgiram inúmeras possibilidades para troca de informação entre os pares. Aqui cabe um parêntese para alguns dados sobre redes sociais que denotam sua pertinência e relevância.

É inegável a relevância que as redes sociais possuem na atualidade, seja de maneira positiva ou negativa. Existem inúmeras pesquisas acerca das mais acessadas, sobre o número de usuários e quantidade de horas que passam conectados por dia. Apesar da divergência em alguns dados, todas elas convergem para uma forte presença das redes sociais na vida das pessoas.

Estima-se, segundo dados da pesquisa promovida em julho de 2021, pelo *Hootsuite* juntamente com a agência *We Are Social*, termos no mundo 4,48 bilhões de pessoas conectadas¹⁶. Dados de janeiro de 2021¹⁷, mostram que o país possui 150 milhões de usuários. Com um crescimento de 7,1% entre 2020 e 2021.

Um outro levantamento, realizado em 2021 pela plataforma de desconto CUPONATION, juntamente com o Banco Internacional de Estatísticas - Statista¹⁸, aponta para a mesma direção: crescimento do número de usuários para os próximos anos. Neste levantamento, que é um ranking que listou os 20 países com maior número de usuários de redes sociais no mundo, o Brasil ocupa o 5º lugar com 159 milhões usuários, representando 72,2% dos habitantes do país. A região Sudeste é a

¹⁵ Para mais informações acesse: <http://www.inscricaocongresso2020.ufba.br/>

¹⁶ Para mais informações acesse: <https://wearesocial.com/us/blog/2021/07/digital-audiences-swell-but-there-may-be-trouble-ahead>

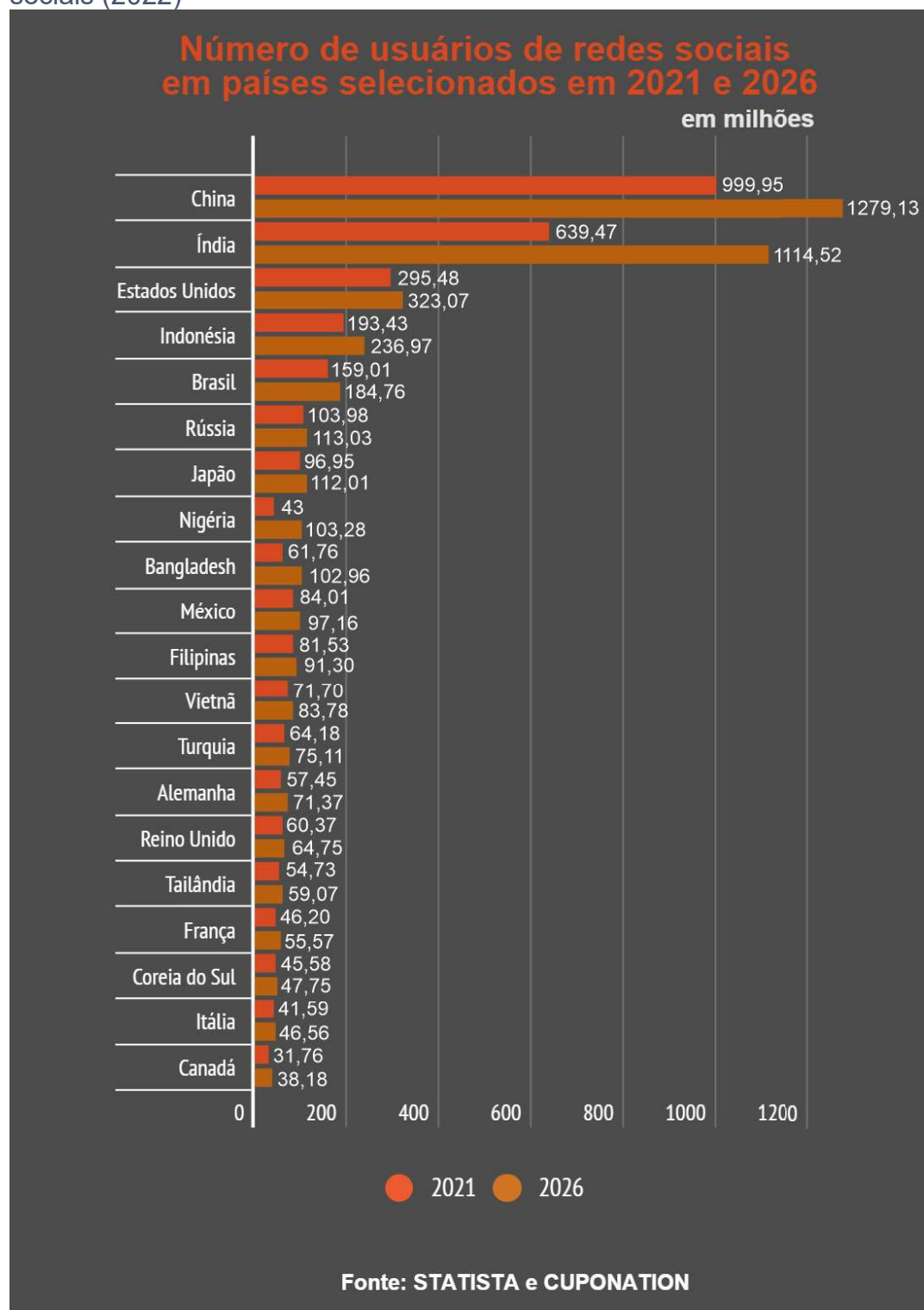
¹⁷ Dados retirados da pesquisa divulgada em janeiro de 2021 pela We Are Social e HootSuite. Para mais informações acesse: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>

¹⁸ Para mais informações acesse: <https://www.cuponation.com.br/insights/redessociais-2021a2026>

que possui a maior taxa: cerca de 78% dos usuários de internet utilizam redes sociais (confira o ranking dos 20 países com maior número de usuários das redes sociais no Gráfico 1)

Vale destacar ainda, que, em um intervalo de 5 anos, a partir de 2021 até 2026, a tendência é crescimento desse mercado. Com destaque para a China, que desponta como o maior mercado de redes sociais do mundo. Ela possui quase 1 bilhão de usuários e, nos próximos 4 anos, atingirá a marca de 1,2 bilhões de usuários. Em seguida aparecem a Índia e os Estados Unidos, em segundo e terceiro lugar, respectivamente. Já no Brasil, a estimativa é de um crescimento de 16,18%. Reforçando a narrativa de que o mercado das redes sociais ainda está em crescimento. A tendência é de mais pessoas inseridas nesse mundo.

Gráfico 1-Ranking dos 20 países com maior número de usuários de redes sociais (2022)



Fonte: STATISTA; CUPONATION, 2022. Disponível em:
<https://www.cuponation.com.br/insights/redessociais-2021a2026>. Acesso em: 22 fev. 2023.

E nesse universo que envolve milhões de usuários brasileiros, a tabela abaixo informa o percentual de usuários das redes sociais mais populares no país. O YouTube continua sendo a rede preferida do público.

Tabela 1- Redes sociais mais utilizadas por Brasileiros (2022)

AS REDES SOCIAIS MAIS UTILIZADAS POR BRASILEIROS		
1	YOUTUBE	89%
2	INSTAGRAM	85%
3	FACEBOOK	84%
4	TIK TOK	49%
5	PINTEREST	37%
6	TWITTER	36%
7	SNAPCHAT	15%
8	TWITCH	9%
9	REDDIT	6%
10	TUMBLR	5%
11	HELLO	3%
12	FLICKR	2%
13	QUORA	2%
14	WECHAT	2%
15	MEWE	1%
16	OUTROS	7%

Fonte: CONVERGENCIA DIGITAL, 2022.

Disponível em:

<https://www.convergenciadigital.com.br/Internet/No-Brasil%2C-159-milhoes-usam-redes-sociais-diariamente.-YouTube-e-o-campeao-59919.html?UserActiveTemplate=mobile>. Acesso em: 20 fev. 2023

E como esses usuários gastam seu tempo nas redes sociais? Segundo levantamento da Sortlist¹⁹, o Brasil é o segundo país no mundo que mais gasta tempo na internet (tanto para trabalho e lazer). Por dia, o tempo conectado é de 10 horas e 8 minutos. Deste total, 4 horas e 51 minutos o acesso é via computador e 5 horas e 17 minutos via smartphone. No ano de 2015, os usuários entre 16 e 64 anos passavam em média 6 horas e 20 minutos por dia conectados à internet. Em comparação com o ano de 2020, o número saltou para 6 horas e 54 minutos, configurando um aumento de mais de 8%; e figura ainda em terceiro lugar no ranking de países que mais gastam tempo nas redes sociais. Os brasileiros gastam 3 horas e 42 minutos por dia. O tempo gasto só em redes sociais, convertidos para dias, equivale a 56 dias por ano. Ficam atrás somente de usuários das redes sociais nas Filipinas e na Colômbia.

Tabela 2 - Ranking dos países que mais gastam tempo na internet (2019-2020)

Classificação	Bandeira	Países	Tempo gasto usando a internet		Tempo total gasto nas redes sociais	
			Por dia	Por ano	Por dia	Por ano
1		Filipinas	10:56	166 dias	04:15	65 dias
2		Brasil	10:08	154 dias	03:42	56 dias
3		Colômbia	10:07	154 dias	03:45	57 dias
4		África do Sul	10:06	154 dias	03:32	54 dias
5		Argentina	09:39	147 dias	03:22	51 dias
6		Malásia	09:17	141 dias	03:01	46 dias
7		México	09:01	137 dias	03:27	52 dias
8		Indonésia	08:52	135 dias	03:14	49 dias
9		Taiilândia	08:44	133 dias	02:48	43 dias
10		Taiwan	08:08	124 dias	01:56	29 dias

Fonte: SORTLIST, 2022. Disponível em: <https://www.sortlist.com/blog/your-digital-year/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

¹⁹ Para mais informações acesse: <https://www.sortlist.com/blog/your-digital-year/>

Na tabela abaixo seguem mais dados sobre como esse tempo gasto com as redes sociais está distribuído entre elas.

Tabela 3- Tempo gasto com redes sociais (2019-2020)

Classificação	Aplicativo	Categoria	Tempo médio por mês	Tempo médio por ano
1	 Youtube	Transmissão de vídeo	23 horas, 12 minutos	11 dias, 14 horas
2	 Facebook	Mídia social	19 horas, 30 minutos	9 dias, 18 horas
3	 Whatsapp	Mídia social	19 horas, 24 minutos	9 dias, 17 horas
4	 VK	Mídia social	13 horas, 54 minutos	6 dias, 23 horas
5	 TikTok	Mídia social	13 horas, 18 minutos	6 dias, 16 horas
6	 Linha	Mídia social	10 horas, 36 minutos	5 dias, 6 horas
7	 Instagram	Mídia social	10 horas, 18 minutos	5 dias, 4 horas
8	 YouTube Go	Transmissão de vídeo	9 horas, 30 minutos	4 dias, 18 horas
9	 WhatsApp Business	Mídia social	9 horas, 18 minutos	4 dias, 16 horas
10	 Leitor MX	Transmissão de vídeo	7 horas, 36 minutos	3 dias, 19 horas
11	 Netflix	Transmissão de vídeo	7 horas	3 dias, 12 horas
12	 YouTube Kids	Transmissão de vídeo	6 horas, 12 minutos	3 dias, 2 horas
13	 Twitter	Mídia social	5 horas, 36 minutos	2 dias, 19 horas
14	 Contração muscular	Transmissão de vídeo	5 horas, 6 minutos	2 dias, 13 horas
15	 Hotstar	Transmissão de vídeo	4 horas, 30 minutos	2 dias, 6 horas
16	 Voot	Transmissão de vídeo	4 horas, 12 minutos	2 dias, 2 horas
17	 Amazon Prime	Transmissão de vídeo	3 horas, 42 minutos	1 dia, 20 horas
18	 Telegrama	Mídia social	2 horas, 54 minutos	1 dia, 11 horas

Fonte: Fonte: SORTLIST, 2022. Disponível em: <https://www.sortlist.com/blog/your-digital-year/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

No tocante a faixa etária, o grupo entre 16 e 24 anos são os que mais utilizam redes sociais no Brasil. Mais de 92% dos usuários deste público checam as redes pelo

menos uma vez ao mês, sendo que grande maioria utiliza diariamente. Porém, o Youtube é a rede social mais utilizada pelos brasileiros: cerca de 96,4% dos internautas entre 16 e 64 anos, utilizaram-no pelo menos uma vez no último mês.

Com notório crescimento no número de usuários e quantidade de horas gastas com as redes sociais, surgem implicações sociais, culturais, econômicas e comunicacionais. Elas introduziram novas dinâmicas sociais. Estamos cada vez mais conectados e dependentes de seus serviços que utilizam redes sociais. São poucos os que resistem sem utilizar redes sociais diariamente. Hoje é difícil imaginar a vida sem as redes sociais. Tudo isso implica em impactos positivos e negativos para o indivíduo e a comunidade. É um lucrativo negócio²⁰ que movimenta a economia com interesses que passam por manipulação de dados comportamentais de usuários, ameaças às democracias e uma intensa necessidade de estar sempre conectado.

Também temos maior facilidade para o desenvolvimento de uma cultura colaborativa, compartilhar interesses, proximidade com pessoas distantes e maior autonomia no polo de emissão da informação. A comunicação pública foi profundamente alterada. Aquela relação que antes acontecia de maneira privada, como o compartilhamento de uma viagem, na atualidade, as fotos são postadas nas redes e têm um enorme alcance. O público e o privado se confundem.

Os efeitos afetaram, inclusive, a maneira como os cientistas se comunicam, já que eles estão inseridos em uma sociedade que é grande consumidora de redes sociais. O ambiente acadêmico passa por profundas transformações. O modelo de periódico tradicional, em suporte de papel, mudou para um sistema eletrônico muito mais confiável. É o surgimento de um novo paradigma comunicacional que exige novas funções e habilidades. Essa é a tese defendida por Julie M. Hurd (2000). De fato, é inegável que, com o “sistema eletrônico”, se tem, por exemplo, um melhor rastreamento, compartilhamento das informações, aumento da transparência e confiabilidade das pesquisas.

A relação entre o uso das novas tecnologias para comunicação científica tem como consequência um aumento das interações dentro das comunidades científicas, conforme apontou Sely M. S. Costa (2000) na conclusão de seu texto *Mudanças no*

²⁰ No dia 04 de outubro de 2021, o Facebook, Instagram e WhatsApp ficaram algumas horas fora do ar. Estima-se, que só no Brasil, o prejuízo foi de 24,7 milhões de dólares. Para saber mais clique em: <https://www.hardware.com.br/noticias/2021-10/brasil-foi-o-pais-que-sofreu-o-maior-prejuizo-com-a-pane-do-facebook-instagram-e-whatsapp.html>

Processo de Comunicação Científica: o impacto do uso de novas tecnologias. Vale lembrar que tal processo não ocorre de maneira automática. É preciso adaptar-se para atender a essas novas exigências e, saber tirar proveito das mídias sociais, em benefício da comunicação científica, é necessário e fundamental. Para tanto, é preciso entender, de maneira mais aprofundada, o que são mídias sociais e suas dinâmicas. Já que as mudanças ocorrem de maneira dinâmica e “viral”.

Em 1991 surge a World Wide Web, dando início a uma nova forma de comunicação em rede. Como exemplo, temos e-mails, sites, comunidades, etc. Mas não existia uma conexão automática entre os indivíduos no ambiente online. Somente no fim da década de 90 e início de 2000, surge a WEB 2.0, com uma proposta diferente e provocando mudanças significativas. A ideia consistia em maior interação entre amigos mediada pelo ambiente online. A comunicação agora passou a ser uma via de mão dupla que permitia troca de conteúdo comunicativo entre os usuários. E essa novidade abriu caminho para uma série de novidades que, em pouco tempo, caiu no gosto dos usuários (VAN DIJCK, 2013, p. 5–7). Assim tem início a era das mídias sociais, com o surgimento e consolidação de diversas redes sociais. A distinção entre “atual x virtual”, como teorizou Pierre Lévy(1996), não existe mais. O online passou a ser tão real quanto o offline (MILLER *et al.*, 2016, p. 7).

Para compreender sobre redes sociais, a contribuição de danah boyd²¹, que é uma das pioneiras nos estudos sobre o tema se faz necessária. Em um artigo que virou um clássico para temática, intitulado *Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship* (BOYD; ELISSON, 2007), ela nos fornece uma definição genérica, um breve histórico das redes sociais e um resumo dos trabalhos acadêmicos que abordam o tema antes de 2007²². Ela mostra que as redes sociais, em seu início, eram sites utilizados como uma rede extensiva de amizades. Servia para reencontrar amigos e amigos de amigos. Posteriormente, tais sites tornaram-se as redes sociais.

A definição que ela utiliza em seu texto é a seguinte: sites de redes sociais, alojados na web, permitem aos indivíduos: a criação de perfis; compartilhar uma lista de usuários; e ter acesso a lista de conexões feitas por outras pessoas, ou seja, é uma rede de contatos que utiliza sites ou plataformas na web para atingir tais

²¹ A grafia com iniciais minúsculas não é erro de digitação. Ela escolheu usar o nome de seu avô materno e mudou a grafia para iniciais em minúscula.

²² Vale destacar que danah boyd mantém um site (<http://www.danah.org/researchBibs/sns.php>) com uma vasta bibliografia online, em que qualquer pessoa que estuda mídia social pode compartilhar suas publicações. Em março de 2021, contava com 671 trabalhos listados.

objetivos. Na prática, representa a possibilidade de ter uma interação entre amigos facilitada pelo ambiente digital. Neste início, conhecer pessoas não era o objetivo principal. Era mais voltada para se aproximar de quem já se conhecia, offline.

Aqui cabe uma distinção importante feita por danah boyd: é comum as pessoas confundirem sites de redes sociais com as redes sociais de contatos que já existiam antes, até mesmo da internet, como forma de um grupamento de pessoas. É o popularmente conhecido "networking". Mas, segundo ela, a diferença consiste na questão da ênfase e no objetivo. O "networking" como o conhecemos, geralmente, foca no início do vínculo entre pessoas que eram desconhecidas. Já os sites de redes sociais, embora tenham os elementos citados anteriormente, a interação acontece de maneira mais forte entre pessoas que compartilham algo fora da web (BOYD; ELISSON, 2007, p. 211). Como exemplo, basta lembrar das primeiras redes sociais: o interesse não era, necessariamente, conhecer novas pessoas, mas reencontrar amigos que, por alguma razão, não tinham um contato mais direto.

Portanto, as redes sociais²³ passaram a fazer parte do cotidiano de maneira quase automática. É tão presente que, em muitos casos, as crianças (e também animais), ao nascerem, já ganham um perfil de usuário administrado por um responsável. Diante disso, por ser tão intuitivo, o presente trabalho não descreve a forma de ingresso, funcionamento, funções de cada rede social. Mas é importante conhecer, de forma crítica e breve, um pouco sua história e algumas mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Ainda seguindo os passos da danah boyd (2007), podemos afirmar que a rede social pioneira foi a SixDegrees.com, criada em 1997. Seu diferencial era a combinação que permitia a criação de perfil e listar seus amigos. Anteriormente, até encontrava-se experiências parecidas, mas não os dois serviços (criação de perfil e listagem de amigos) disponíveis em uma única plataforma digital. O objetivo da SixDrees era conectar pessoas e trocar mensagens entre elas. Em partes, foi exitosa e chegou a ter milhões de usuários, mas não chegou a ser um negócio rentável e teve que encerrar suas atividades em 2000. Acredita-se que as pessoas, ao se conectarem, não tinham muito o que compartilhar. Ficava a pergunta: "sim, estou conectado, e depois?" Até 2001, surgiram diversos sites de redes sociais que tentavam articular essa rede de "amigos" e ao mesmo tempo torná-la interessante,

²³ De agora em diante, sempre que for citado nas redes sociais, entenda como sites ou plataforma de redes sociais que utilizam web. Dito de outra forma, é o entendimento corrente nos dias atuais.

por exemplo: AsianAvenue, BlackPlanet, MiGente, Cyworld, entre outros. É o que ficou conhecido como a primeira onda de mídias sociais.

A segunda onda começou com o Ryze.com, Tribe.net, LinkedIn e Friendster a partir de 2001. Com forte presença de investidores, empresários e profissionais de TI, as redes sociais ganham nova roupagem e oferecem novas propostas. A exemplo, o Friendster tem uma história bem curiosa. Iniciou suas atividades em 2002 e tinha uma proposta inovadora. Os sites de relacionamento, em geral, têm a proposta de fazer as pessoas se conectarem com outras pessoas com interesses em comum, que geralmente ocorre entre estranhos. Mas o Friendster inovou e tentou conectar amigos de amigos e, assim, quebrar a barreira do medo de se relacionar e se expor para um completo “estranho”. No início fez maior sucesso, mas esbarrou em dois problemas: dificuldades técnicas e sociais.

Na parte técnica, os servidores não estavam preparados para suportar muitos usuários e, portanto, gerava muitos problemas. A demanda foi maior do que a oferta e isso desencadeou uma série de transtornos e insatisfações; no tocante à questão social, ao aproximar amigos de amigos, as pessoas acabavam esbarrando em pessoas próximas de sua rede de contato, inviabilizando uma maior troca de intimidade. O risco de se expor para alguém conhecido era um grande receio. Assim, para fugir e tentar escapar de alguns conhecidos, surgiram vários perfis falsos e uma quebra de confiança entre os usuários e o site.

Alguns integrantes de bandas também foram expulsos por violarem regras. Essa insatisfação acabou promovendo a decolagem de outras redes sociais. Temos como exemplo, o surgimento e crescimento da rede social MYSpace, em 2003, que vai atrair um público mais jovem e interessados em se conectar com sua banda musical favorita. Ela não foi criada com esse objetivo multimídia, mas acabou sendo direcionado para tal caminho. Em 2005, o site foi vendido por 580 milhões de dólares e, posteriormente, foram acusados de permitir a interações sexuais de adultos e menores²⁴ e passaram por uma série de problemas.

O mais importante é observar a efervescência de diversas redes sociais nos mais variados lugares do mundo. Temos o exemplo do Orkut, que surgiu nos Estados Unidos em 2004, mas em pouco tempo vira uma rede com predominância de usuários brasileiros. Essa apropriação é muito comum. Surgiu também o Facebook, em 2004,

²⁴ A própria danah boyd (2007, p. 217) sugere que as preocupações eram exageradas.

que é uma rede social, a princípio, voltada para um público interno da universidade de Harvard. Atualmente é uma das maiores empresas do mundo no segmento. Facebook lidera o ranking de sites de redes sociais mais acessados. Já em 2005 surge o YouTube com uma proposta de compartilhar vídeos e, hoje, é uma das plataformas de redes sociais com maior número de acessos. É a segunda plataforma mais acessada. Em 2006, aparece o Twitter com uma proposta inovadora de comunicação por meio de 140 caracteres (atualmente esse número foi ampliado). Também é relevante evidenciar o surgimento do Instagram, que começa a operar em 2010 e se torna uma rede social focada no compartilhamento de imagens que podem ou não, ter efeito de filtros. Ainda existem/existiram inúmeras outras redes sociais, mas por questão de delimitação, presença e relevância, foram elencadas apenas as de maior destaque no cenário brasileiro. Esse breve histórico das redes sociais nos evidencia alguns pontos: rápido crescimento das redes sociais; disseminação em escala global; formação de oligopólios, capacidade de adaptação e imprevisibilidade.

Mas não se trata apenas do surgimento de um meio, mas da adaptação da sociedade a esse meio. Basta lembrar que antes das redes sociais, a sociedade era adaptada ao modelo da TV, que era um tanto passiva. A relação era de mão única. O polo de emissão era concentrado. Com a internet e as mídias sociais, o polo de emissão perdeu o monopólio e a informação passou a ser disseminada por qualquer pessoa com acesso à internet e a dispositivos eletrônicos. A produção de informação cresceu tanto que, atualmente, um dos principais desafios, é criar uma sociedade que precisa aprender a buscar e filtrar as informações. Se durante muito tempo tivemos problemas com escassez de informação, hoje, o processo é oposto. Já temos informação em demasia.

Diante desse quadro, as mais diversas empresas e segmentos que eram consolidados antes das mídias sociais, acabaram migrando para as redes sociais para que pudessem fazer parte dessa ampliação. Como exemplo, temos o jornalismo, que tradicionalmente informava, via papel impresso ou televisão e, hoje, desloca-se para mídias sociais e utiliza de seus recursos para manter um vínculo informacional com os usuários.

As universidades e o ambiente acadêmico devem agir de maneira ativa nesse processo. Não podem prescindir das redes sociais para melhor divulgarem suas pesquisas, seja entre pares ou para um público mais amplo. O mais relevante é que se tenha consciência da sua importância e efetividade. O conteúdo das universidades

não pode estar desconectado das redes sociais. Hoje a sociedade é mais ativa e proativa na lida com a informação. O modelo passivo já não se aplica. Portanto, é importante para a academia entregar conteúdos que promovam maior interatividade.

Também é necessário saber alimentar essas redes sociais e atingir o nicho específico. Não basta apenas criar um perfil. E sim, como se destacar nesse oceano informacional? Para responder, é preciso entender o que guia a lógica de funcionamento das redes sociais. Mesmo estando em constante transformação e adaptação, é necessário ter consciência de que existem algumas variáveis que, em muitos casos, são guiadas pelo interesse econômico e manipuladas pelos algoritmos.

Cabe um aprofundamento maior sobre os algoritmos. O professor de História e editor chefe do Café História, Bruno Leal (2021), em uma apresentação intitulada História e Divulgação Científica [os desafios de um editor em tempos de história pública], que ele fez para o canal Oficinas de História²⁵, em um dado momento vai nos alertar sobre a relevância de olharmos para os algoritmos de maneira mais cuidadosa. Ele afirma que a questão do algoritmo “é muito importante dentro de um contexto de História Digital, História Pública, Divulgação Científica”, (acrescentaria a comunicação científica), por conta das implicações decorrentes da interferência do campo da programação e da inteligência artificial em todo esse processo.

Segundo ele, algoritmos são códigos de programação criados para solucionar problemas. As redes sociais, por exemplo, precisam dos algoritmos para auxiliar as pessoas em suas buscas. São filtros combinados para, diante de uma quantidade enorme de informações, oferecer algo de maneira mais específica. Na prática, um caso onde o algoritmo pode ser útil: supondo-se que seja necessário buscar um restaurante para jantar no Piauí. Geralmente as pessoas digitam no site de busca ou determinada rede social. Sem ajuda do algoritmo, seria muito difícil. Mas ao digitar o nome restaurante no mecanismo de busca, automaticamente o algoritmo já vai fazer inúmeras combinações, cálculos, e filtros e oferecer resultados mais próximos do que se busca. Difícilmente irão aparecer sugestões de restaurantes de outros estados. Então, aqueles algoritmos que conseguirem entregar melhores resultados, serão os algoritmos mais eficazes.

Procedimento parecido ocorre quando se faz uma busca em base de dados acadêmicas e aplicamos vários filtros. Filtrar por: tema, autor, ano, relevância, etc. O

²⁵ Link para acessar o canal: https://www.youtube.com/channel/UC57Tg_navKDXMN6-3hyow7Q

objetivo é, diante de muita informação, encontrar aquilo que de fato interessa. A diferença, é que o algoritmo tenta oferecer o melhor resultado sem a necessidade de filtros. Observem na página inicial do YouTube a quantidade de vídeos sugeridos. Geralmente têm relação com algo que já foi visto anteriormente ou foi pesquisado. A intenção é facilitar a vida das pessoas.

Mas, para serem oferecidos para as pessoas, estes conteúdos precisam obedecer a uma série de critérios que vão desde periodicidade das publicações, maior número de visualizações a interações, etc. Essas regras algorítmicas passam por constantes transformações.

Com a expansão das redes sociais, também surgem os problemas decorrentes do seu uso massivo. Em uma perspectiva mais crítica e menos positiva, é importante ter um olhar mais atento e crítico à questão dos algoritmos (GRAN; BOOTH; BUCHER, 2020; KITCHIN, 2017; KLAWITTER; HARGITAI, 2018; PARK; HUMPHRY, 2019);. Muito se fala da visibilidade que as mídias sociais proporcionam, mas Taina Bucher (2012), em um trabalho pioneiro sobre o poder dos algoritmos, vai apontar para a questão da invisibilidade no Facebook. Ela defende o argumento de que, ao contrário da noção de vigilância e, conseqüentemente, constante visibilidade e controle, abordada inclusive por Foucault no conceito de panóptico²⁶, com os algoritmos, temos a lógica inversa: uma possibilidade constante de desaparecimento e ameaça de invisibilidade. Além do fato dos algoritmos serem um tanto obscuros. Não se sabe com clareza como eles funcionam e exercem seu poder sobre nós.

Anne-Britt Gran, Peter Booth e Taina Bucher (2020), em uma pesquisa realizada na Noruega, questionam se as pessoas, ao utilizarem as mídias sociais, têm consciência do poder do algoritmo. Até porque eles estão longe de serem dispositivos neutros. Sabemos que, implicitamente, existe uma lógica com interesses duvidosos. E, até que ponto esses interesses contribuem, por exemplo, para a perpetuação de desigualdades sociais, raciais, de gênero, etc, já que os algoritmos desempenham um papel que afeta a vida pública.

Seu estudo aponta que existe uma assustadora falta de consciência algorítmica dos usuários. Os resultados da pesquisa sugerem que 61% da população norueguesa afirma não ter nenhum ou ter baixo conhecimento de algoritmos. Evidencia-se, com

²⁶ Embora o conceito não tenha sido criado por Michel Foucault, foi com ele que se tornou mais popular. O panoptismo nada mais é do que uma sociedade disciplinada pela vigilância. Dito de outra forma, é uma maneira de impor comportamento por meio da sensação de ser observado.

isso, um nível de exclusão digital, o das “habilidades algorítmicas”²⁷, que é mais sutil e provoca uma distribuição desigual de dados e conhecimentos. Está para além da questão de exclusão relacionada às habilidades, usos e benefícios debatidos exaustivamente. Ter consciência algorítmica e tomar decisões bem informadas são novos desafios da inclusão digital. Só assim teremos a possibilidade de uma “justiça de dados”²⁸ para evitar novas formas de acumulação de capital.

Rob Kitchin (2017, p. 17), que fez uma pesquisa crítica sobre algoritmo, destaca que agora estamos em uma era de governança, quase generalizada, baseada em algoritmos, onde eles desempenham um papel crescente no exercício do poder, de um maior controle das sociedades e aumento da acumulação de capital.

Em um artigo intitulado “Dados, algoritmos, desinformação e os riscos para a democracia”, o professor da Universidade Federal do ABC e membro do Comitê Gestor da Internet no Brasil, Sérgio Amadeu (2022), afirma que mudamos da economia digital para a economia de dados. E isso implica em uma série de transformações. A tese dele é a de que os dispositivos e sistemas de informações buscam dados para alimentar demandas do mercado de tecnologia da inteligência. A finalidade é tentar encontrar padrões, desejos e até fazer previsões, tornando-se um “negócio altamente lucrativo”. Por exemplo, para empresas de marketing, publicidade e campanhas políticas, ter o máximo de dados sobre os possíveis cliente pode render bons negócios. Mas, como processar essa grande quantidade de dados produzidos? É nesse contexto que chegam os algoritmos, com a função de sistematizar as operações, como por exemplo:

“os motores de busca do Google²⁹, os sistemas de recomendação do Youtube, a organização da timeline do Facebook e Instagram, a alocação de veículos do Uber e os diversos sites de comércio eletrônico, a obtenção de

²⁷ Termo que Klawitter e Hargittai (2018) utilizam para descrever aqueles empreendedores virtuais que sabem como os algoritmos influenciam a visibilidade de seu conteúdo. É a habilidade de usar a internet de forma eficaz e eficiente.

²⁸ É uma compreensão de que a justiça social, na atualidade, é pensada a partir de arranjos baseados em dados. E se não forem bem pensados, transparentes, que esses novos sistemas influenciados fortemente pelos algorítmicos correm o risco de criar novas barreiras e danos.(PARK; HUMPHRY, 2019).

²⁹ O Google é uma Big Tech (empresas monopolistas do ramo das tecnologias da informação sediadas nos EUA. Por exemplo: Microsoft, Amazon, Facebook, etc. E frequentemente são acusadas de anticoncorrencial) gigante da tecnologia que concentra muito poder por meio de uma rede de empresas que impede uma concorrência justa, segundo o subcomitê antitruste da Comissão de Justiça da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos (equivalente à Câmara dos Deputados). O Google fornece serviços de correspondência eletrônica, divulgação de vídeos, sites de relacionamento e de buscas a respeito de um determinado assunto nos sítios presentes na rede, concentra em seu domínio uma gama muito grande de informações, dando-lhe tanto poder de manipulação de conteúdo como, até mesmo, perseguições políticas e econômicas.

informações de empresas e governos, entre outras tantas aplicações (SILVEIRA, 2022, p. 13–14).

O problema é que essas operações são obscuras para quem as utiliza. Inclusive pode colocar em risco a democracia e influenciar negativamente governos. É incontestável que os sistemas que administram os algoritmos podem agir para silenciar determinados grupos e beneficiar outros em uma determinada disputa política, podendo romper com a necessária simetria para uma democracia mais justa. Existe risco de determinados grupos, em posse desses dados manipulados por algoritmos, promoverem mais concentração do capital e manipulações

Uma pesquisa realizada com mais de 2 milhões de tweets em 7 países foi publicada em 2022 em um artigo denominado “Algorithmic Amplification of Politics on Twitter”³⁰. Nela, em 6 dos 7 países foi constatado que o sistema algorítmico do Twitter recomendava ou amplificava mais mensagens de direita do que de esquerda em uma confirmação inequívoca de interferência indevida na formação da opinião pública. Na série investigativa realizada pelo The New York Times sobre o Facebook, foi verificado que apesar dos algoritmos da rede social buscarem detectar padrões de comportamento prejudicial para interrompê-los, o sistema chamado “XCheck”, permitia que mais de 5 milhões de usuários VIPs pudessem publicar conteúdo sem restrições do processo normal de fiscalização do Facebook³¹. Esses dois exemplos, demonstram que as plataformas de relacionamento social online atuam sem transparência e com interferência inapropriada e injusta no espaço público digital (SILVEIRA, 2022, p. 14).

Em um mundo capitalista, onde o lucro está acima dos interesses democráticos, não é recomendável confiar apenas na regulação do mercado. No que se refere aos algoritmos, as instituições democráticas, com os mais diversos segmentos da sociedade civil, precisam participar ativamente da sua gestão. A regulação não se trata de censura. O argumento de que qualquer tentativa de regulação é censura, é falacioso e tenta minar o debate sobre como as redes sociais operam seus algoritmos. O objetivo é que “A regulação das plataformas pretende impedir que a aliança entre o poder invisível executado pelos sistemas, algorítmicos aliados ao poder ilimitado dos detentores do Capital possam destruir a democracia” (SILVEIRA, 2022). Inclusive há quem aponte para a necessidade de um movimento de “auditoria de algoritmos”, conforme já vem ocorrendo em algumas universidades

³⁰ O artigo pode ser encontrado em: HUSZÁR, Ferenc et al. Algorithmic amplification of politics on Twitter. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 119, n. 1, 2022.

³¹ Para mais informações acesse: <https://www.nytimes.com/2021/09/17/business/dealbook/facebook-files-whistleblower.html>

americanas (CATHY, 2020). Portanto, não é recomendável que se tenha uma postura ingênua em relação aos algoritmos e as redes sociais.

Para compreender a relação entre mídia sociais e comunicação científica, por conta da escassez de trabalhos nacionais, serão analisadas pesquisas internacionais. Gemma Nández e Ángel Borreg (2013, p. 9), citando Van Zyl (2009), em seu estudo de caso, apontam que as redes sociais são um ótimo mecanismo para que os acadêmicos exibam seu conhecimento e experiência formando uma reputação digital que pode valorizar o conhecimento. Richard Van Noorden (2014) vai mostrar que existe um surpreendente crescimento no uso das mídias sociais acadêmicas como forma de comunicação científica.

Em um estudo feito no Kuwait com acadêmicos de ciências sociais, os resultados obtidos não surpreendem. Inclusive, é levantada a hipótese que se o estudo fosse feito com acadêmicos brasileiros, o resultado seria bem parecido. Eles concluíram que o uso das mídias sociais ainda é baixo para fins de comunicação; que as instituições educacionais devem considerar o importância das mídias sociais para seus acadêmicos, com ênfase na visibilidade de seus trabalhos; que os acadêmicos precisam ser treinados (para saber tirar o máximo de proveito) para usarem as mídias sociais para pesquisas e, principalmente, fazer comunicação científica; que o uso das mídias sociais pode aumentar a visibilidade dos acadêmicos e tornar mais acessível a informação e, com isso, melhorar a reputação das universidades. É uma forma de prestar contas com a sociedade e dar maior transparência ao que ocorre dentro das universidades (AL-DAIHANI; AL-QALLAF; ALSAHEEB, 2018).

2.2 YOUTUBE, ENSINO DE HISTÓRIA E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Nucia Alexandra Silva de Oliveira (2014, p. 49), em um texto datado, ao falar sobre a relação entre História e internet, aponta para dilemas, dificuldades e reconhece as limitações da historiografia tradicional no sentido de dar conta desse novo momento marcado pela cultura digital (isso no ano de 2014). As narrativas organizadas, ela diz, nem sempre, conseguiam estar alinhadas com o rigor historiográfico. Mas naquela época, ela já defendia que os historiadores tinham que se fazer presentes nos debates sobre temas contemporâneos, mesmo que tivessem que abrir mão de parte do seu método e incorporar métodos de outras áreas.

Existem boas razões para o uso do YouTube com o objetivo de promover comunicação científica voltada para o campo do Ensino de História. Mas, antes de apresentá-las, é importante conhecer um pouco mais sobre a história da rede social YouTube, o contexto do seu surgimento e sua relevância no cenário atual, já que é o segundo site mais acessado na atualidade e integrado ao cotidiano das pessoas.

O YouTube foi criado em junho de 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários da PayPal, e vendido para o Google, em 2006, por 1,6 bilhão de dólares. Com uma interface intuitiva, a plataforma permitia aos usuários publicar e assistir vídeos online de maneira facilitada. Sua proposta inicial era a de entregar mais um produto tecnológico. Inclusive, já existiam outros sites que ofereciam algo parecido, mas com algumas limitações (BURGESS; GREEN, 2018).

Seu diferencial, a princípio, era a ideia de comunidades, conexão com outros usuários e o movimento dialético entre: corporações e os usuários. Além de sua capacidade de adaptação às necessidades sociais que surgiam à medida que o site era apropriado pelos usuários. Essa mutação fica clara quando a plataforma deixa de ser um simples repositório de vídeos, como era na proposta inicial, e passa a ser encarada como um espaço de expressão pessoal (BURGESS; GREEN, 2018, p. 21). Os usuários passaram a ser protagonistas, diferente da cultura televisiva, onde as pessoas eram apenas telespectadoras e receptoras. No caso da cibercultura³², o polo de emissão é liberado e as mais diversas pessoas podem ser emissoras. Em tese, qualquer pessoa pode produzir e publicar o seu próprio conteúdo. Em resumo, é o surgimento de vozes e discursos que eram, anteriormente, tolhidos pelo filtro da mídia tradicional. E tudo isso impulsionado por uma cultura participativa³³ que caracterizava a Web 2.0³⁴.

Em pouco tempo, o YouTube teve um crescimento meteórico, alcançando milhões de usuários nas mais diversas regiões do mundo. Burgess e Green (2018), descrevem que em 2007 já era o site mais popular da Grã-Bretanha. Em 2008,

³² Cibercultura é uma forma sociocultural que resulta da junção de três elementos: sociedade, a cultura e as novas tecnologias. Dantielli Assumpção Garcia([s. d.]), citando André Lemos, diz que a cibercultura é guiada por três leis: Reconfiguração, liberação do polo de emissão, conectividade generalizada.

³³ Cultura participativa pode ser compreendida como uma cultura que tem como característica principal a colaboração. Ou seja, os produtos são desenvolvidos de maneira coletiva, descentralizada e sem, necessariamente, ser guiada pelo interesse de grandes corporações. É um movimento mais horizontal.

³⁴ A Web 2.0 pode ser definida como a segunda a segunda geração da World Wide Web, que é caracterizada pela troca de informações e colaboração dos usuários. A proposta é que o ambiente online se torne mais dinâmico e tenha maior participação dos usuários na organização dos conteúdos. É a era da segunda geração de redes sociais e sua consolidação.

despontava entre os 10 sites mais vistos na web e, em 2017, atingiu o segundo lugar no ranking mundial em visitação. Para completar, em 2008 contava com 85 milhões de vídeos, representando um crescimento dez vezes maior em relação ao ano anterior. No ano de 2013, 100 horas de vídeos eram enviadas por minuto para a plataforma, atingindo, em 2017, bilhões de vídeos hospedados e, seus usuários assistiam a um bilhão de horas de conteúdo a cada dia (BURGESS; GREEN, 2018, p. 14). São números surpreendentes, que denotam um crescimento acelerado e rápida popularização da plataforma nas mais diversas regiões do mundo. O YouTube é a maior rede social de vídeos online em 2021 e conta com mais de 2,3 bilhões de usuários ativos. É o segundo site mais acessado no mundo. Perde apenas para o Google. Em se tratando de redes sociais, é o primeiro colocado. Tinha perdido a liderança para o Facebook por conta de uma mudança na metodologia que passou a contar somente os usuários de 18 a 65 anos, mas em 2022 já assumiu a liderança novamente, conforme dados do ranking do Alexa³⁵ de 2022. Aqui está o top 10 dos sites ranqueados pelo Alexa:

1. Google.com
2. Youtube.com
3. Facebook.com
4. Baidu.com
5. Wikipedia.org
6. Qq.com
7. Taobao.com
8. Tmall.com
9. Yahoo.com
10. Amazon.com

Para ter uma melhor dimensão de sua relevância, o Youtube divulgou, em novembro de 2020, alguns dados de uma pesquisa realizada, pela Talkshoppe, em agosto de 2020, com aproximadamente dois mil entrevistados, com faixa etária de 18 a 65 anos, no Brasil. O resultado foi que 104 milhões de brasileiros usam a rede mensalmente (como não estão incluídos os menores de 18 anos, podemos inferir que

³⁵ Para mais informações acesse: <https://www.alexa.com/topsites>

esse número é superior). Também foi constatado que 91% responderam ter aumentado seu tempo de navegação na mídia social. E 54% indicaram que vão passar a usar ainda mais a plataforma. 91% dos consultados afirmaram que o YouTube ajudou no aperfeiçoamento de habilidades (MONTEIRO, 2020).

Nos últimos dois anos, esse cenário teve leve alteração em relação aos dados de 2020. O YouTube continua sendo a plataforma de vídeos preferida dos brasileiros. O número de usuários por mês teve uma leve alta, de 104 milhões para 105 milhões. E o Brasil atingiu a marca de 1800 canais com mais de 1 milhão de inscritos. Outro dado relevante, é que mais de 40 milhões de brasileiros consomem conteúdo do YouTube na TV. Com um salto no tempo de exibição significativo de 120% em relação ao ano de 2019.

Em um outro levantamento feito em 2021 sobre YouTube, pela Opinion Box ³⁶, constatou-se que 63% dos usuários acessam YouTube para ouvir música, 55% utilizam para acessar tutoriais e 49% assistem vídeos de humor. Além disso, somente 13% postam seus próprios vídeos. Ainda de acordo com os dados da pesquisa, 86% dos usuários da plataforma acessam o YouTube pelo menos uma vez ao dia. Além disso, os usuários costumam passar pelo menos 5 horas por semana na plataforma. Em relação aos dispositivos de preferência dos brasileiros para acessar o YouTube, os smartphones lideram com 87% dos usuários acessando os vídeos pelos celulares.

Mas, de fato, o que proporcionou tamanho sucesso? Qual foi a estratégia adotada que deu certo? Pode-se afirmar que não foi por acaso. Várias táticas foram usadas. Para se ter uma ideia, no início, teve até propostas que ofereciam 100 dólares para “garotas atraentes” que postassem 10 vídeos. Mas, como não teve nenhuma candidata que topasse colocar em prática tal ideia, essa possibilidade logo foi descartada. Mas, Burgess e Green (2009, p. 20) apresentam hipóteses de que o envolvimento em alguns acontecimentos que o colocaram em constante evidência na mídia de massa, pode ser uma das razões do sucesso do YouTube. Por exemplo: a exigência de retirada da plataforma, de vários vídeos que infringiram a lei de direitos autorais. Tal fato, acabou repercutindo, gerando polêmicas, dando visibilidade e divulgando a nova plataforma. A tese defendida por eles é que o rápido crescimento do YouTube só foi possível por conta desse “empurrão” da mídia tradicional. Ela foi fundamental para o sucesso inicial.

³⁶ Para mais informações acesse: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-sobre-youtube/>

Existe outra hipótese: a de que o YouTube cresceu devido a participação e engajamento dos usuários. Para se ter uma noção da importância da colaboração dos usuários com suas produções “caseiras”, no estudo feito por Burgess e Green(2009, p. 66) em que eles analisaram (utilizando os critérios dos vídeos: mais adicionados aos favoritos, mais vistos, mais comentados, mais respondidos), em busca de um padrão, no ano de 2007, 4320 vídeos publicados na plataforma e chegaram a constatação de que os conteúdos mais populares, em comparação com material produzido pela mídia tradicional e divulgado na rede social, eram aqueles postados pelos usuários comuns. O que reforça a tese de que a plataforma, em sua origem, deve muito a uma cultura participativa³⁷. Não foi resultado apenas da atuação de grandes corporações, que influenciaram, mas não o suficiente.

Henry Jenkins (2019, p. 143), em um artigo intitulado “*O que aconteceu antes do Youtube?*”, publicado no livro “*Youtube e a revolução digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade*”, desenvolve o argumento de que, para entender o YouTube, é importante refletir sobre o que veio antes para que não ocorra um apagamento das contribuições que serviram de pilares para a consolidação da nova emergente rede social. É comum inferir que a Web 2.0 criou a cultura participativa, mas vale salientar que é possível refletir sobre a possibilidade do processo inverso, ou seja, a cultura colaborativa ter criado as condições para o surgimento da web 2.0. Inclusive, ele apresenta a premissa de que, se o YouTube caiu no gosto popular rapidamente, isso leva a crer que já existia uma demanda reprimida, efervescência, iniciativas colaborativas anteriores ao seu surgimento.

A tese defendida é que a popularização do site, também se deve a um movimento anterior que trilhou o caminho para a rápida popularização do site. Por exemplo, o desenvolvimento de atividades que colocavam o usuário comum como protagonistas e produtores de material midiático independentes. Ele cita o “cinema de garagem”, zines, produções independentes não comerciais, movimentos sociais, entre outros. O YouTube teve o mérito de ser o produto dessa “cultura de

³⁷ Cultura Participativa pode ser entendida como o surgimento de uma cultura onde as pessoas deixam de ser receptoras e passivas. Os produtores e consumidores passam a ter uma relação mais horizontal.

convergência”³⁸ que vai ampliar a circulação e recepção desse material alternativo que já circulava, só que de maneira tímida e em pequena escala.

Já John Hartley (2009, p. 165), em seu artigo “Utilidades do YouTube: alfabetização digital e a expansão do conhecimento”, nos apresenta uma contradição do mundo contemporâneo: de um lado temos uma intensa presença da tecnologia no cotidiano dos jovens, e do outro, temos uma escola que se preocupa mais em restringir, proibir e se fechar a essas novas tecnologias. Muitas dessas novas redes sociais, por exemplo, são proibidas nos ambientes escolares. Tal análise pode ser direcionada, também, para as universidades, que não conseguem fazer bom uso dessas tecnologias amplamente apropriadas pelos jovens. E o autor conclui, afirmando que as restrições dos sistemas educacionais tradicionais à cibercultura acabaram estimulando o surgimento de espaços criativos para suprir as necessidades dos jovens de se comunicar. Portanto, temos vários apontamentos que indicam a rápida adesão ao YouTube.

Do ponto de vista acadêmico, a que a mídia social YouTube virou um objeto de estudo legítimo, vasto e consolidado em diversas áreas do conhecimento: Antropologia, Sociologia, Comunicação Social, etc. É importante ter em mente alguns fatos: o primeiro, é o alcance que a rede social YouTube tem na atualidade; o segundo, é que as universidades podem utilizá-lo para potencializar seus trabalhos. Por exemplo, no presente trabalho, um de seus objetivos tem a pretensão de utilizar a excelente produção do PROFHISTÓRIA e divulgar na rede social YouTube para dar maior visibilidade aos resultados das pesquisas desenvolvidas no chão da escola e, com isso, beneficiar um número maior de professores e alunos nas mais diversas regiões do país. Portanto, o uso do YouTube pode ser um importante aliado nessa empreitada; o terceiro, é que não existe nenhuma iniciativa nesse formato no YouTube, com a proposta de fazer esse link entre o material produzido pela academia no PROFHISTÓRIA e os professores de História da Educação Básica utilizando essa mídia social.

Já temos evidências que nos permitem afirmar, categoricamente, que cada vez mais, as pessoas utilizam o YouTube como fonte de conhecimento (OLIVEIRA,

³⁸ “O conceito de Cultura da Convergência, criado por Henry Jenkins, refere-se a três fenômenos distintos interligados entre si: o uso complementar de diferentes mídias, a produção cultural participativa, e a inteligência coletiva.” (CULTURA DA CONVERGÊNCIA, 2019).

2017). Diante desses dados, fica a pergunta: como a comunicação científica, produzida pelo campo da História, tem sido representada nesse ambiente digital? Temos fortes motivos para direcionar a atenção para pertinência e necessidade do desenvolvimento e divulgação do “Fala, Profhistóricos!”, que é produzido e voltado para professores de História da Educação Básica.

O professor da Educação Básica, no momento que assume o papel de comunicador/divulgador científico, também assume protagonismo que pode auxiliar na correção de distorções que ocorre na relação entre pesquisador x professor, ou se preferir, escola x universidade. É como se o professor da educação básica fosse só um transmissor do conhecimento produzido pelo historiador/pesquisador da universidade. Muitos esquecem que a docência é o principal espaço de colocação profissional do historiador. Vale lembrar que até a década de 70, ou seja, antes da expansão da pós-graduação no Brasil, era na Educação Básica que se desenvolvia a pesquisa.

Infelizmente, ainda hoje, nos deparamos com situações nas quais o professor da Educação Básica é desqualificado pela própria academia que o formou. E isso reflete diretamente na prática e na produção historiográfica. Tanto que, a temática do Ensino de História, ganhou maior notoriedade, nos últimos 30 anos. Antes disso, os espaços de reflexão sobre a prática do Ensino de História, eram pensadas nos departamentos de Educação/Pedagogia. Podemos citar como exemplo, a carência de professores de História para trabalhar com formação de professores, a pouca participação nas discussões sobre a BNCC e o Novo Ensino Médio. Os professores universitários argumentam que não se dedicam ao Ensino de História por conta da demanda exaustiva por produção acadêmica, que acaba tomando maior parte do tempo. A essa objeção, recorro à uma citação da professora Marieta Ferreira onde ela diz

De uma maneira geral, apesar da profusão de debates e da discussão pedagógica produzida a partir de 1996, na enorme maioria dos cursos de licenciatura em história persiste a valorização do pesquisador em detrimento do professor e a separação entre academia e ensino. Nas universidades de maior prestígio, espaços em que deveríamos encontrar professores qualificados para exercer o magistério, frequentemente nos deparamos com a resistência dos docentes às discussões sobre o ensino da disciplina. Postula-se a necessidade de iniciativas que apontem para a integração entre os dois mundos, que reconheçam a importância de uma real aproximação, porém ainda

não se encontraram os caminhos efetivos para tal. (FERREIRA, Marieta, 2016, p. 35)

Reconhecemos que tal “aproximação” tem avançado na última década por meio de políticas educacionais que, notoriamente, promovem experiências que estão mudando as práticas docentes. A título de exemplo, cito o Pibid, Residência Pedagógica e o PROFHISTÓRIA. A criação e ampliação dos mestrados profissionais, segundo a Capes, “tem que apresentar uma estrutura curricular que enfatize a articulação entre conhecimento atualizado, domínio da metodologia pertinente e aplicação orientada para o campo de atuação profissional específico” (CAPES, 2014). Logo, o uso do YouTube como possibilidade de divulgação científica no ensino de História é mais um elemento que nos ajuda a romper com essa lógica que cria distorções e coloca o professor da Educação Básica emissor.

Mas vale lembrar que nem tudo são flores. O YouTube virou, também, terra fértil para a propagação de inúmeros canais que comungam de uma ideologia que tenta deslegitimar o conhecimento produzido pelos historiadores e, em alguns casos, chegam a disseminar discurso de ódio numa tentativa de criminalizar a prática docente dos historiadores. Os ataques são feitos de inúmeras formas e os “argumentos” são bastante questionáveis. Afirmam que os professores de história são doutrinadores, comunistas, usuários de drogas e/ou que só retratam um lado da História (FONTOURA, 2020; MENESES, 2019).

O que chama atenção é a existência de uma evidente campanha com forte viés ideológico, feita contra professores-pesquisadores de História, com consequências perigosas e preocupantes. Em certa medida, os historiadores ficaram assistindo tais discursos ganharem volume e engajamento no YouTube sem muita reação (PENNA, 2016). Não havia grande preocupação³⁹, por parte da academia, em “ocupar”, por exemplo, o YouTube para refutar trabalhos bem questionáveis, mostrar e disputar narrativas. Portanto, o canal “Fala, Profhistóricos!”, apesar de todas as suas limitações, sem entrar em seu mérito, pode ser inserido nesta disputa política-ideológica presente nas mídias sociais, como uma forma de enfrentamento, ocupação e protagonismo docente. Reposicionar o lugar que o professor-pesquisador de História deve ocupar, especialmente, no Youtube, é fundamental.

³⁹ A história deixou de ser coisa só da academia, portanto é o sentido do texto se refere ao debate acadêmico.

No tocante ao aspecto epistêmico, ou se preferir, autoridade acadêmica, nas últimas décadas houve um crescimento de narrativas revisionistas⁴⁰ e negacionistas⁴¹ no campo da História. Para se ter uma ideia, na investigação feita no YouTube por Odir Fontoura (2020, p. 48) sobre vídeos com conteúdo de História mais visualizados durante dois meses (entre o fim de 2018 e início 2019), constatou-se que 35% (que já ultrapassaram a marca de 20 milhões de visualizações) aparecem como revisionistas, oposicionistas e “críticos” ao conhecimento produzido pela historiografia tradicional (aquilo que é produzido pelas universidades e ensinado nas escolas).

É fato que as universidades perderam a hegemonia discursiva de detentoras do conhecimento. Dito de outra maneira, as universidades e escolas perderam o monopólio sobre o passado. Em proporção parecida, também surgiram questionamentos ao conhecimento histórico⁴² produzido na academia como um todo. Agora, simples opinião dita em mídias sociais, são colocadas em equivalência a um conhecimento produzido pelos historiadores. Há um visível deslocamento do polo de emissão e perda de autoridade e confiança. O conhecimento que, classicamente, ficou conhecido como crença, verdadeira e justificada (ZAGZEBSKI, 1999), perdeu espaço para uma crença, duvidosa e, em muitos casos, injustificada. Diante desse quadro de negação, falsidades e desvalorização do conhecimento produzido pela academia, é importante ter como opção canais que divulguem conhecimento produzido de acordo com as regras do campo historiográfico e chancelados pelas universidades.

É um campo em disputa é preciso participar de alguma maneira para fortalecer a difusão da boa informação e diminuir as poluições informacionais. “Peitar” iniciativas negacionistas com conhecimento acadêmico é fundamental. Logo, ter mais canais

⁴⁰ Em relação ao emprego do termo revisionismo é possível proximidade com o negacionismo, cabe um breve esclarecimento: O trabalho de revisão é uma prática fundamental para o avanço do conhecimento científico. Não é nesse sentido que o termo é empregado em nosso trabalho. E sim em relação aos trabalhos que se apresentam com uma revisão (“contar a verdadeira história”, “mostrar o que nunca lhe falaram”, etc.), duvidosa sem levar em consideração os estudiosos do tema, fontes, ou seja, tudo aquilo que já foi produzido anteriormente pelos pares seguindo os ditames da academia. São trabalhos que se apresentam como revisões sobre o tema, mas não tem rigor acadêmico nem tem compromisso com a busca pela verdade. Portanto, nesses casos, estão próximos do negacionismo (MENESES, 2019, p. 72).

⁴¹ O termo é empregado de acordo uma versão descrita pelo Nicolazzi (2020, p. 10) como sendo “(...) um ataque direto aos fundamentos que organizam a produção de conhecimento em nossa sociedade”.

⁴² “A expressão 'conhecimento histórico' tem pelo menos duas acepções possíveis. Em um primeiro sentido, ela denuncia que todo e qualquer conhecimento é obtido necessariamente em certo tempo, em um espaço dado e sob circunstâncias determinadas. Um segundo sentido refere-se àquele tipo de conhecimento que se adquire mediante os procedimentos metódicos próprios à história como ciência. Em ambos os casos a obtenção de conhecimento parece estar submetida a exigências teóricas de acerto e de certeza que, em função de longa tradição racionalista, seguramente conduzirá à verdade” (MARTINS, 2017, p. 21).

que valorizem e divulguem o conhecimento histórico produzido pelas universidades com rigor e método, no atual contexto, reforça a importância e necessidade de canais como o “Fala, ProfHistóricos!”. As mídias sociais, se bem utilizadas pelas universidades e professores, podem ajudar a resgatar seu lugar de autoridade⁴³. E usar canais no YouTube para promover essa formação continuada é fundamental. Fazer comunicação científica por meio das mídias sociais deve ser prioridade. Pois, se a universidade não ocupar tal espaço, ele será ocupado por pessoas e instituições com interesses bem duvidosos.

Ainda mais no cenário atual em que se encontra o Brasil, onde um recente Ministro da Educação, Milton Ribeiro, se sente encorajado a dizer, em público, que “hoje, ser um professor é ter quase que uma declaração de que a pessoa não conseguiu fazer outra coisa” (SALDDAÑA; PALHARES, 2020). Tal fala nos leva a concluir que há setores significativos da sociedade que têm pouco apreço pela prática docente e, com as redes sociais, ganhou maior amplitude.

Então, com tal cenário, a proposta de promover comunicação científica no campo do conhecimento histórico por meio do canal “Fala, ProfHistóricos!” surge como uma possibilidade de resgatar essa valorização em forma de uma “escuta”, no sentido empregado por Michel de Certeau (CERTEAU, 2014, p. 13): ouvir as “maneiras de fazer” dos professores da Educação Básica é uma aula sobre como lidar com um cotidiano que exige resistências, inventividade e que também passa pela sua valorização. Ao aparecerem no canal do YouTube, eles acabam desempenhando um certo protagonismo que pode ajudar a resgatar o seu devido valor. É um meio que pode ser utilizado para contribuir na luta por reconhecimento.

E o YouTube pode ajudar, inclusive, a mitigar uma antiga questão que ainda hoje não está bem resolvida: a de que as universidades continuam valorizando o pesquisador em detrimento do professor, caracterizando uma injustiça epistêmica⁴⁴.

⁴³ Responsabilidade Epistêmica pode ser entendido como o ato de que só se deve emitir opiniões quando se tem boas provas sobre tal assunto. Tal postura tem por objetivo alertar para opiniões irresponsáveis e tolas. Por exemplo: se uma pessoa não tem conhecimento sobre determinado tema, é razoável que ele tenha responsabilidade epistêmica e não emita opinião sobre ele. Caso contrário, a confiança mínima entre as pessoas pode ficar comprometida. É fundamental ter responsabilidade epistêmica por uma razão bem simples: não é possível as pessoas terem conhecimento sobre todas as áreas do conhecimento, portanto, é preciso confiar no que o especialista diz, para isso, o especialista deve estar munido das melhores provas sobre determinado assunto. As universidades tem autoridade para qualificar as pessoas para que emitam informações confiáveis e bem fundamentadas.

⁴⁴ “Injustiça epistêmica” é o termo usado por Miranda Fricker para descrever um tipo de injustiça que ocorre quando excluimos a contribuição de uma ou mais pessoas à produção, disseminação e manutenção do conhecimento. Em seu livro de mesmo nome (2017), e em uma série de outros

Embora o PROFHISTÓRIA seja uma política pública educacional que vem contribuindo para amenizar tais divergências (FERREIRA, 2017, p. 35; MATOS; SENNA, 2013), infelizmente ele ainda persiste. Mas, com um bom uso do YouTube, sem hierarquias e com múltiplas possibilidades, pode-se estabelecer uma relação mais horizontal no compartilhamento do conhecimento histórico e, com isso, beneficiar maior número de professores.

E relacionar YouTube, ensino de história e comunicação científica, passa pela construção de um caminho inverso, conforme propõe Odir Fontoura (2020): ao invés de só levar o “YouTube para sala de aula”, como geralmente ocorre de forma bem sucedida, também se faz necessário o processo inverso. Levar a prática da sala de aula para o YouTube. Dito de uma maneira mais ampla, é o mesmo que ocupar o espaço no Youtube com as instituições, com os historiadores profissionais que atuam nas escolas e universidades (FONTOURA, 2020, p. 56) e fazer circular essas informações. A experiência do “chão da escola” precisa estar presente no YouTube de maneira mais acessível.

Esse caminho inverso precisa ser melhor explorado para haver um certo equilíbrio na relação entre sala de aula, YouTube e universidades. A outra via, do YouTube para sala, já temos um conjunto de provas quantitativas e qualitativas, de que é bem representativa e positiva (QUINTANILHA, 2017). Por exemplo, a pesquisa da Raquel Elison (2018), que em sua dissertação do PROFHISTÓRIA, demonstrou de maneira pertinente, que o YouTube é um importante aliado nas aulas de História. Ela criou um canal e passou a utilizá-lo em suas aulas. O resultado foi muito satisfatório.

Como experiência positiva para comunicação científica utilizando o YouTube, temos inúmeros casos de sucesso no Brasil e mundialmente conhecidos. Com reconhecimento internacional, temos o canal “The periodic table of videos”⁴⁵ no YouTube, de Martyn Poliakoff. Foi criado em 2008 e a proposta inicial era fazer uma tabela periódica em vídeos. Era para ser um vídeo para cada elemento da tabela. O

trabalhos, Fricker examina de que modo interações interpessoais e sistemas sociais estruturais podem ser responsáveis por influenciar nossa prática cotidiana, consciente ou não, de atribuir status epistêmico a membros de uma comunidade (SANTOS, 2017, p. 143). Elizabeth Anderson, em um texto intitulado *Epistemic Justice as a Virtue of Social Institutions* (2012), pega esse conceito e amplia, do âmbito individual para o estrutural, e acrescenta “Injustiça Epistêmica Estrutural”. Ela aponta que existem injustiças Epistêmicas que requerem mudanças estruturais e que, só serão revertidas, por meio de políticas públicas.

⁴⁵ Link para o canal <https://www.youtube.com/user/periodicvideos/videos>

projeto estava programado para durar 6 semanas, mas devido à grande demanda, teve que continuar (POLIAKOFF; TANG, 2015). Hoje o canal conta com quase um milhão e meio de inscritos. Os vídeos servem para professores utilizarem em suas aulas, e quem mais desejar conhecer um pouco sobre os elementos da tabela periódica.

Existem evidências suficientes para afirmar que o YouTube é um meio atraente para comunicação científica (SUGIMOTO; THELWALL, 2013). Vale ressaltar que a dinâmica de avaliação tende a ser diferente. Talvez seja importante também, avaliar criação e postagem dos vídeos (como uma métrica de produtividade) e visualizações (como uma métrica de impacto) e comentários (como engajamentos), em vez das tradicionais citações acadêmicas. O fato é que as evidências iniciais sugerem que a mídia social abriu um novo canal para troca de experiências informais entre os pares (SUGIMOTO *et al.*, 2017).

Um outro estudo, em suas conclusões, reforça nosso argumento de que é importante utilizar as mídias sociais, em específico o YouTube, para comunicação científica. Eles apontam que, cada vez mais, os vídeos do YouTube são citados em trabalhos acadêmicos como fontes. Existe uma tendência de crescimento de pesquisadores que usam o utilizam para apoiar seus trabalhos e melhorar suas publicações (KOUSHA; THELWALL; ABDOLI, 2012).

Logo, podemos concluir que o YouTube é um meio promissor para o campo da comunicação científica e, mais especificamente para o campo do ensino de História., comprovadamente pelas diversas razões citadas anteriormente. A mídia social está muito presente em nosso cotidiano e o mais indicado é que seja apropriada pelas universidades, professores e pesquisadores. Formar professores, na atualidade, passa pela questão das mídias sociais.

3 O CANAL “FALA, PROFHISTÓRICOS”

O produto construído foi um canal criado na plataforma YouTube de nome “Fala, Profhistóricos!” que disponibiliza 26 entrevistas. Com o objetivo de entrevistar docentes da Educação Básica egressos da Rede Nacional do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), visando democratizar, divulgar e compartilhar experiências de sala de aula, sobretudo o processo de elaboração das suas respectivas dissertações e pesquisas a partir do PROFHISTÓRIA, tendo como foco as metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem no Ensino de História para a Educação Básica (Ensinos Fundamental e Médio). Desse modo, o presente canal buscou reforçar a importância da partilha de experiências docentes, estimulando professoras(es)-pesquisadoras(es) de História a ocuparem outros espaços de discussão sobre ensino para além da sala de aula e da escola em que trabalham.

Além da criação de um canal na plataforma de vídeos YouTube, também foi criado um perfil no Instagram (@profhistoricos) e facebook (Profhistóricos) para impulsionar a divulgação das atividades, bem como um e-mail para contato (profhistoricos@gmail.com) e agendamento das entrevistas.

O critério para escolha dos entrevistados foram dois: entrevistar os professores que tiveram suas dissertações vencedoras do Prêmio PROFHISTÓRIA de Melhor Dissertação; e professores indicados por professores que já haviam sido entrevistados. Também entrevistamos professores que nos procuram e queriam divulgar seus trabalhos.

O roteiro das entrevistas foi guiado pelos seguintes passos: a leitura da dissertação do professor entrevistado; criação de um texto com uma breve apresentação do professor; e perguntas sobre a trajetória do entrevistado até cursar o PROFHISTÓRIA, sobre o produto produzido por ele com suas aplicações e a opinião sobre a experiência de cursar o PROFHISTÓRIA.

As gravações das entrevistas foram feitas no formato de live, por meio da plataforma StreamYard⁴⁶, que transmitia e salvava direto no YouTube as entrevistas, após uma configuração entre as duas contas. Embora fosse em formato de live, as entrevistas só eram publicadas posteriormente, caso ocorresse algum erro, existia a possibilidade de edição (caso houvesse necessidade era utilizado o software

⁴⁶ Acesse em: <https://streamyard.com/>

CyberLink PowerDirector). As entrevistas em média, duram mais que 30 minutos e menos que 60 minutos.

O material visual do canal e para divulgação nas redes sociais foi produzido por meio do software Corel Draw (que aprendemos a utilizar através de vídeos do YouTube). Além do material, também foi feita uma pesquisa de como funciona o algoritmo do YouTube para que os vídeos postados no canal tenham maior visibilidade. E descobrimos que é importante ter regularidade nas publicações e capas chamativas. Então, organizamos de maneira que, a cada segunda-feira, seja postada uma entrevista no canal ao longo do ano de 2021 e em seguida replicá-la nas demais redes sociais com o mesmo nome do canal.

O canal pode ser acessado via QR-Code ou pelo link:
<https://bitly.com/cGySzZqn>



3.1 GUIA DOS VÍDEOS DO CANAL “FALA, PROFHISTÓRICOS!”

Neste guia, professores de História da Educação Básica encontrarão dicas e sugestões para utilizar o canal "Fala, Profhistóricos!" como uma ferramenta poderosa para enriquecer suas práticas com material de qualidade e engajar os estudantes de forma mais dinâmica, confiável e atrativa. Com a crescente importância das tecnologias digitais, canais educacionais no YouTube, como o "Fala, Profhistóricos!", podem oferecer uma variedade de conteúdos audiovisuais relevantes para o ensino de História, contribuindo para a compreensão dos estudantes dos processos históricos.

O guia é organizado com um sumário das entrevistas e cada uma tem:

- 1- A capa com informações sobre o tema e o nome do entrevistado;
- 2- Um QR-Code para acessar a entrevista. Também pode ser acessado clicando no título da entrevista
- 3- O título do da entrevista disponível no canal;
- 4- Breve resumo que consta a origem do entrevistado, onde se formou, onde trabalha, o título da dissertação e os temas relacionados ao trabalho;
- 5- Um índice do vídeo, com os minutos e assuntos abordados ao longo da entrevista;
- 6- O resumo da dissertação do entrevistado;
- 7- Palavras-chave do trabalho;
- 8- Link para baixar a dissertação e o material produzido;
- 9- E referência da dissertação.

SUMÁRIO DAS ENTREVISTAS

1. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA UTILIZANDO YOUTUBE	56
2. COMO DAR AULA DE HISTÓRIA DA ÁFRICA COM OLHARES “OUTROS”	59
3. COMO TRABALHAR O TEMA DA DIVERSIDADE SEXUAL NAS AULAS DE HISTÓRIA	62
4. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA PARA ALUNOS SURDOS EM CLASSES INCLUSIVAS	65
5. O USO DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA EM ESCOLAS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	67
6. COMO USAR OS SAMBAS-ENREDO NAS AULAS DE HISTÓRIA	69
7. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA DA ÁFRICA UTILIZANDO A LITERATURA E O PROTAGONISMO DAS MULHERES.....	71
8. COMO DAR AULAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL A PARTIR DE UM ROTEIRO HISTÓRICO GEOGRÁFICO.....	74
9. INDÍGENAS EM CONTEXTO URBANO E ENSINO DE HISTÓRIA NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO.....	76
10. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA A PARTIR DE TRAJETÓRIA DE AFRICANOS	78
11. O ENSINO DE HISTÓRIA E O POTENCIAL PEDAGÓGICO DOS USOS DA MEMÓRIA	80
12. O ENSINO DE HISTÓRIA, O SAMBA E OS USOS DOS CONCEITOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE	83
13. COMO UTILIZAR OS MEMES NAS AULAS DE HISTÓRIA	86
14. USOS E POSSIBILIDADES DO PODCAST NO ENSINO DE HISTÓRIA	89
15. SUGESTÕES DIDÁTICAS PARA O USO DE FILMES DA MARVEL E DC NA SALA DE AULA.....	91
16. COMO UTILIZAR PATRIMÔNIO ESCOLAR NAS AULAS DE HISTÓRIA.....	93
17. O LIVRO DIDÁTICO E A RELIGIOSIDADE NAS AULAS DE HISTÓRIA	96
18. PRÁTICAS MUSEAIS NA ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE A ESCOLA.....	98
19. A HISTÓRIA NOS QUADRINHOS: O USO DE NARRATIVAS GRÁFICAS NAS AULAS DE HISTÓRIA.....	100
20. COMO USAR A EPISTEMOLOGIA DA HISTÓRIA COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	102
21. REPENSANDO AS MULHERES NO BRASIL COLONIAL.....	105
22. COMO UTILIZAR O JOGO TEMPOS & HISTÓRIAS NAS AULAS DE HISTÓRIA	107
23. COMO TRABALHAR A QUESTÃO INDÍGENA NAS AULAS DE HISTÓRIA	109

24. COMO UTILIZAR A ALFABETIZAÇÃO HISTÓRICA NA SALA DE AULA 112
25. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA UTILIZANDO A GAMIFICAÇÃO..... 115
26. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA UTILIZANDO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
118

Figura 1- Como dar aulas de História utilizando YouTube



Fonte: autoria própria

1. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA UTILIZANDO YOUTUBE

O canal Fala, Profhistóricos! conversou com Raquel Elisa, que é professora da Rede Pública do Rio de Janeiro (trabalha no Colégio Estadual Casemiro Meirelles SEEDUC e no Colégio Municipal Deputado Hilton Gama SME/RJ). Kursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e, em 2018, defendeu a dissertação com o título: O Ensino de História por meio do Canal Quinhoar no YouTube. Bateu um papo conosco sobre: ensino de História, história pública, história digital, produção e difusão de narrativas históricas, ensino e aprendizagem em espaços não formais, anal no YouTube: Quinhoar.

INDÍCE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem – tópicos abordados

00:00 – Apresentação da entrevistada, Elisa.

02:20 – Elisa fala de sua trajetória como professora até kursar o PROFHISTÓRIA.

05:18 – As razões que a levaram a escolher estudar esse tema.

06:14 – Sugestão de uma aluna para abrir um canal no YouTube.

07:34 – Dificuldades enfrentadas para desenvolver o trabalho.

07:43 – Uso do celular como material pedagógico.

08:09 – A importância dos alunos na construção do canal no YouTube.

09:30 – Como aprendeu a editar os vídeos.

09:43 – Dicas de como atingir o público alvo.

12:00 – A importância de escolher um bom nome para o canal.

14:18 – Resultados alcançados com a utilização do canal.

15:46 – Resistências encontradas.

18:57 – A importância de os professores estarem mais presentes no mundo virtual.

23:15 – Dicas para os professores que pensam em criar um canal.

28:13 – A importância de cursar o PROFHISTÓRIA.

31:13 – Discussões práticas e próximas da realidade de quem está no “chão da escola”.

32:01 – Cursar o PROFHISTÓRIA foi tão marcante que rendeu projetos que foram premiados.

Resumo da dissertação:

Esta pesquisa aborda a produção de um canal no YouTube voltado para os temas da ciência história e para um público jovem, Ensino Médio. A essência do canal é apresentar o conteúdo histórico dentro de um formato mais palativo ao gosto dessa nova geração digital ou pós-orgânica de acordo com o trabalho de Paula Sibilla. As narrativas são conceitos norteadores nas aulas produzidas pelo canal Quinhoar, por isso, utiliza-se como suporte teórico as contribuições reflexivas do autor Paul Ricoeur, Nicole Loraux, Gabriel Henrique Moreira, Ilmar Rohloff Mattos. O canal de história no YouTube tem potencial para promover o ensino e o aprendizado de temas relevantes da ciência história, unindo os critérios teóricos, metodológicos e científicos da academia com as exigências e desafios da História digital e da História pública. As aulas são vistas como aulas expandidas que podem ser utilizadas de muitas formas por vários professores, de maneira rápida e prática. As aulas foram produzidas com os recursos tecnológicos dos programas After Effects e Premiere e com ampla participação dos alunos, e de outras pessoas, os quais opinaram por intermédio dos comentários do canal e através de diversas redes sociais. Os primeiros vídeos foram

produzidos e divulgados no canal Quinhoar e também na página do Facebook Quinhoar: Ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História; história pública; história digital; produção e difusão de narrativas históricas; ensino e aprendizagem em espaços não formais; canal no Youtube: Quinhoar.

ELISON, R. **Ensino de História por meio do canal QUINHOAR no Youtube**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.

[Clique aqui para baixar a dissertação:](#)

Figura 2- Como dar aulas de História da África com olhares "outros"



Fonte: autoria própria

2. COMO DAR AULA DE HISTÓRIA DA ÁFRICA COM OLHARES “OUTROS”

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com a Elisângela Coelho, que é professora da Rede Pública de Pernambuco (trabalha na escola Erem João Monteiro de Melo). Ela cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal de Pernambuco e, em 2018, defendeu a dissertação com o título: A história da África na escola, construindo olhares “outros”: as contribuições do manual do professor do livro didático de História do Ensino Médio. Dissertação que recebeu o 1º lugar no Prêmio Nacional PROFHISTÓRIA de Melhor Dissertação.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação da entrevistada, Elisângela.

1:27- Início da fala sobre sua trajetória.

3:16: Elisângela conta suas motivações e motivos para escrever sobre este tema.

7:08- Uma pequena ressalva sobre o livro didático.

9:44- Elisângela fala sobre a experiência dos alunos diante da temática.

12:15- A professora quer mostrar com o seu trabalho a importância da África para nossa história.

14:41- Análise do livro feito por ela sobre a África, no qual é dividido em duas partes.

24:10- Relação da professora com o PROFHISTÓRIA e sua experiência.

35:21- Considerações finais.

Resumo da dissertação

Esta pesquisa investigou o tratamento das orientações teórico-metodológicas relativas à Educação das relações étnico-raciais presentes nos Manuais do Professor de livros didáticos de História do Ensino Médio. Nossa problemática teve como foco, questionar em que medida estas orientações têm contribuído no sentido de questionar visões e versões históricas etnocêntricas, homogeneizantes e hierarquizantes de culturas e povos africanos. Para responder a tal questionamento analisamos os manuais do professor de livros didáticos de História do Ensino Médio das coleções que compõem o PNLD 2015. Para seleção do material analisado, usamos os critérios de maior e menor índice de escolha por parte dos professores. Neste trabalho, o Manual do Professor se constituiu como objeto e fonte de pesquisa. Suas estratégias pedagógicas e sugestões de atividades, leituras, materiais e projetos pedagógicos, para o trabalho com história da África constituíram a base de nossa análise textual, em diálogo analítico com a perspectiva teórica e político-educacional dos Estudos Pós-Coloniais Latino-Americanos e da constituição dos saberes históricos escolares. Nossa conclusão aponta, entre os avanços identificados, a inserção nas orientações dos manuais de discussões historiográficas, autores africanos e novas versões e interpretações sobre história da África. Entretanto, consideramos esses avanços ainda restritos no tratamento histórico e pedagógico dos conteúdos selecionados nas coleções, e como desdobramento, reconhecemos uma contribuição limitada na tentativa de redefinição do lugar da África e dos africanos na história da humanidade. Como parte propositiva deste trabalho, apresentamos no formato de Material de apoio didático para o(a) professor(a) de História do Ensino Médio, um Caderno de Leituras, intitulado AS IMAGENS DA ÁFRICA EM DISCUSSÃO: invenção e reinvenções, problematizando a construção de imagens sobre a África e os africanos e socializando

sugestões de leituras sobre a cultura e história africana e orientações teórico metodológicas para o trabalho em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de História; história da África; saberes escolares; legislação antirracista; livro didático; manual do professor.

SILVA, Elisângela Coêlho da. **A história da África na escola, construindo olhares “outros”: as contribuições do Manual do Professor do livro didático de História do Ensino Médio.** Dissertação de Mestrado. Recife: UFP, 2018

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 3- como trabalhar o tema da diversidade sexual nas aulas de História



Fonte: autoria própria

3. COMO TRABALHAR O TEMA DA DIVERSIDADE SEXUAL NAS AULAS DE HISTÓRIA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com Fábio Gomes. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e, em 2018, defendeu a dissertação com o título: Livro didático de História como lugar de memória: uma proposta de ensino da diversidade sexual.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Fábio Gomes.

1:04- Professor conta sua trajetória e de onde veio sua produção epistêmica.

2:31- O porquê desse tema e seu interesse pelo mesmo.

5:32- Início da sua pesquisa.

7:06- Proposta central da sua pesquisa.

7:25- Metodologia usada para análise no livro didático.

9:13- Conclusão da análise.

13:53- Proposta pedagógica.

17:11- Capítulos que tratam da vivência da sexualidade em algumas sociedades e civilizações.

17:40- Processo da sexualidade transitando em um contexto histórico.

21:18- Abordagens desse processo temporal no livro criado pelo professor.

22:17- Atividade motivadora criada pelo professor Fábio.

35:20- O professor que comanda o livro didático.

37:35- Sua experiência com o PROFHISTÓRIA e as considerações finais.

Resumo da dissertação

Esta pesquisa teve como tema as representações da diversidade sexual em coleções de livros didáticos de História, do 6º ao 9º ano. Para a construção deste trabalho, o recorte bibliográfico principal engloba os seguintes autores e suas ideias: Candau (2016), Choppin (2004), Jesus (2012), Nora (1981), Pollak (1989) e Rossi (2010). Buscou-se compreender o processo de elaboração do livro didático de História voltado para os anos finais do Ensino Fundamental; apontar, nas coleções analisadas, os conteúdos que, de alguma forma, citaram a diversidade sexual; debater o processo de enquadramento da memória realizado nos livros didáticos analisados; e evidenciar as vivências da diversidade sexual de algumas sociedades em certos períodos da história ocidental. A metodologia foi desenvolvida a partir das funções essenciais do livro didático, atribuídas por Choppin. Percebeu-se que silenciamentos, disputas e enquadramentos de memória são constantes na produção de uma obra didática, especialmente em relação à diversidade sexual, mantendo-se na memória coletiva da sociedade ocidental o padrão heteronormativo como o único a ser seguido, marginalizando os comportamentos sexuais destoantes. A pesquisa culminou na elaboração de um material didático de apoio docente que contribui para o ensino da diversidade sexual nas aulas de História, atendendo a uma especificidade do mestrado profissional, a qual se caracteriza pela criação de um produto a ser utilizado no ensino.

Palavras-chave: Ensino de História; currículo; prática docente; livro didático; memória; diversidade sexual.

GOMES, Fábio da Silva. **Livro didático de História como lugar de memória: uma proposta de ensino da diversidade sexual**. Dissertação: Mestrado Profissional em Ensino de História. Área de concentração: Ensino de História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

[Clique aqui para baixar a dissertação:](#)

Figura 4- Como dar aulas de História para alunos surdos em classes inclusivas



Fonte: autoria própria

4. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA PARA ALUNOS SURDOS EM CLASSES INCLUSIVAS

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Paulo Assumpção, que trabalha na Escola Municipal Nova Campinas e na Escola Municipal Santa Luzia (Duque de Caxias/RJ). Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, em 2018, defendeu a dissertação com o título: Ensino de História para alunos surdos em classes inclusivas: práticas e propostas.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Paulo Assumpção

1:51- O professor conta sua trajetória acadêmica

6:31- O porquê desse tema e seu interesse por ele

11:26- Criação do seu produto de orientação para classes inclusivas

15:12- Problema relatado pelo professor sobre sua pesquisa

17:11- Inicia falando do seu produto em si, o caderno de orientações

20:27- Divisão do caderno em três partes

31:42- A ideia central do caderno

35:13- Experiência com o PROFHISTÓRIA

42:40- Considerações finais

Resumo da dissertação

Essa dissertação enfoca o ensino de História para alunos surdos incluídos em turmas regulares do segundo segmento do Ensino Fundamental. Nela constata-se diversos desafios a esse ensino, dentre os quais a manutenção de práticas pedagógicas inapropriadas à construção de aprendizagem significativa pelos referidos discentes, que, desta forma, permanecem excluídos em um contexto dito de inclusão. Ante tal constatação, apresenta-se como contributo à promoção de uma educação inclusiva mais efetiva o Caderno de orientações e sugestões para o ensino de História em classes inclusivas com alunos surdos. Subsidiaram a produção desse material a análise de estudos realizados nas áreas de Educação e História referentes ao ensino de surdos, sendo os desta última aqui apresentados em um levantamento bibliográfico; as considerações aos depoimentos dos docentes de História de uma escola polo na educação de surdos localizada na Baixada Fluminense (RJ), coletados por meio da metodologia da História Oral e examinados pela análise temática de conteúdo; além do compartilhamento das experiências pedagógicas empreendidas pelo autor.

Palavras-chave: Ensino de História para surdos; inclusão; educação especial; saberes e práticas no espaço escolar; cotidiano escolar e saberes históricos.

SANTOS, Paulo José Assumpção dos. **Ensino de História para alunos surdos em classes inclusivas: práticas e propostas**. 2018. 206 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 5- Como dar aula de História usando os desfiles das escolas de samba em escolas de privação de liberdade



Fonte: autoria própria

5. O USO DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA EM ESCOLAS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Clemir Barbosa, que trabalha no Colégio Estadual Evandro João da Silva, Colégio Estadual Cristóvão Colombo e na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Clemir cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, em 2018, defendeu a dissertação com o título: Abram alas pra História! Da concepção do enredo à Sapucaí: os desfiles das escolas de samba como didática para o ensino de História em escolas de privação de liberdade.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Clemir Barbosa.

1:07- Inicia falando da sua trajetória.

4:16- Como surgiu o interesse sobre o tema.

11:32- Duas inspirações usadas na pesquisa.

12:40- Passo a passo da sua dissertação e a prática do projeto.

18:43- Um grande diferencial do PROFHISTÓRIA.

19:48- A importância do PROFHISTÓRIA.

21:01- Desafios em escolas com restrição de liberdade.

26:56- A importância de expor essa realidade.

29:00- Considerações finais.

Resumo da dissertação

Este trabalho problematiza os desfiles das escolas de samba, em particular os que possuem como enredo temas históricos, como uma ferramenta didática para auxiliar os professores de História das escolas do sistema prisional. A dissertação apresenta o surgimento das escolas em regime de privação de liberdade e a ligação das escolas de samba com a História e com a cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, analisa a discussão do conceito de patrimônio e suas variações, passando pelas atuais políticas de patrimonialização no Brasil e processos de reconhecimento do samba do Rio de Janeiro como patrimônio cultural imaterial do Brasil e das escolas de samba que desfilam no município do Rio de Janeiro como patrimônio cultural imaterial da cidade. Apresenta também um guia prático para professores das escolas do sistema prisional que tem como objetivo a execução de um projeto pedagógico cuja culminância é a montagem de um desfile de escola de samba, através de maquete, e uma exposição do processo criativo do mesmo.

Palavras-chave: Ensino de História; escolas prisionais; patrimônio cultural imaterial; samba; escolas de samba; cidade do Rio de Janeiro.

NASCIMENTO, Clemir Barbosa do. **Abram alas pra História! Da concepção do enredo à Sapucaí: os desfiles das escolas de samba como didática para o ensino de História em escolas de privação de liberdade.** 2018. 205 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 6- Como usar os sambas-enredo nas aulas de História



Fonte: autoria própria

6. COMO USAR OS SAMBAS-ENREDO NAS AULAS DE HISTÓRIA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com a professora Fabíolla Falconi, que trabalha na escola EEB Professora Laura Lima- SC. Ela cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal de Santa Catarina e, em 2016, defendeu a dissertação intitulada: O samba pede passagem: o uso dos sambas-enredo no ensino de história. Vale ressaltar que seu trabalho ficou em primeiro lugar no prêmio PROFHISTÓRIA de melhor dissertação.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação da entrevistada, Fabíolla Falconi.

1:03- Fabíolla inicia contando sua trajetória acadêmica.

2:56- Como surgiu o interesse em escrever sobre esse tema.

6:55- Como o seu trabalho se diferencia e contribui para a academia.

9:58- Proposta para o professor seguir.

11:14- Passo a passo do seu produto.

15:30- Produção do material.

21:44- Como adaptar para outras realidades e ritmos.

26:00- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

37:14- Considerações finais.

Resumo da dissertação

Este trabalho apresenta uma proposta metodológica de Ensino de História refletindo sobre o uso de dois sambas-enredo, sendo um da escola Os Protegidos da Princesa, que retrata os cem anos da Guerra do Contestado em Santa Catarina, e outro da Escola de Samba Embaixada Copa Lord, que aborda aspectos históricos da rua Felipe Schmidt e sua relação com o centro da cidade de Florianópolis. Nesse sentido, trabalha-se na perspectiva do uso de fontes históricas no Ensino de História, como meio de problematizar as questões pertinentes a produção e difusão de discursos históricos presentes em nossa sociedade, e construir, junto aos alunos, narrativas históricas elaboradas, por meio da pesquisa histórica. A metodologia de ensino apresentada traz uma sequência didática elaborada a partir da reflexão e da proposta de análise de um conjunto de fontes históricas – fontes escritas, fontes orais, fontes iconográficas, fontes musicais – e da inter-relação entre elas. Assim, apresentam-se neste trabalho as discussões teórico metodológicas acerca da construção dessa metodologia e o material didático produzido a partir dela. Esse material contém um Guia do Professor, que apresenta as sequências didáticas elaboradas a partir da análise dos sambas. Como apêndice, encontra-se um CD contendo todas as fontes históricas escolhidas para serem trabalhadas nas sequências didáticas e o Diário de Experimentações, criado para ser utilizado pelos alunos ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Sambas-enredo; ensino de História; metodologia; fontes históricas; narrativa histórica.

VIEIRA, Fabiolla Falconi. **O samba pede passagem: O uso de sambas-enredo no ensino de História.** 2016. 240 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2016.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 7- Ensino de História da África: o protagonismo das mulheres Ibos na escrita literária de Flora Nwapa



Fonte: autoria própria

7. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA DA ÁFRICA UTILIZANDO A LITERATURA E O PROTAGONISMO DAS MULHERES

Como dar aulas de História da África utilizando a literatura e o protagonismo das mulheres? O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRICOS da UESPI, conversou com a professora Tathiana Cassiano, que trabalha na escola Uniavan. cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade do Estado de Santa Catarina e, em 2020, defendeu a dissertação intitulada: “[...] Vai haver outra guerra, a guerra das mulheres”: o protagonismo das mulheres Ibos na escrita literária de Flora Nwapa (Nigéria 1960).

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação da entrevistada, Tathiana Cassiano.

1:00- Tathiana inicia falando sobre sua trajetória de vida e na academia.

2:43- Como surgiu o interesse em pesquisar sobre a África utilizando a literatura e o protagonismo das mulheres.

4:45- A proposta central de levar a diversidade para sala de aula.

5:56- Um novo olhar sobre o tema, agora na visão de uma mulher.

8:56- Proposta pedagógica.

10:41- Etapas para produção do material.

15-16- Como adaptar para todas as séries.

17:30- Como o seu trabalho sobre a África se diferencia de outras metodologias também sobre esse tema.

23:14- História da escritora nigeriana Flora Nwapa.

27:40- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

33:30- Considerações finais.

Resumo da dissertação

Esta pesquisa se insere dentro do campo dos estudos africanos e do ensino de História com o objetivo de construir caminhos e estratégias para um ensino de história da África que, em diálogo com os parâmetros estabelecidos por meio da lei nº 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira (Diretrizes de 2004), possibilite a construção de conhecimento e compreensão positivada das populações africanas, ou seja, percebendo-as como protagonistas do processos históricos e não encerradas no estereótipo de vítimas passivas. Para tal intento, estabelece-se um diálogo teórico com os estudos pós-coloniais e decoloniais, pensando no uso da literatura como fonte de evidência devido ao caráter histórico do testemunho literário. Para isso, optou-se pela literatura produzida pela escritora nigeriana Flora Nwapa, bem como a sua entrevista, como documento de análise que nos possibilitou refletir e elaborar uma proposta de material didático voltado para o ensino de história de Áfricas. Esta pesquisa defende que a literatura africana, produzida por essa autora, evidencia a diversidade de experiências e o protagonismo de mulheres africanas Ibos no contexto da Nigéria na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Ensino de História; História de África; literatura; decolonialidade; protagonismo das mulheres.

CASSIANO, Tathiana C. S. A. “[...] **Vai haver outra guerra, a guerra das mulheres**”: **o protagonismo das mulheres Igbos na escrita literária de Flora Nwapa (Nigéria 1960)**. 95f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 8- Como dar aulas de educação patrimonial



Fonte: autoria própria

8. COMO DAR AULAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL A PARTIR DE UM ROTEIRO HISTÓRICO GEOGRÁFICO

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Vagner Moraes, que trabalha no Colégio Estadual Olavo Josino de Salles (Inhaúma) e Escola Municipal Cientista Mário Kröeff. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal Fluminense e, em 2020, defendeu a dissertação intitulada: Educação patrimonial a partir de um roteiro histórico geográfico em Inhaúma– Rio de Janeiro.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Vagner Moraes.

1:16- Vagner inicia falando sobre sua trajetória de vida e na academia.

3:25- Como surgiu o interesse para falar sobre o tema que mescla História e Geografia.

7:05- Prática do seu projeto de campo com os alunos.

10:21- A importância do PROFHISTÓRIA para sua vida acadêmica.

12:15- Concretizando seu projeto de campo com a geografia cultural.

16:42- Como funciona esse guia prático de campo visando o patrimônio cultural.

27:13- O aproveitamento dos alunos no projeto.

33-47- Ponto crítico sobre a questão de patrimônio. “Quem decide o que é patrimônio ou não?”.

40:48- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

47:32- Considerações finais.

Resumo da dissertação

Muito se perdeu do patrimônio histórico e cultural dos bairros do subúrbio, do município do Rio de Janeiro. Provavelmente, um dos motivos foi a falta de conhecimento da população que nela reside, pois não há quase histórico de luta no sentido de sua preservação. E se na escola não se educa para este tipo de cuidado, os governantes também não se interessam nesse sentido. Este é um projeto voltado para o bairro em que a escola está inserida, que, neste caso, é o de Inhaúma, situado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Visa levar os alunos a valorizar o patrimônio cultural, a partir de uma caminhada a pé, pelas ruas do bairro. Neste roteiro, trata-se da história e da geografia do lugar, dialogando com a educação patrimonial. Há pontos de paradas que são bens tombados oficialmente e outros não, pois o que determinou a importância dos lugares foi o desenrolar do projeto. Ao final, ele traz um modelo metodológico de como ser implantado em qualquer escola da cidade.”

Palavras-chave: Educação patrimonial; ensino de História; patrimônio; Geografia; História.

Medeiros, Vagner Jose de Moraes. **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL A PARTIR DE UM ROTEIRO HISTÓRICO GEOGRÁFICO EM INHAÚMA – RIO DE JANEIRO.**

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2020.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 9 - Ensino de História e os indígenas em contexto urbano



Fonte: autoria própria

9. INDÍGENAS EM CONTEXTO URBANO E ENSINO DE HISTÓRIA NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com a professora Thaís Silveira, que trabalha na escola E.M. Presidente Costa e Silva. Ela cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, em 2016, defendeu a dissertação intitulada: Identidades (in)visíveis: indígenas em contexto urbano e o ensino de História na região metropolitana do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que seu trabalho foi laureado no prêmio PROFHISTÓRIA de melhor dissertação.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação da entrevistada, Thaís Silveira.

1:16- Thaís inicia falando sobre sua trajetória de vida e na academia.

4:15- Como surgiu o interesse em pesquisar sobre os indígenas no contexto urbano e o ensino de História na região metropolitana do Rio de Janeiro.

10:00- Produtos da sua dissertação e a construção da mesma.

14:00- Exercício proposto para explorar o tema sobre os indígenas em sala.

15:51- O foco principal do seu produto de pesquisa.

19:46- Experiência com um aluno indígena na sala de aula.

25:00- Invisibilidade e a violência sofrida por povos indígenas no contexto urbano.

30:50- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

34:13- Considerações finais.

Resumo da dissertação

Este trabalho é um material didático para a implementação nas escolas da região metropolitana do Rio de Janeiro da lei 11.645/08, que inclui a História e a cultura indígena no currículo obrigatório do ensino básico no Brasil. Ele parte do princípio de que a compreensão da população indígena a partir do paradigma da colonialidade, impede que grande parte das pessoas percebam as transformações passadas por aqueles povos ao longo dos séculos, ao mesmo tempo em que leva a uma percepção precária de sua presença no espaço urbano, especialmente na região metropolitana do Rio de Janeiro, que possui uma considerável população indígena, assim como descendentes diretos, que convivem diariamente com o restante da sociedade, inclusive nas salas de aula, mas que são invisíveis. Este material é composto de uma exposição sobre indígenas em contexto urbano, um caderno de atividades e um texto dissertativo que explicita as opções teóricas e metodológicas adotadas.

Palavras-chave: Lei 11.645/08; indígenas em contexto urbano; ensino de História.

SILVEIRA, Thais Elisa Silva. **Identidades (in)visíveis: indígenas em contexto urbano e o ensino de história na região metropolitana do Rio de Janeiro**. 2016. 132F Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 10- Como dar aulas de História a partir de trajetórias de africanos



Fonte: autoria própria

10. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA A PARTIR DE TRAJETÓRIA DE AFRICANOS

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com a professora Carolina Rovaris, que trabalha na escola Centro de Educação Aprender Brincando/CEAB. Ela cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC e, em 2018, defendeu a dissertação intitulada: Narrativas sobre a diáspora africana no ensino de História: trajetórias de africanos em Desterro/SC no século XIX. Vale ressaltar que o seu trabalho foi laureado no prêmio PROFHISTÓRIA de melhor dissertação.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação da entrevistada, Carolina Rovaris.

1:50- Carolina inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

7:01- Como surgiu o interesse em pesquisar sobre a trajetória dos africanos e utilizá-la em sala de aula.

11:49- Proposta de atividade em sala por meio da investigação dos povos africanos.

13:45- Como trabalhar com trajetórias em sala de aula.

20:00- Passo a passo da investigação que os alunos fazem sobre a trajetória dos sujeitos em seu site: Trajetórias da Diáspora.

25:00 – A importância do meio digital para melhor acesso ao seu trabalho.

27:20- Sobre o site, Trajetórias da Diáspora.

29:30- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

35:00- Considerações finais.

Resumo da dissertação

Este trabalho, desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA/UEDESC, tem como objetivo apresentar uma proposta de ensino por meio da construção de narrativas históricas que tenham como foco trajetórias de africanos que viveram em Desterro/SC no século XIX. Tendo como aporte teórico os Estudos Culturais, a intenção é propor a construção do conhecimento histórico em sala de aula a partir de uma hermenêutica do cotidiano, que permita aos estudantes evidenciar e conhecerem a agência dos sujeitos de origem africana ao longo dos processos históricos educativos (<http://trajetoriasdadiaspora.com.br/>) com propostas didáticas para que o professor da educação básica possa trabalhar com produção de narrativas a partir de trajetórias, tomando como base um ensino de história no qual o passado é visto como um universo de experiências possíveis e diversas traçadas por sujeitos tema, o resultado final do trabalho se constitui, além do texto dissertativo, da proposição de um site educativo (<http://trajetoriasdadiaspora.com.br/>) com propostas didáticas para que o professor da educação básica possa trabalhar com produção de narrativas a partir de trajetórias, tomando como base um ensino de história no qual o passado é visto como um universo de experiências possíveis e diversas traçadas por sujeitos.

Palavras-chave: Ensino de História; narrativa, africanos; trajetória; PROFHISTÓRIA.

ROVARIS, Carolina Corbellini. **Narrativas sobre a diáspora africana no Ensino de História: trajetórias de africanos em Desterro/SC no século XIX.** 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 11- O ensino de História e o potencial pedagógico da memória



Fonte: autoria própria

11. O ENSINO DE HISTÓRIA E O POTENCIAL PEDAGÓGICO DOS USOS DA MEMÓRIA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professora Silvana Nunes que cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, em 2018, defendeu a dissertação com o título: Acendendo o candeeiro: memórias em disputas nas fazendas do Vale do Paraíba fluminense e seus usos no ensino de História.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação da entrevistada, Silvana Nunes.

1:15- Silvana inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

6:44- Como surgiu o interesse em pesquisar sobre os usos da memória no ensino de História.

9:43- A pesquisa e a memória em Volta Redonda.

12:24- O que significa “Acendendo o candeeiro”.

17:30- Como foi utilizada a questão da memória africana em sala de aula.

27:25- A criação de um jogral na escola.

33:38- Projeto sobre os espaços, a arquitetura dos ambientes e o questionamento principal: Quem fez?

36:20- A reação dos alunos após sair da escola em que lecionava e as mensagens de carinho.

41:33- Trabalho sobre mitologia africana.

46:00- O sentimento que acompanha tanto trabalho e dedicação trazidos com as experiências no PROFHISTÓRIA.

51:36- Coordenação do PROFHISTÓRIA.

57:29- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

1:06:15- Considerações finais.

Resumo da dissertação

O presente trabalho pretende entender e analisar a seleção de memória ocorrida no processo de construção de roteiros turísticos e pedagógicos da região do Vale do Paraíba Fluminense e seu potencial pedagógico para o ensino de História na escola. Destacaremos aqui, espaços de memórias, os roteiros, suas narrativas e representações ocorridas nas enquetes teatrais, pensados a partir da manutenção e difusão de assuntos relacionados a patrimônios materiais e imateriais, escolhidos por serem pioneiros na realização do sarau histórico, casos da fazenda Ponte Alta em Barra do Piraí, na fazenda Florença, do distrito de Conservatória em Valença e o roteiro do jongo de Pinheiral , que faz parte do Projeto “Passados Presentes” da Universidade Federal Fluminense, na cidade de Pinheiral. Ambos têm o mesmo ponto de partida em suas escolhas de memórias: as fazendas cafeeiras dos oitocentos. Após a escolha do tema, em dezembro de 2016, ocorreu uma denúncia de prática de racismo em relação a um roteiro apresentado na fazenda Santa Eufrásia, localizada na cidade de Vassouras. A denúncia teve como resultado um Termo de ajustamento de conduta (TAC), a ser cumprido pela fazenda. As apropriações memorialísticas, seus novos usos, a disputa que está intrínseca em suas narrativas são fatores a serem privilegiados neste projeto, bem como seu potencial pedagógico para a prática de ensino da História.”

Palavras-chave: Memória; ensino de História; atividades escolares.

MORAES, Silvana Nunes Fontes. **Acendendo o candeeiro: Memórias em disputa em uma fazenda do Vale do Paraíba Fluminense e seus usos no Ensino de História**. 2019. 77 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 12- Ensino de História, o samba e os usos dos conceitos de memória e identidade



Fonte: autoria própria

12. O ENSINO DE HISTÓRIA, O SAMBA E OS USOS DOS CONCEITOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Fabrício Castilho, que trabalha no Colégio Ciep 223, CE Irineu José, Espaço Célula. Fabrício cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e, em 2019, defendeu a dissertação com o título: Samba de escola: o uso dos conceitos de memória e identidade para a educação das relações étnico-raciais.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Fabrício Castilho.

1:00- Fabrício inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

7:52- Como surgiu o interesse em pesquisar sobre o samba e os usos do conceito de memória e identidade.

14:04- A grande motivação para a escolha do tema de sua pesquisa.

17:30- O samba e a música na vida do brasileiro.

19:40- A música como recurso pedagógico.

22:00- Uma das questões que buscou destacar em seu trabalho.

23:34- Cultura e história africana e afro-brasileira, o coração do seu trabalho visando a Lei de 1939.

27:42- A escola de samba estimula saberes.

30:36- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

36:31- Considerações finais.

Resumo da dissertação

Historicamente marginalizada, em decorrência da forma da sua inserção na modernidade atlântica e luso-brasileira, a população negra do Brasil tem ensejado então, desde o fim da experiência da escravidão uma notável busca por inclusão social. A questão educacional tem sido um ponto central dentro da sua estratégia de luta por ascensão, inicialmente a luta focou na busca por acesso a esse tipo de serviço, chegando ao ponto culminante, mais recentemente, da exigência de uma revisão pedagógica que garanta maior espaço e reconhecimento às populações negras como parte integrante e importante da construção da sociedade e cultura brasileiras. Tal luta por inclusão e visibilidade se materializou na elaboração da lei 10639 de 2003 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas do Brasil. Atentos à necessidade colocada pela lei e o papel que a história possui na sociedade, procuramos fazer uma crítica do currículo da educação básica, extremamente marcado por uma visão eurocêntrica, excludente e subalternizadora das identidades negras. A partir disso, utilizando o conceito de cultura histórica em Jorn Rüsen, buscamos no diálogo da história escolar com a música, como instrumento didático, maneiras de fomentarmos e visibilizarmos memórias e manifestações culturais negras que permitissem resgatar, valorizar e fortalecer identidades afrodescendentes. Dessa forma, buscamos caminhar ao encontro de uma interculturalidade crítica, contribuindo para a democratização do espaço escolar e da transformação da própria sociedade, muito mais inclusiva, democrática e valorizadora das diferenças.

Palavras-chave: Ensino de História; relações étnico-raciais; cultura histórica; samba-enredo; memória e identidade; interculturalidade crítica.

ANDRADE, Fabricio Castilho Nunes de. **Samba de escola: o uso dos conceitos de memória e identidade para a educação das relações étnico-raciais**. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 13- Como utilizar os memes nas aulas de História



Fonte: autoria própria

13. COMO UTILIZAR OS MEMES NAS AULAS DE HISTÓRIA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com a professora Cíntia Beñák, que atua no ensino básico da rede pública e privada do Rio de Janeiro. Ela cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, em 2020, defendeu a dissertação com o título: Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação da entrevistada, Cíntia Beñák.

1:00- Cíntia inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

3:12- Como surgiu o interesse em utilizar memes na sala de aula.

8:40- O trabalho é dividido em 3 capítulos para incluir o meme em uma narrativa histórica.

11:50- O cuidado para trabalhar com memes em todas as séries.

20:13- Trabalhar com memes quando não se tem acesso a internet.

24:20- Museu de Memes.

26:43- O produto construído pela experiência com os alunos.

29:53- Etapas para se trabalhar com memes em sala de aula.

33:56- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

36:40- Considerações finais.

Resumo da dissertação

A História e seu ensino vêm atravessando nas últimas décadas um processo de mudanças que, de certa forma, relacionam-se à afirmação de novas formas de se ler e comunicar histórias e memórias do homem no tempo. Essas novas formas têm possibilitado um acesso ampliado de narrativas de sentido histórico em diferentes suportes, especialmente os digitais, que, produzidas em ambientes públicos, rompem os muros escolares e constituem sentidos na sala de aula. Esta pesquisa busca refletir aspectos das exigências que essas mudanças provocam no ensino escolar de História e se propõe a discutir o uso didático do meme, entendido como uma narrativa digital que circula pelo ciberespaço e com alto potencial de produzir narrativas históricas. O objetivo é apresentar reflexões que surgiram de experiências didáticas com a apropriação desse artefato cultural midiático em turmas do 6º e 8º anos do Ensino Fundamental II, de uma instituição privada do município de Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro, visando promover uma aprendizagem histórica significativa. Na construção das experiências didáticas, a pesquisa fundamentou-se na Didática da História, em especial Rüsen e Cerri, em diálogo com outros pesquisadores do campo do Ensino de História no Brasil, como Caimi, Cainelli e Monteiro. A metodologia das aulas-oficina, a partir de Alves, Antunes e Barca, atendeu às perspectivas pretendidas pela pesquisa, pois possibilitou, apesar da condição excepcional de aulas remotas, a construção de espaços de trocas e diálogos com os alunos e a promoção da maximização da aprendizagem por meio da interligação entre teoria aplicada com a prática. Os resultados alcançados serviram de base para a elaboração de um Guia Didático on-line, artefato didático escolar, que objetiva orientar e motivar outros professores do Ensino Fundamental II a experimentarem os memes em suas aulas.

Palavras-chave: Ensino de História; aprendizagem histórica; memes da Internet.

Abreu, Cíntia Beñák de. Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 14- Como utilizar podcast nas aulas de História



Fonte: autoria própria

14. USOS E POSSIBILIDADES DO PODCAST NO ENSINO DE HISTÓRIA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Raone Ferreira, que trabalha na Escola Municipal Professor Oswaldo da Rocha Camões. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, em 2016, defendeu a dissertação com o título: Usos e possibilidades do podcast no ensino de História.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Raone Ferreira.

1:10- Raone inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

5:06- Como surgiu o interesse em utilizar podcast no ensino de História.

8:13- Articular mídia e ensino de História.

10:50- Como foi trabalhado o podcast com os alunos e a criação da oficina para professores.

12:40- Uso da oficina na prática e o feedback dos alunos e professores.

16:35- Ideia central da oficina.

19:11- Apego dos alunos a imagens e não apenas ao áudio.

25:40- Como o professor pode utilizar o podcast em sala.

31:14- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

38:00- Considerações finais.

Resumo da dissertação

O fenômeno da globalização tornou possível diversas transformações tecnológicas, criando em pouco tempo um conjunto de sistemas de informação e comunicação cada vez mais acessíveis aos mais diversos grupos sociais. Assim, a escola, como instituição e local de produção cultural, também foi impactada diretamente pelos avanços das TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação. De que maneira as tecnologias têm impactado o ensino de História? Como professores de História podem mobilizar saberes através de novas estratégias tecnológicas? Este trabalho pretende discutir sobre as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação a partir da mídia podcast, indicando usos e potencialidades para professores de História na Educação Básica. A escola tem encontrado no ciberespaço um lugar de grande potencial para a produção do conhecimento histórico através da chamada “Cultura da convergência”, em que as diversas mídias e tecnologias se interconectam. Assim, quebrando barreiras entre os espaços tradicionais de ensino, o ciberespaço tem se constituído como um elemento articulador para a interconexão da escola com os espaços públicos e acadêmicos. No sentido de contribuir para o desenvolvimento de práticas de ensino em diálogo com o ciberespaço, desenvolvemos uma oficina de produção de podcast para professores na Educação Básica.

Palavras-chave: Ensino de História; podcast; TICs,; ciberespaço; cultura da convergência.

SOUZA, Raone Ferreira de. **Usos e possibilidades do podcast no ensino de História. 2016.** Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 15- Sugestões para o uso dos filmes da Marvel e DC nas aulas de História



Fonte: autoria própria

15. SUGESTÕES DIDÁTICAS PARA O USO DE FILMES DA MARVEL E DC NA SALA DE AULA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Arthur Gibson, que trabalha na E.M. Cleusa Jordão, em Angra dos Reis/RJ. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, em 2018, defendeu a dissertação com o título: Super-heróis e ensino de História, um guia visual: sugestões didáticas para o uso de filmes da Marvel e DC na sala de aula.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Arthur Gibson.

1:07 – Arthur inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

4:27 - Como surgiu o interesse em utilizar os filmes da Marvel e da DC em sala de aula.

9:44- Usar filmes do universo dos alunos como porta de entrada para o ensino de História.

14:20- Proposta principal para utilizar os filmes em sala.

16:24- Sugestões didáticas de como usar esses filmes na prática.

21:40- Possibilidade de debate sobre os filmes, por exemplo a Mulher Maravilha.

33:20- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

37:40- Considerações finais.

Resumo da dissertação

O presente trabalho busca elaborar um guia visual para professores, indicando possibilidades didáticas no uso de filmes de super-heróis no ensino de História. Partimos da constatação de que há um crescente desinteresse pela escola e pelo aprendizado da história por parte dos alunos, em uma realidade marcada pelo presentismo e pelas novas tecnologias da informação e comunicação. Ao mesmo tempo, há entre os jovens um enorme sucesso dos filmes e narrativas de super-heróis. Com este trabalho buscamos criar uma ponte entre o interesse dos estudantes

pelos filmes de super-heróis e os objetivos do ensino de História. Nos valem do conceito de “mediação didática” para desenvolver um guia visual que apresenta indicações e sugestões de discussões, temáticas e atividades para o uso no ensino de História dos filmes Mulher Maravilha (2017), Capitão América: O Primeiro Vingador (2011) e Capitão América: Guerra Civil (2016).

Palavras-chave: Ensino de História; cultura visual; mídias e linguagem; super-heróis; cinema; guia visual.

PEREIRA PINTO, Arthur Gibson. **Super-heróis e Ensino de História, um Guia Visual: sugestões didáticas para o uso de filmes da Marvel e DC na sala de aula.** Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 16- Como utilizar o Patrimônio Escolar nas aulas de História



Fonte: autoria própria

16. COMO UTILIZAR PATRIMÔNIO ESCOLAR NAS AULAS DE HISTÓRIA

O canal “Fala, Profhistoricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Leandro Balejos Pereira. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, em 2016, defendeu a dissertação (laureada pelo prêmio PROFHISTORIA) com o título: Ensino de História e o ofício do historiador: a investigação do processo de patrimonialização do espaço físico da Escola Estadual Professor Olintho de Oliveira (Porto Alegre/RS) com alunos e alunas do 6º ano do Ensino Fundamental.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Leandro Balejos.

1:36 – Leandro inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

11:49- Como surgiu o interesse em utilizar o patrimônio escolar nas aulas de História.

17:08- O projeto visa contribuir para o ensino de História, buscando discutir história, memória e patrimônio.

20:52- Onde foi aplicada sua metodologia.

21:30- Construção do projeto que foi feito em 4 partes na sala de aula.

24:00- Investigação e pesquisa do patrimônio.

27:55- O objetivo central do projeto sobre memória e patrimônio escolar.

29:10- Fases da discussão interna sobre o ensino de História.

36:30- Experiência dos alunos com o projeto.

43:00- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

51:00- Considerações finais.

Resumo da dissertação

O presente trabalho assume a relação entre história e memória como um dos desafios disciplinares da História no âmbito da educação básica e pretende refletir sobre o ofício do historiador investigando o processo de patrimonialização do espaço escolar. Desta forma, reconhece a materialidade das instituições formais de ensino como possibilidade de atuação da História, enquanto disciplina que proporciona diferentes leituras do mundo, inclusive a reflexão sobre a memória e a cultura material. Tomando em conta estas considerações, propõe-se que alunos e alunas do 6º do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre/RS possam construir noções de documento e fontes para a história, da narrativa como mediação entre o passado e a interpretação historiográfica, bem como da noção de patrimônio cultural e seus desdobramentos enquanto possibilidade para a educação histórica. Para concretizar o objetivo enunciado, a pesquisa no acervo documental e iconográfico da escola foi simultaneamente recurso metodológico e questão mobilizadora para a produção de conhecimento no ensino fundamental. Além de discutir teoricamente o problema anunciado, operando com os conceitos de patrimônio cultural e patrimônio escolar, e avaliar os resultados da pesquisa, a investigação também descreve e examina a construção de um projeto de exposição, reunindo fotografias e excertos de documentos escritos que compõem o acervo da instituição educativa. A partir da aplicação de instrumento de avaliação escrito e das anotações efetuadas durante as aulas, foi possível verificar que a maioria dos estudantes conseguiu identificar a importância e a variedade dos vestígios como matéria-prima das fontes para a história e a relação entre a produção historiográfica e as demandas do presente. Também quando questionados sobre diferentes formas narrativas, majoritariamente os

estudantes envolvidos na pesquisa identificaram as características da escrita autobiográfica, dos enredos ficcionais e as providências próprias da elaboração do conhecimento histórico. Com relação à noção de patrimônio cultural, a maior parte dos alunos e das alunas reconheceu a tensão entre o papel da memória e a dimensão histórica na patrimonialização dos bens.

Palavras-chave: História; Ensino fundamental; patrimônio escolar; projeto de exposição; fotografia.

PEREIRA, Leandro Balejos. **Ensino de história e o ofício do historiador:** a investigação do processo de patrimonialização do espaço físico da Escola Estadual Professor Olintho de Oliveira (Porto Alegre/RS) com alunos e alunas do 6º ano do ensino fundamental. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 17- O Livro Didático e a religiosidade nas aulas de História



Fonte: autoria própria

17. O LIVRO DIDÁTICO E A RELIGIOSIDADE NAS AULAS DE HISTÓRIA

O canal “Fala, Profhísticos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Guilherme Braunsperger. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal de Santa Catarina e, em 2018, defendeu a dissertação com o título: Religiosidades em coleções didáticas de História: história, sociedade e cidadania (2013) e Nova história integrada (2015).

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Guilherme Braunsperger.

00:58 – Guilherme inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

7:51- Como surgiu o interesse em pesquisar sobre o livro didático e a religiosidade.

11:00- O questionamento necessário de um aluno sobre religião e ensino de História.

15:33- Construção da sua dissertação.

22:05- Sobre o PNLD (Plano Nacional do Livro Didático).

30:30- Um debate sobre identidades.

33:00- A verdadeira realidade dentro da sala de aula.

43:13- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

56:00- Considerações finais.

Resumo da dissertação

O Livro Didático é uma ferramenta fundamental na prática docente, ele tem no Brasil a diretriz dada pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e tem dentro de seu projeto analisado neste trabalho a função de trabalhar questões étnico raciais inerentes a pluralidade cultural brasileira. As coleções analisadas sob viés da religiosidade dos povos abordados, têm como intenção demonstrar a colonialidade das mentes e a influência de que a historiografia eurocêntrica ainda é predominante. Dentro dos Livros Didáticos e de como as religiosidades dos diferentes povos apresentados são tratadas nas coleções, analiso as coleções didáticas pelo viés da decolonialidade, me apoiando fundamentalmente em autores como Franz Fanon, Catherine Walsh, Homi Bhabha, Arturo Escobar, Walter D. Mignolo e Stuart Hall. Na análise de livros didáticos há aproximação do método de abordagem de Circe Bittencourt e Kazume Munakata.

Palavras-chave: Livro Didático; decolonialidade; PNLD 2015; religiosidade.

VIEIRA, Guilherme Braunsperger de L. **Religiosidades em coleções de livros didáticos de história: história, sociedade e cidadania (2013) e nova história integrada (2015)**. 2017. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2017

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 18- Como utilizar práticas Museais para construir narrativas históricas



Fonte: autoria própria

18. PRÁTICAS MUSEAIS NA ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE A ESCOLA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Murilo Brasil. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Estadual do Paraná e, em 2018, defendeu a dissertação com o título: Práticas Museais na Escola: narrativas sobre a escola.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

- 00:00- Apresentação do entrevistado, Murilo Brasil.
- 1:43 – Murilo inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.
- 5:33- Como surgiu o interesse em utilizar práticas museais na escola.
- 9:50- O ensino do patrimônio para a valorização da instituição escolar.
- 12:10- Desenvolvimento da dissertação e o processo do projeto com os alunos.
- 18:50- Valorização da instituição escolar e a questão da identidade.
- 21:32- Ideia central do projeto.
- 24:26- Depoimento pessoal do professor Murilo Brasil.
- 32:00- Passo a passo de como utilizar o projeto na sala de aula.

48:13- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

55:54- Considerações finais.

Resumo da dissertação

Práticas Museais na escola: narrativas sobre a escola propõe uma oficina de musealização com foco na construção da narrativa histórica sobre a escola. Objetivou-se valorizar a escola enquanto patrimônio cultural afetivo a partir do diálogo entre ensino de história e educação patrimonial. Para tanto, a metodologia empregada na oficina baseia-se em ações educativas utilizadas nas práticas dos setores educativos de museus de história. A proposta surge da busca por metodologias que possibilitem aos alunos um contato com material histórico e com a prática de produção do conhecimento em História, permitindo aos mesmos uma percepção da história enquanto conhecimento construído, ao mesmo tempo em que valorizem bens culturais e instituições enquanto lugares de memória e produtores de identidade. Esta prática visa promover, através de práticas escolares, uma maior aproximação entre o ensino de história e a educação patrimonial, por um lado, e por outro possibilita ao aluno uma maior compreensão do processo de produção e narrativa do conhecimento histórico.

Palavras-chave: Práticas Museais; educação patrimonial; ensino de História; patrimônios, acervos e museus; narrativa; memória e identidade.

BRASIL, Murilo de Almeida. **Práticas Museais na Escola: Narrativas sobre a Escola**. 94f Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2018

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 19- Como utilizar as narrativas gráficas nas aulas de História



Fonte: autoria própria

19. A HISTÓRIA NOS QUADRINHOS: O USO DE NARRATIVAS GRÁFICAS NAS AULAS DE HISTÓRIA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com a professora Priscilla Damasceno, que atua no ensino básico do Rio de Janeiro. Ela cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, em 2020, defendeu a dissertação com o título: A história nos quadrinhos: o uso de narrativas gráficas nas aulas de História.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação da entrevistada, Priscilla Damasceno.

1:05– Priscilla inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

6:28 - Como surgiu o interesse em utilizar narrativas gráficas e quadrinhos no ensino de História.

15:15- Construção da dissertação para o mestrado com base nos quadrinhos, desenhos e narrativas gráficas.

17:13- Criação de um livro em quadrinhos sobre feudalismo para os alunos.

24:19- Sobre o livro e sua praticidade para utilizar em várias turmas.

27:00- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

38:44- Considerações finais.

Resumo da dissertação

A presente pesquisa é resultado de alguns anos de uma experiência didática progressiva e aborda a utilização das histórias em quadrinhos nas aulas de História para turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. Iniciamos nossos estudos teóricos, dialogando com autores de referência historiográfica que pesquisam o uso das narrativas como uma das importantes modalidades de escrever e socializar os saberes históricos. Compreendidas como um gênero literário híbrido, formadas por imagens e geralmente por textos, as historietas podem ser identificadas como narrativas gráficas, uma vez que unem as duas formas de linguagens, constituindo um tipo específico de comunicação humana. Elegemos esse tipo de arte, como um potente veículo, na abordagem de diversos conteúdos históricos. Foi organizada e integrada como anexo a esse material, uma história em quadrinhos que trabalhará a sociedade feudal na Baixa Idade Média. Questões sociais, econômicas, culturais, política e de gênero atravessam o roteiro dessa trama medieval. Nosso objetivo foi criar um material lúdico para crianças e adolescentes, fazendo dos encontros nas aulas de História um momento de educação mais prazerosa, empática e atraente para os estudantes

Palavras-chave: Ensino de História; produção e difusão de narrativas históricas; ensino e aprendizagem em espaços não-formais; narrativas gráficas; história em quadrinhos; Feudalismo.

RODRIGUES, Priscilla Damasceno. **A História nos quadrinhos: o uso de narrativas gráficas nas aulas de História**. 2020. 118f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 20- Como utilizar a Teoria da História como metodologia para o ensino de História



Fonte: autoria própria

20. COMO USAR A EPISTEMOLOGIA DA HISTÓRIA COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor André Vinícius, que trabalha no Colégio 7 de Setembro, Centro Universitário 7 de Setembro – Uni7 e – SEDUC-CE. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e, em 2020, defendeu a dissertação com o título: Hoje não vai ter aula: Educação Histórica e Aprendizagem ColaborATIVA a partir da experiência com a ONHB.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, André Vinícius.

1:05– André inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

8:22 - Como surgiu o interesse em usar a epistemologia da História como metodologia.

16:50- Ponto importante de André sobre a Olimpíada de História.

18:35 – Como trabalhar a disciplina de História com a própria epistemologia da História.

22:00- Construção da sua dissertação.

25:31- Escala de conhecimento, passar por fases.

- 27:19- “Queda de paradigma”.
- 28:23- Professor como designer de experiência educacional.
- 31:50- Conceitos meta- históricos.
- 36:12- Como chegar ao artefato didático.
- 42:47: Oficina de educação histórica.
- 50:29- Como utilizar o projeto em todas as turmas.
- 55:30- Utilizar o projeto para o Enem.
- 1:03:08- A mudança do paradigma.
- 1:13:18- O livro foi produzido pelos professores.
- 1:22:41- A importância do ensino das Ciências Humanas.
- 1:23:53- Experiência com o PROFHISTORIA.
- 1:31:50- Considerações finais.

Resumo da dissertação

O estudo realizado busca refletir sobre as possibilidades de construção de experiências significativas de aprendizagem histórica, norteadas pela própria epistemologia da ciência de referência, objetivando que a aprendizagem ocorra de modo ativo, colaborativo e, sobretudo, que o aprendente esteja no centro do processo. O presente estudo analisa o processo de aprendizagem histórica no contexto escolar, com recorte focal na modalidade regular do EMTI- Ensino Médio em Tempo Integral. O referencial teórico está fundamentado no macrocampo da cognição histórica, onde residem a Didática da História, que busca compreender o processo de formação da cultura histórica, e a Educação Histórica, que busca a compreensão da relação que professores e alunos estabelecem com o saber histórico, suas categorias e conceitos estruturantes. A proposta da dissertação é discutir e reavaliar o papel do docente de História, deslocando o foco do ensino para a aprendizagem, demonstrando as possibilidades e potencialidades advindas da adoção de um modelo que situe o aluno como protagonista na construção do próprio conhecimento e no qual o professor assume o importantíssimo papel curador de conteúdo, mentor/orientador de pesquisas e designer de experiências de aprendizagem. Como resultado desse

processo, planejamos e propusemos uma disciplina eletiva, em formato de Oficina de Educação Histórica, inserida no contexto da base curricular diversificada do EMTI – Ensino Médio em Tempo Integral, voltada para alunos de 1º e 2º anos, contendo atividades de aprendizagem histórica, desenvolvidas em um contexto híbrido de aprendizagem, utilizando recursos analógicos e/ou digitais, pensados com o propósito de promover o engajamento e protagonismo discente, estimulados pela curiosidade investigativa e pelo prazer da descoberta, com o intuito de proporcionar experiências cognitivas desafiadoras e significativas. Pretendemos contribuir para a reflexão e construção de um modelo de aprendizagem histórica capaz de articular a realidade cotidiana dos envolvidos, os conceitos meta-históricos, categorias de análise da História, e os conceitos substantivos, os processos históricos propriamente ditos, de modo a contribuir para a construção de uma estrutura de pensamento histórico, inserida em um processo de letramento histórico digital, que possibilite aos aprendentes atuar como sujeitos históricos mais conscientes do lugar social que ocupam, expressando melhor suas ideias, defendendo de modo mais efetivo seus direitos, dentre tantas outras aprendizagens que fortaleçam o exercício cada vez mais pleno da cidadania.

Palavras-chave: Educação Histórica; letramento histórico digital; ONHB – Olimpíada Nacional em História do Brasil; metodologias ativas; ensino de História.

MAGALHÃES, André Vinícius Bezerra. **Hoje não vai ter aula: educação histórica e aprendizagem colaborativa a partir da experiência com a ONHB.** 2020. 255f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistoria) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 21- Como repensar as mulheres no Brasil Colonial nas aulas de História



Fonte: autoria própria

21. REPENSANDO AS MULHERES NO BRASIL COLONIAL

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com a professora Karine Mazarão. Ela cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Estadual de Maringá e, em 2020, defendeu a dissertação com o título: História das mulheres e relações de gênero como possibilidades críticas ao ensino de História: repensando as mulheres no Brasil colonial.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação da entrevistada, Karine.

0:52- Karine inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

6:52- Como surgiu o interesse em pesquisar as mulheres no Brasil colonial e as relações de gênero.

10:44- Como repensar o Brasil Colonial hoje com a presença das mulheres e trazer para sala de aula.

17:14- Visão patriarcal.

24:08- Caderno temático dividido em dois temas.

30:52- Análise do material didático e uma crítica ao currículo escolar.

35:18- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

41:10- Considerações finais.

Resumo da dissertação

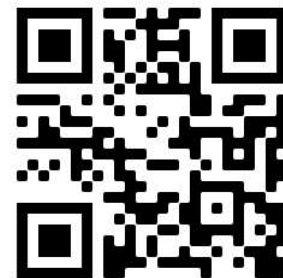
Pensar a organização do currículo escolar não é um tema novo, diferentes críticas ao modelo tradicional curricular têm sido feitas ao longo dos anos apontando as inúmeras possibilidades de uma nova formatação. Ao longo do trabalho estabelecemos um diálogo entre a História das Mulheres e as Relações de Gênero no Ensino de História, a partir do viés do Pensamento decolonial, levando em consideração a Pedagogia Decolonial, a interculturalidade e a colonialidade de gênero como possibilidades de abordagem curricular que incluem as mulheres (no plural, negras, brancas e indígenas) no ensino de História a partir da temática de Brasil Colônia. A análise partiu das dificuldades em torno das relações de gênero representadas em livros didáticos, levando em conta o silenciamento e a invisibilidade das mulheres. O objetivo deste trabalho é fomentar o diálogo a partir das relações de gênero, representatividade ou a falta de representatividade das mulheres na temática de Brasil Colonial e o conceito de sociedade e organização patriarcal transmitida neste assunto. A partir da referência teórica oferecemos um produto final, em forma de proposta pedagógica, materializado em um caderno temático que aponta possibilidades de abordagens no Ensino de História diferente daquelas cristalizadas nos livros didáticos. Como base da discussão utilizamos os conceitos de História e as Relações de Gênero, pautada principalmente na abordagem de Joan Scott, História das Mulheres, Pedagogia Decolonial de Catherine Walsh e Colonialidade do gênero de María Lugones.

Palavras-chave: Currículo; História das mulheres; gênero; colonialidade; ensino de História.

MAZARÃO, Karine de Fátima. **História das Mulheres e Relações de Gênero como possibilidades críticas ao Ensino de História:** repensando as mulheres no Brasil colonial. Mestrado Profissional em ensino de História (ProfHistória) Universidade Estadual de Maringá. 2020.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 22- Como utilizar o jogo Tempos & histórias nas aulas de História



Fonte: autoria própria

22. COMO UTILIZAR O JOGO TEMPOS & HISTÓRIAS NAS AULAS DE HISTÓRIA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Diógenes. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, em 2020, defendeu a dissertação com o título: A aula como uma batalha de textos: a teoria e o ensino de História através do jogo Tempos & histórias”.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Diógenes.

0:52- Diógenes inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

3:52- Como surgiu o interesse em usar os jogos de tabuleiro para ensinar História.

6:45- Como juntar teoria para o ensino básico.

8:18– Proposta pedagógica que juntou jogos e teoria.

11:17- Jogo de tabuleiro com alunos do 6° ano.

14:25- Como adaptar para outras turmas.

18:13- O jogo na prática, passo a passo para ser usado na sala de aula.

24:41- Projeto testado que pode ser disponibilizado para ser usado em todas as escolas.

28:10- Crítica a estrutura acadêmica.

29:36- Demonstração do tabuleiro.

36:20- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

48:00- Considerações finais.

Resumo da dissertação

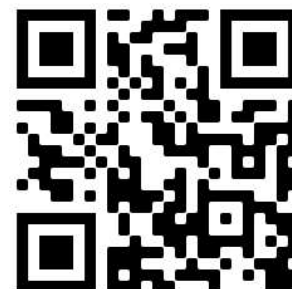
O jogo Tempos & histórias foi desenvolvido como um material pedagógico que integra conceitos, conteúdos e metodologias para colaborar com o aprendizado escolar nas áreas do conhecimento que envolvem a História, assim como possibilitar o desenvolvimento de habilidades através da ludicidade, na busca de fortalecer o compromisso no ensino de História na direção de uma cidadania voltada para os valores democráticos e de reconhecimento da diversidade no processo educacional. Como material didático para as aulas em História, o jogo Tempos & histórias entrelaçam as diretrizes curriculares da Base Nacional Comum Curricular, sobretudo para as turmas de 6º ano do ensino fundamental anos finais, com referências do campo da Teoria da História, integração crítica entre a produção acadêmica e a prática docente na educação básica. Na busca da consecução desse objetivo, tematizamos especialmente as relações entre tempo e história, o debate acerca das habilidades na Base Nacional Comum Curricular e, por fim, detalhamos as implicações referentes a jogabilidade de Tempos & histórias

Palavras-chave: Ensino de História; Teoria da História; BNCC; Ludicidade; jogo; temporalidades.

MOREIRA JUNIOR, Diogenes Antônio. **A aula como uma batalha de textos:** a teoria e o ensino de História através do jogo Tempos & histórias. 2020. 145f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 23- Como trabalhar a questão indígena nas aulas de História



Fonte: autoria própria

23. COMO TRABALHAR A QUESTÃO INDÍGENA NAS AULAS DE HISTÓRIA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrados do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com a professora Francieli, que atualmente trabalha na Secretaria Municipal de Educação de São José dos Pinhais, no Paraná. Ela cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Estadual de Maringá e, em 2020, defendeu a dissertação com o título: Entre prescrições e práticas: uma proposta para a formação continuada de professores no trabalho com a questão indígena no ensino de História para as séries iniciais no município de São José dos Pinhais.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação da entrevistada, Franciele.

1:14- Franciele inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

4:22- Como surgiu o interesse em pesquisar a questão indígena no ensino de História.

9:46- Por que atuar nas séries iniciais?

12:35- Professoras não especialistas em História para alfabetização do 1° ao 5° ano.

15:00- Proposta pedagógica.

19:51- Dois documentos que foram analisados.

21:58- Discussão sobre o currículo e BNCC.

30:09- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

34:35- Considerações finais.

Resumo da dissertação

A pesquisa propõe reflexões sobre os conteúdos e discursos da política pública educacional curricular para a disciplina de História, nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, no final da década de 2000. Será utilizado como fonte documental, para um estudo de caso, “O Currículo para Unidades da Rede Municipal de Ensino de São José dos Pinhais (2008)”. Pretendemos analisar o papel atribuído ao ensino de História, enquanto disciplina escolar, problematizando os conteúdos que foram apresentados como válidos ou importantes na formação da identidade étnica e racial dos alunos, refletindo sobre como a escola proporcionou o acesso a este conhecimento, a partir do conteúdo discursivo prescrito no currículo municipal. Nesta pesquisa iremos nos aproximar das Teorias do Currículo, apresentadas por Tomaz Tadeu da Silva (2017); as pesquisas de José Gimeno Sacristán (2013) também serão utilizadas na definição do conceito de currículo e compreensão de suas dimensões. Pesquisadores como Circe Bittencourt (1992, 2003) e Rebeca Gontijo (2009) serão utilizadas para discutir a importância do ensino de História na Educação básica brasileira, o pesquisador João Pacheco de Oliveira (2016) embasará as reflexões sobre o lugar da História dos povos indígenas nesse ensino. Neste estudo, o currículo será entendido e analisado como campo de luta em torno da significação e da identidade. O produto final apresentado nesta dissertação será uma ementa para um programa de formação continuada das professoras da rede municipal de ensino intitulado “História e culturas indígenas do Paraná e de São José dos Pinhais no componente curricular História”.

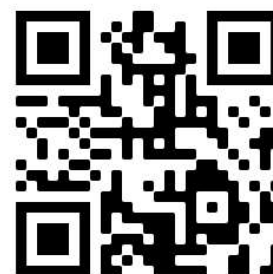
Palavras-chave: Ensino de História; currículo; diversidade étnica e racial; indígenas.

SABCHUK, Franciele. Entre prescrições e práticas: uma proposta para a formação continuada de professores no trabalho com a questão indígena no ensino de História para as séries iniciais no município de São José dos Pinhais. 2020. 140f. Dissertação

(Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA) –
Centros de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 24- Como utilizar a Alfabetização histórica na sala de aula



Fonte: autoria própria

24. COMO UTILIZAR A ALFABETIZAÇÃO HISTÓRICA NA SALA DE AULA

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Sebastião Vilhena, que trabalha na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor Remígio Fernandez. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal do Pará e, em 2021, defendeu a dissertação com o título: Alfabetização histórica: método de ensino em História na escola Professor Remígio Fernandez, Mosqueiro/PA.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado Sebastião Vilhena.

1:09- Sebastião inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

5:45- Como surgiu o interesse em estudar sobre uma alfabetização histórica.

10:26- Conscientização histórica e o PROFHISTÓRIA.

11:52- Conceito de alfabetização histórica.

15:00- Análise da prática de ensino.

20:00- Método didático voltado para a alfabetização.

25:50- Questão étnico-racial na sala de aula e oficina musical.

34:20- Experiência com projeto da oficina na escola.

41:23- Ensinar e aprender. O entendimento desse conhecimento histórico escolar.

47:53- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

55:11- Considerações finais.

Resumo da dissertação

A presente dissertação é uma investigação sobre a dinâmica do Ensino de História na Escola Municipal Professor Remígio Fernandez, Mosqueiro/PA, entre os anos de 2013 a 2019. Durante esse período foram analisadas as experiências didáticas em História desenvolvidas e que apontavam aspectos de manutenção e de avanços em relação a um tipo de Ensino de História ligado ao historicismo do século XIX, este caracterizado pelo autoritarismo na forma de se ensinar, pelo eurocentrismo na escolha dos conteúdos e pelo predomínio da linguagem escrita pouco significativa para os alunos. Assim, partindo deste problema de pesquisa e em busca de construir uma proposta de método inovador em Ensino de História para a referida escola, passou-se a apontar a Alfabetização Histórica como esta alternativa. Para embasar esta perspectiva foi realizada uma análise do duplo papel da formação histórica escolar na superação dos problemas ligados à alfabetização linguística e à alfabetização nos objetivos específicos da disciplina História, apontando como caminho viável para este desafio o desenvolvimento do Ensino das Relações Ético-Raciais e de narrativas histórias na escola, em busca de se promover o desenvolvimento de consciências, de conscientização, de identidades e de práxis históricas. Portanto, o presente estudo se apresenta metodologicamente em consonância com as perspectivas das investigações sociais chamadas de —pesquisa-ação, sendo esta subdividida em empírico-teórico e em cognição histórica situada, na intenção de apresentar produtos educacionais viáveis para a transformação positiva do Ensino de História da escola pesquisada.

Palavras-chave: Alfabetização Histórica; relações étnico-raciais; ensino de História; Educação Básica; PROFHISTÓRIA.

VILHENA, José Sebastião. Alfabetização Histórica: método de ensino em história na escola Profo Remígio Fernandez, Mosqueiro/PA. 2021. 159f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2021.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 25- Como dar aulas de História utilizando a gamificação



Fonte: autoria própria

25. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA UTILIZANDO A GAMIFICAÇÃO

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor André Haiske. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal de Santa Maria e, em 2021, defendeu a dissertação com o título: Gamificação no espaço escolar: o lúdico e o ensino de História no município de Três de Maio – RS.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, André Haiske.

1:15- André inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

2:37- Como surgiu o interesse em utilizar a gamificação nas aulas de História.

6:48- Como as pessoas reagiram ao uso da gamificação em sala de aula.

12:03- Como trabalhar em todas as séries.

20:36- Quebrar o tabu de aula e quadro e tentar sair da caixinha e usar o lúdico.

28:00- Passo a passo para usar gamificação em sala.

35:07- Como ficou o projeto em contexto pandêmico.

41:11- Análise das perguntas que os alunos produziram e o eurocentrismo presente.

49:04- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

1:01:11- Considerações finais.

Resumo da dissertação

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa-ação, com base nos pressupostos da pesquisa bibliográfica., documental e pesquisa aplicada, que teve como tema a gamificação, tendo sido realizada entre os anos de 2020 e 2021 na Escola SETREM no município de Três de Maio. O objetivo da investigação teve como foco, contribuir para um melhor aprendizado do ensino de história através de jogos didáticos desenvolvido para os sextos e sétimos anos sendo os objetivos secundários a produção de jogos didáticos , através de metodologia ativa; Apresentar a gamificação como uma forma de metodologia ativa; Contextualizar o processo de gamificação como ferramenta de ensino em História; Refletir sobre as possibilidades do processo de gamificação e a sua possível aplicação em espaço escolar. O problema de pesquisa que orientou a investigação foi: Pode o jogo potencializar o ensino de história? A principal motivação para realização desta investigação foi meu interesse, desde a época da graduação, pelas denominadas metodologias ativas no ensino de história, no qual, acabei por conhecer a gamificação. Os conceitos centrais do trabalho foram o processo de ludicidade e metodologias ativas, sendo a principal, a gamificação. Além da discussão e sistematização desses conceitos exibimos 1 jogo construído antes de dominar plenamente os conceitos de gamificação e elaboramos 2 jogos utilizando a gamificação, um voltado aos sextos e outro aos sétimos anos, para potencializar o ensino de história, cabendo destacar que os mesmos até o momento não foram utilizados, o que decorre da pandemia de COVID-19. Como resultado da investigação podemos referir a importância da gamificação no ensino de história, reiterar as possibilidades da criação de jogos e exibir dois produtos que podem ser utilizados para ajudar em possibilidades para o ensino de história.

Palavras-chave: PROFHISTÓRIA; processo de gamificação; criação de jogos.

HAISKE, André. **Gamificação no espaço escolar: o lúdico e o ensino de história no município de Três de Maio – RS**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2021.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

Figura 26- Como dar aulas de História utilizando Educação Patrimonial



Fonte: autoria própria

26. COMO DAR AULAS DE HISTÓRIA UTILIZANDO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O canal “Fala, Profhistóricos!”, que é uma iniciativa dos mestrandos do PROFHISTÓRIA da UESPI, conversou com o professor Valdinei Deretti. Ele cursou o PROFHISTÓRIA na Universidade Federal de Santa Catarina e, em 2020, defendeu a dissertação com o título: Ensinar História na cidade: uma proposta de educação patrimonial para Guaramirim/SC.

ÍNDICE DO VÍDEO DISPONÍVEL NO CANAL

Minutagem- tópicos abordados

00:00- Apresentação do entrevistado, Valdinei Deretti.

1:15- Valdinei inicia falando sobre sua trajetória acadêmica.

4:20- Como surgiu o interesse em utilizar a Educação Patrimonial na sala de aula.

7:53- A relação entre escola e cidade.

13:18- Como decidir o que é história local ou não, a escolha do material e o passo a passo para trabalhar em sala.

18:45- O interesse maior do aluno.

20:58- Como trabalhar a história local sem priorizar a elite local.

28:40- Proposta pedagógica e como encaixar em todas as séries.

33:52- Como os alunos reagiram ao conhecer mais sobre a história local.

37:35- Pesquisa voltada para uma ação na cidade, conscientização e análise de fontes.

48:00- Experiência com o PROFHISTÓRIA.

55:46- Considerações finais.

Resumo da dissertação

Este trabalho apresenta uma proposta de Ensino de História para (com e em) Guaramirim/SC a partir de um trabalho de Educação Patrimonial, pautado em princípios dos Territórios Educativos e tem como objetivo o estudo da memória e da história local, com ênfase nas diversidades e sociabilidades, em diferentes temporalidades. A investigação parte da análise, da crítica e do tensionamento de narrativas oficiais/tradicionais da história local, a partir de fontes históricas e historiográficas diversas, resultando na construção de um material pedagógico, voltado para alunos/as e professores/as da Educação Básica, que consiste em um conjunto de atividades de observação, análise e reflexão sobre espaços, narrativas e sujeitos históricos da cidade, por meio de estratégias didáticas variadas, como o trabalho com fontes e a realização de um percurso pela rua 28 de agosto, a partir de 8 pontos previamente definidos. Propõe reflexões e interações com diferentes espaços da cidade que, relacionados com os personagens e as fontes, permitem a construção de conhecimentos sobre as histórias e memórias da cidade de Guaramirim, convidando professores/as e estudantes a experienciarem a cidade e aprenderem a partir dela e com ela, buscando a necessária aproximação entre escola e cidade.

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; memória; cidade; Guaramirim.

DERETTI, Valdinei. **Ensinar história na cidade: uma proposta de educação patrimonial para Guaramirim/SC**. 2020. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2020.

[Clique aqui para baixar a dissertação](#)

4 Como Criar um Canal no YouTube Usando Apenas o Celular Android

Os professores podem encontrar no celular uma ferramenta acessível e útil para criar conteúdos educacionais em vídeo e, caso queiram, disponibilizá-los na plataforma YouTube, que oferece inúmeras possibilidades de compartilhamento. Mas para isso, é necessário saber como criar um canal no YouTube e postar o conteúdo sem muitos percalços. Para tanto, disponibilizamos um tutorial com ensinamentos básicos sobre a criação de um canal e a publicação no YouTube usando apenas o celular, já que pode ser uma opção viável para professores com recursos limitados de equipamentos e orçamentos reduzidos.

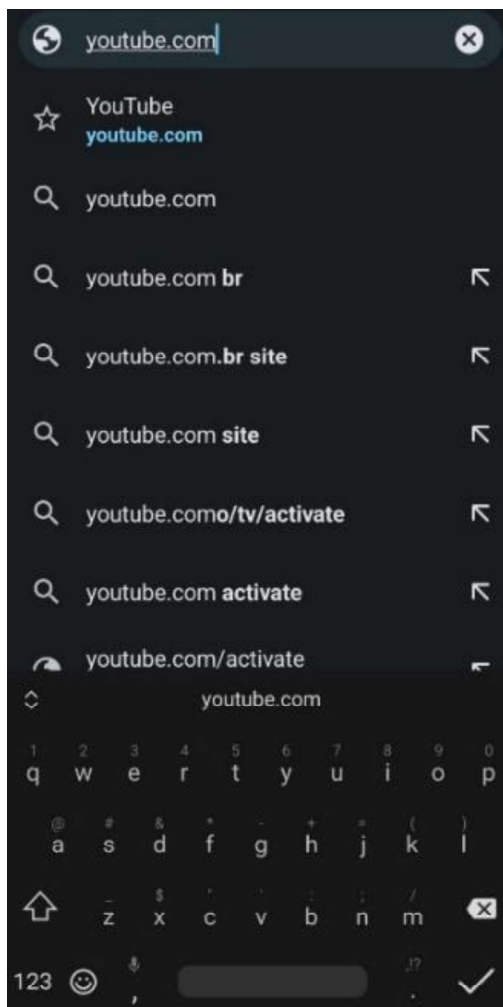
O objetivo do tutorial é fornecer um guia prático, didático, o mais acessível possível e com imagens que detalham cada etapa e onde se deve clicar. Ele orienta os principais passos: criação de uma conta, a configuração do canal, a gravação de vídeos, bem como dicas sobre programas de edição de vídeos e imagens. É indicado para os professores que desejam criar um canal no YouTube usando apenas o celular com diferentes níveis de experiência em criação de conteúdo. A proposta é possibilitar ao professor que deixe a condição de receptor do conteúdo já pronto e passe à condição de produtor e assume um protagonismo e crie seu próprio material.

Foi feita uma pesquisa sobre a maneira mais intuitiva de se criar um canal e, posteriormente, fizemos prints de um celular com sistema Android de cada passo a ser seguido. Na sequência foram coladas no Microsoft Word com textos explicativos e setas indicativas dos lugares a serem clicados na ordem para criar o canal no YouTube, editar conteúdo e publicá-lo.

4.1 Tutorial

- 1- Acesse qualquer navegador de internet do seu celular e digite www.youtube.com, conforme a Figura 27. Atenção! Não é possível acessar por meio do aplicativo do Youtube disponível para Android.
- 2- Após abrir a página do YouTube, clique no canto superior direito, no local indicado pela seta na Figura 28.

Figura 28- O endereço do site do YouTube que deve ser digitado



Fonte: print screen do navegador Chrome em um celular Android.

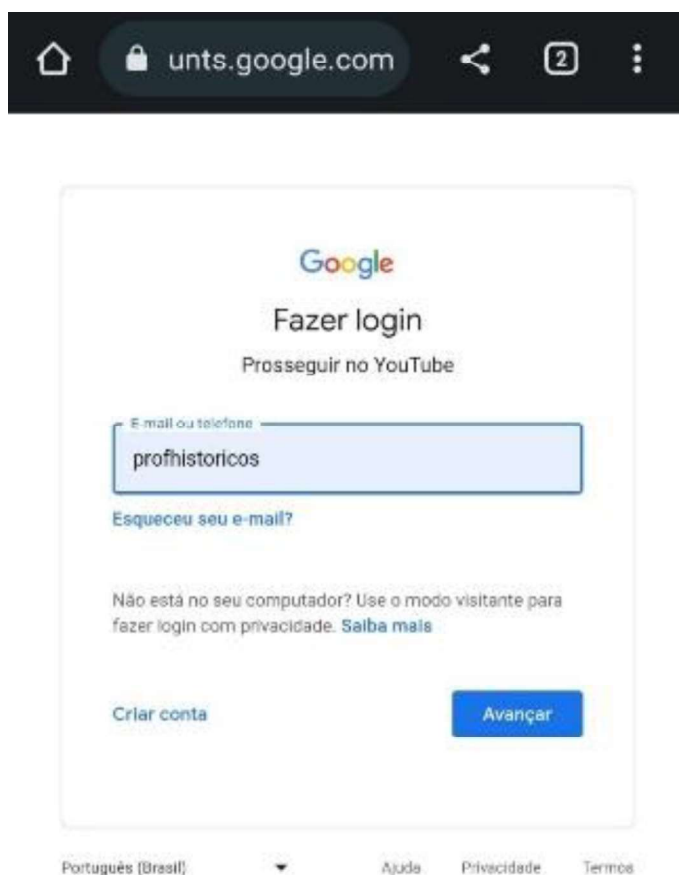
Figura 27- Local indicado para fazer login no YouTube



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

- 3 – Faça login com uma conta de e-mail Gmail existente ou crie uma nova conta, conforme aparece na Figura 29.

Figura 29- Local para inserir os dados de usuário ou criar um novo e-mail.



Google

Fazer login

Prosseguir no YouTube

E-mail ou telefone

profhistoricos

[Esqueceu seu e-mail?](#)

Não está no seu computador? Use o modo visitante para fazer login com privacidade. [Saiba mais](#)

[Criar conta](#) [Avançar](#)

Português (Brasil) [Ajuda](#) [Privacidade](#) [Termos](#)

Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

- 3- Após o login, a página aparecerá para você conforme a Figura 30. Agora você deve clicar nos três pontos no canto superior direito, conforme sinalizado na Figura 30, e aparecerão as opções que podem ser visualizadas na Figura 31. É só marcar a caixa da opção “Para computador”, sinalizado na Figura 31. Só assim será possível ter amplo acesso para configurar o canal corretamente.

Figura 30- Os três pontos que indica o local para ser clicado e acessar as configurações do navegador Chrome.



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

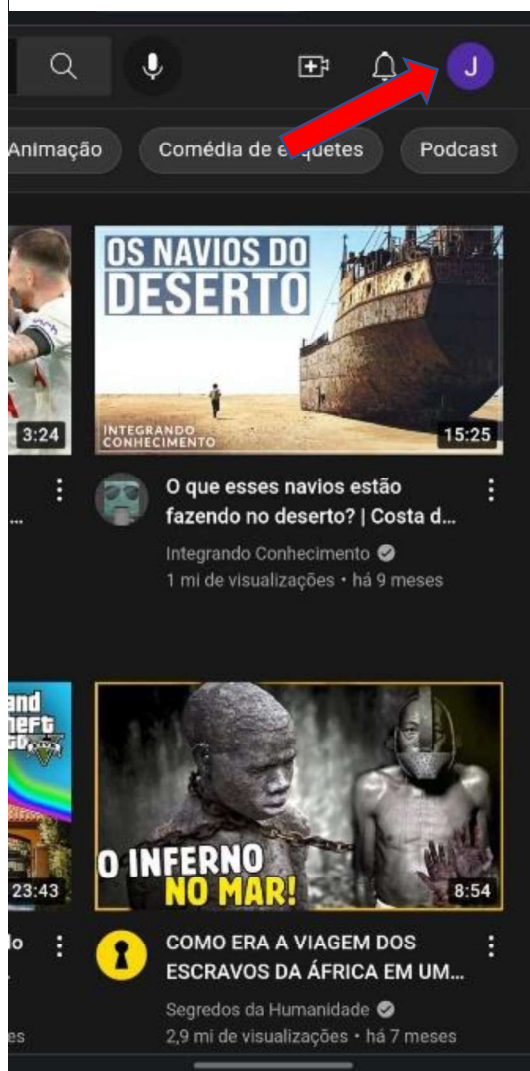
Figura 31- Indica o local que é para clicar e mudar para o modo computador



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

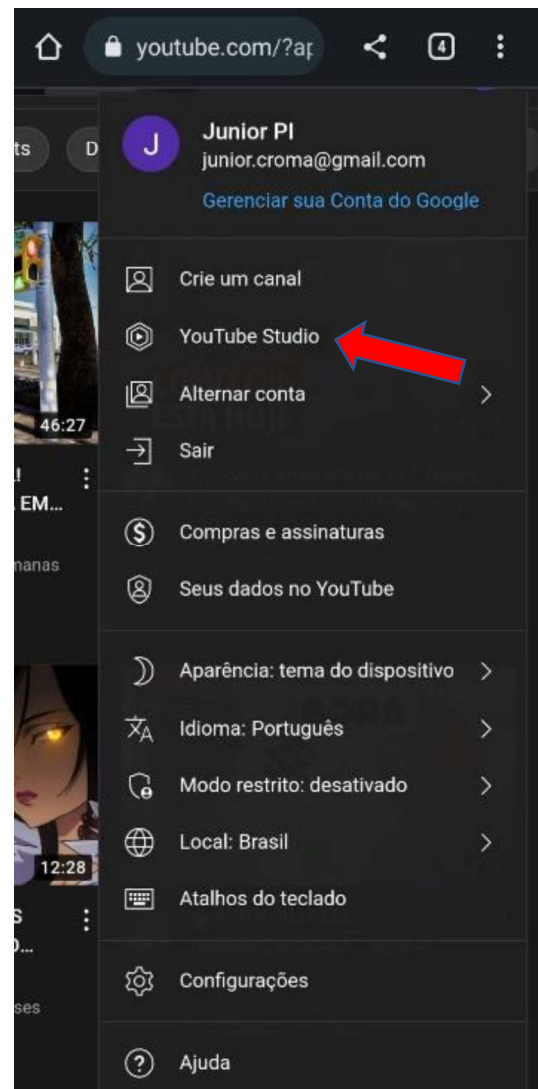
- 4- O próximo passo é clicar no ícone sinalizado pela seta na Figura 32. Irão aparecer as opções disponíveis na Figura 33. Em seguida, clique na opção “YouTube Studio”, no local sinalizado pela seta na figura 33.

Figura 33 - Local indicado para clicar e acessar as configurações do YouTube.



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

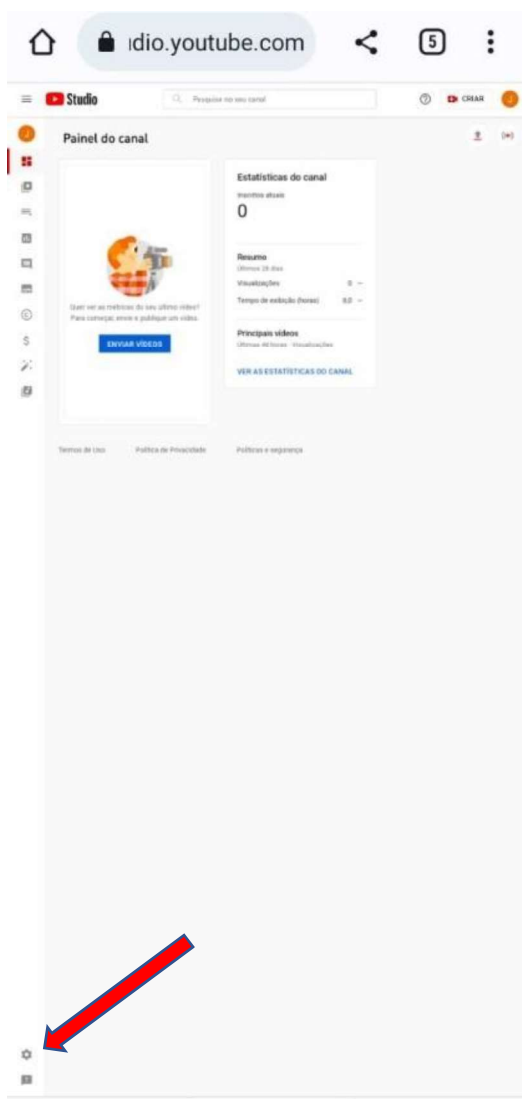
Figura 32- Local indicado para acessar YouTube Studio



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

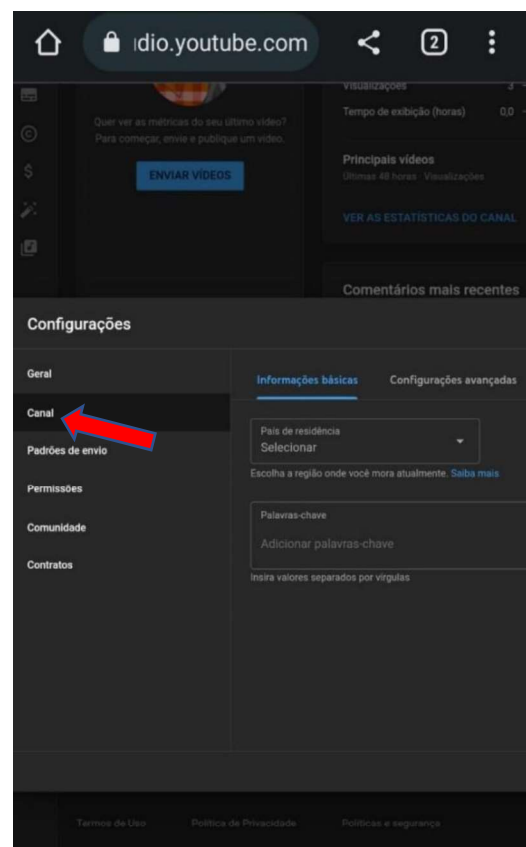
- 5- Agora você será direcionado para uma página conforme a Figura 34. O próximo passo será a configuração do canal. Para isso, clique no canto inferior esquerdo, no local indicado pela seta da Figura 34. Surgirão mais opções de configuração. O primeiro passo é clicar em “Canal”, no local indicado pela seta na Figura 35, e acrescentar as informações básicas, como idioma, palavras-chave temáticas, etc. Vale ressaltar que as palavras-chave devem ser inseridas de acordo com o tema do canal, pois auxiliarão na localização.

Figura 35- Indicação do local para acessar as configurações



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

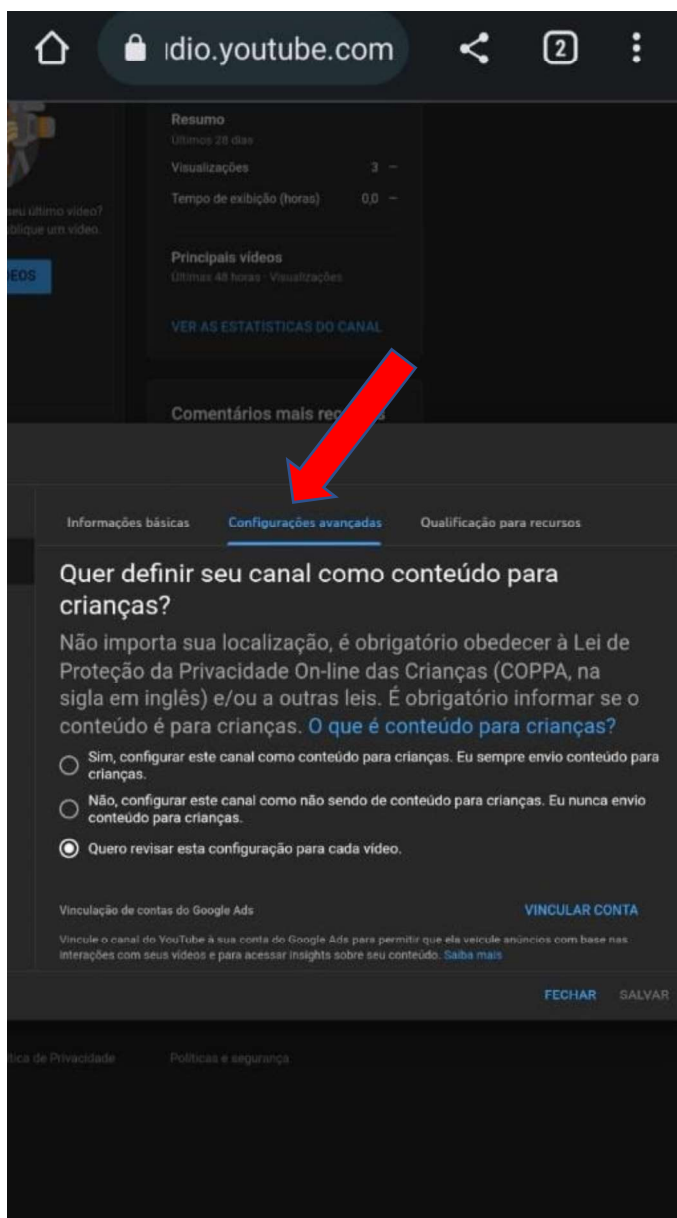
Figura 34- A opção "canal" que deve ser clicada.



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

- 6- Após o preenchimento das informações básicas, clique em “Configurações Avançadas”, no local sinalizado pela seta na Figura 36. Selecione a idade de acordo com público para o qual o canal foi criado. É muito importante atentar para não infringir tais regras do YouTube, pois o canal poderá sofrer sanções em caso de descumprimento.

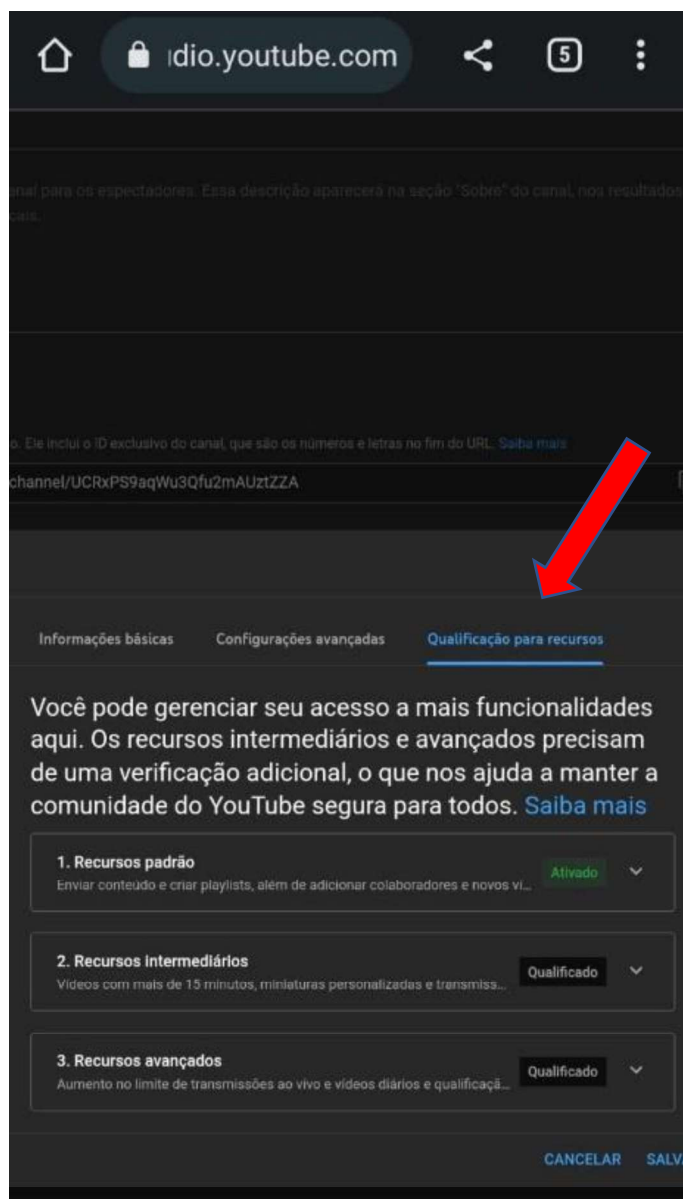
Figura 36- Local indicado para acessar a configuração avançada



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

- 7- Atenção para a configuração da aba “Qualificação para recursos”, sinalizado com a seta na Figura 37. Observe que a opção 2 (recursos intermediários) e opção 3 (recursos avançados) estão como “Qualificado”, diferente do “Ativado” da opção 01. Portanto, para que o canal tenha mais funções e permissões, é importante que todas as opções fiquem como “Ativados”.

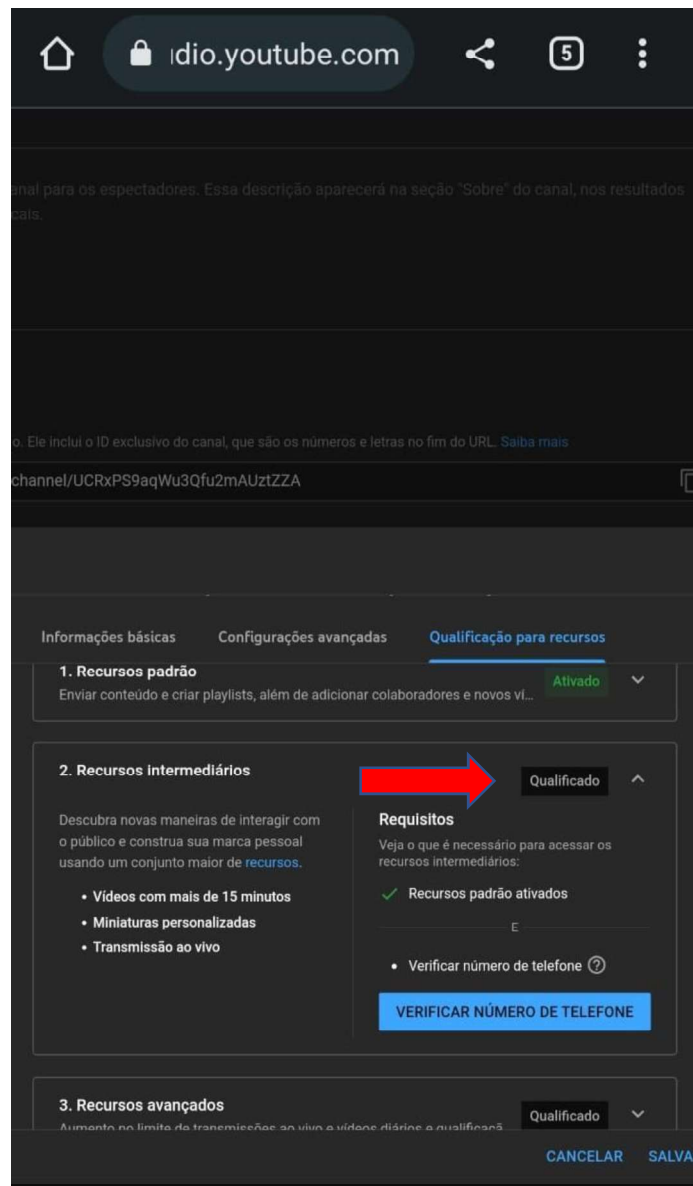
Figura 37- A aba da configuração que deve ser clicada



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

- 8- Para ativar, na opção 02, clique em “Qualificado”, conforme indicado pela Figura 38. Depois vá em “Verificar número de telefone”, selecione o país e coloque o número válido e clique em “Receber Código”, aguarde um instante e, depois de receber um SMS, digite o código recebido e pronto, a função será ativada. Por último, é só clicar em salvar.

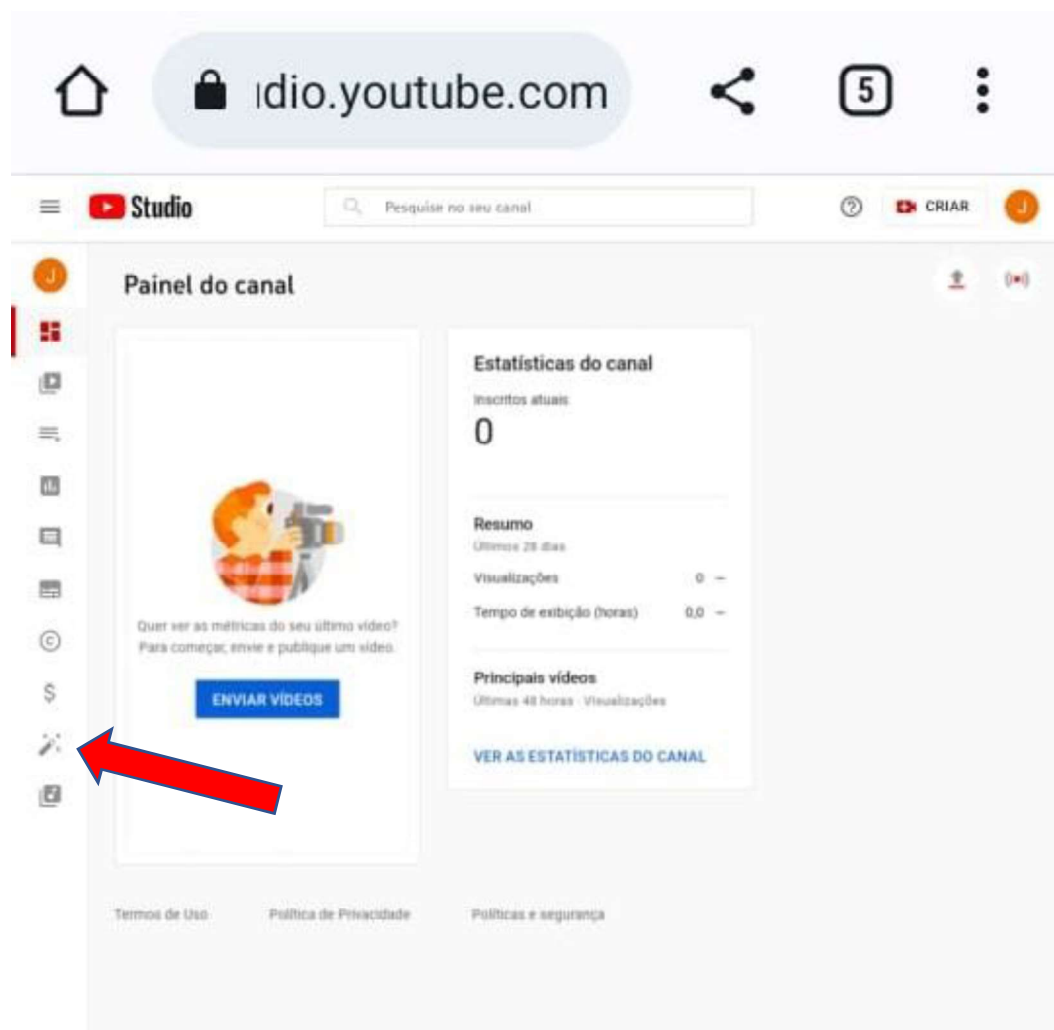
Figura 38- Local indicado para verificar o número de telefone



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

- 9- O próximo passo é a personalização do canal. Clique na opção “Personalização”, no local indicado pela seta da Figura 39, e comece a inserir a foto de perfil, capa do canal, vídeo de apresentação, nome do canal, etc. Algumas opções só ficarão disponíveis depois que o canal atingir uma determinada quantidade de inscritos.

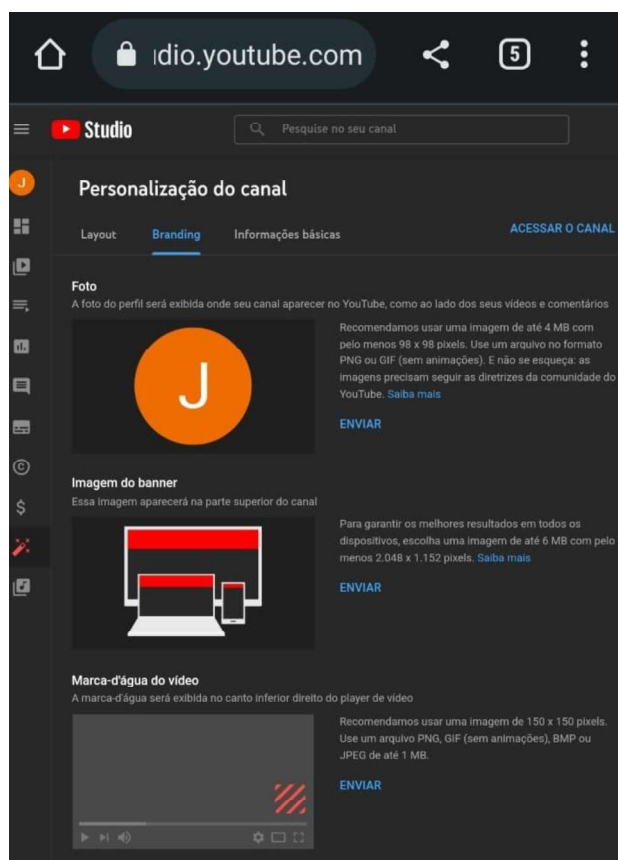
Figura 39- Local indicado para personalizar o canal



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

10- Existem três abas para personalização, conforme a Figura 40: “Layout”, onde tem opção para inserir algum vídeo de apresentação; “Branding”, oferece opções e informações para acrescentar fotos do perfil, imagem do banner e marca-d’água. Aqui, é importante atentar para as dimensões das imagens sugeridas pelo YouTube; e a última opção é “Informações básicas”, é o local onde deve ser inserido o nome do canal e sua descrição. Ainda sobre a escolha do nome, é indicado que se utilize um nome peculiar para auxiliar na localização do canal. Se o nome for muito genérico, correrá o risco de ter vários com o mesmo nome, o que dificulta a identificação do mesmo. Para saber mais dicas de como tornar seu canal mais atrativo e alinhado com o algoritmo do YouTube, recomendo os vídeos do canal Ferramentas Blog⁴⁷.

Figura 40- Local indicado para customizar o Layout

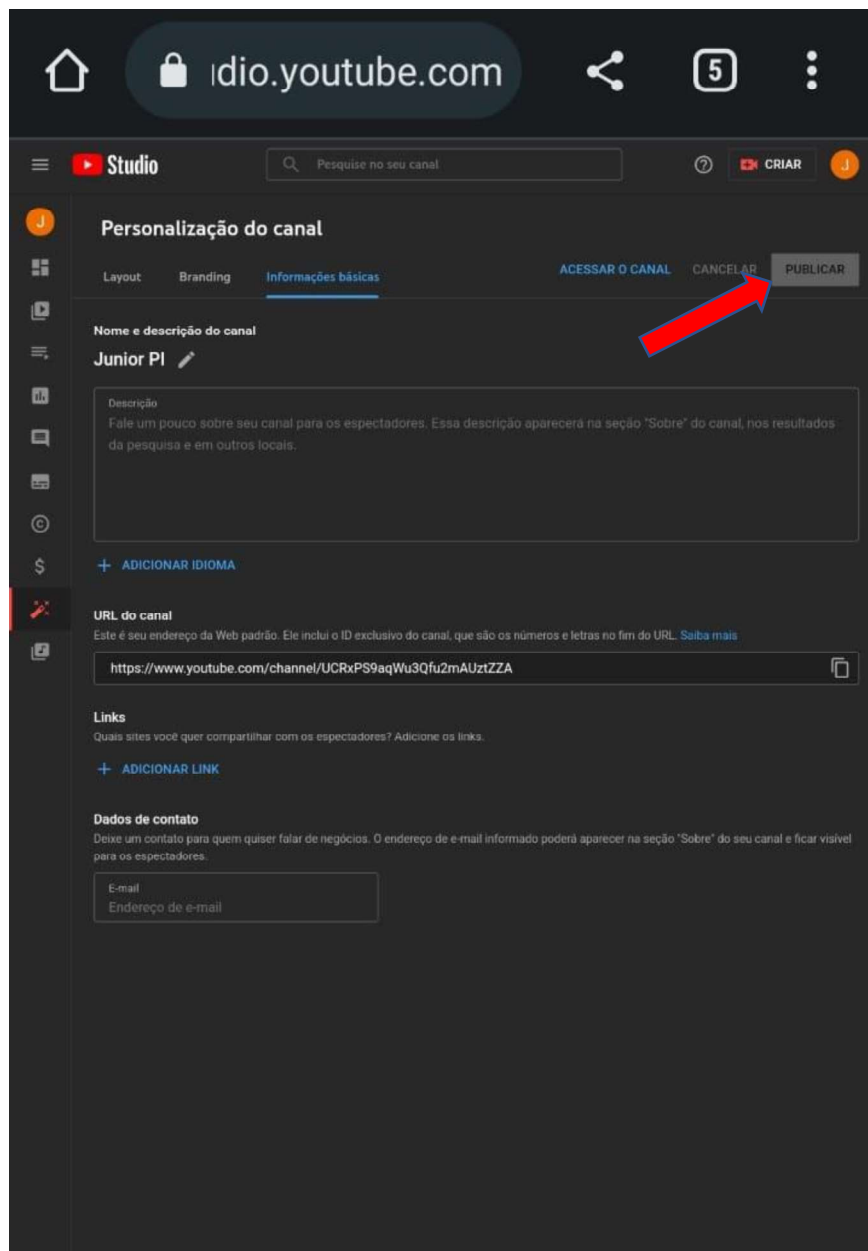


Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

⁴⁷ O canal pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/c/FerramentasBlog>

11-. Depois de seguir todas as etapas, clique em “Publicar”, no local indicado pela seta da Figura 41, e seu canal estará configurado e pronto para uso.

Figura 41- Local indicado para publicar o Canal



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

12-Depois do canal todo configurado, agora é a etapa de postar os vídeos. Instale o aplicativo do YouTube no celular disponível na Play Store. Após, abra o aplicativo e verifique se sua conta está logada, no canto superior direito. Quando estiver logado, para enviar um vídeo do celular para o canal, basta clicar no ícone sinalizado com a seta na Figura 42.

Figura 42- Local indicado para publicar vídeos no canal



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

13-Em seguida, é só clicar em “enviar um vídeo”, no local sinalizado na Figura 43, e escolher no celular o vídeo que deseja publicar.

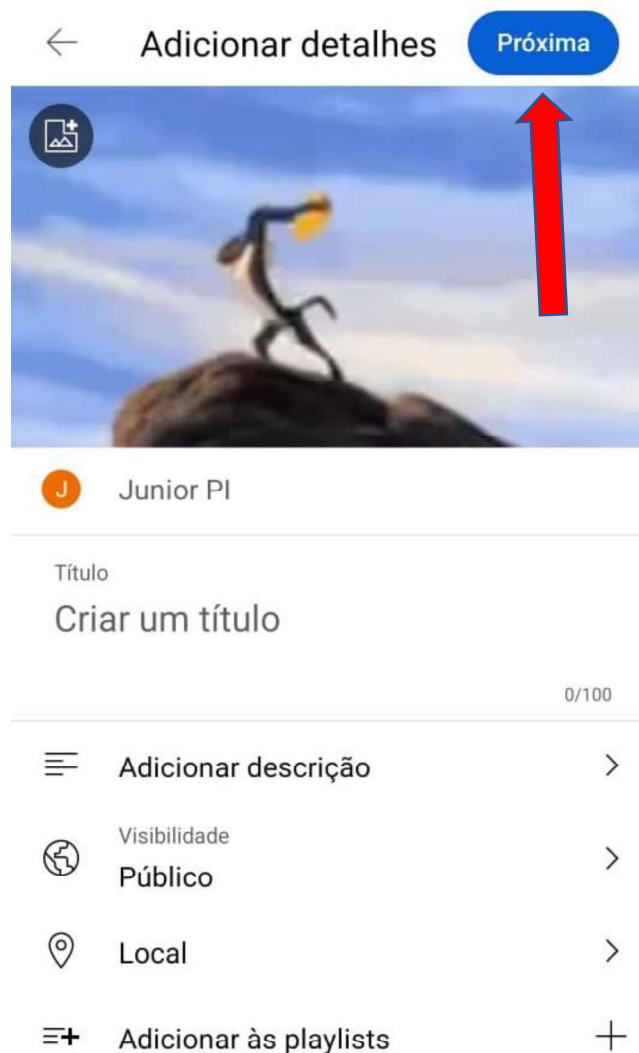
Figura 43- Local onde se deve clicar para escolher o vídeo que será postado



Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

14- Ao selecionar o vídeo, é só colocar o título do vídeo, adicionar uma descrição, escolher a visibilidade, local, etc. Em seguida clique em “Próxima”, no local indicado pela seta da Figura 44. E por último, marque se é conteúdo para crianças ou não, e clique em enviar. Aguarde uns instantes, pois a disponibilidade para visualização no canal, dependerá do tamanho do vídeo e da velocidade da internet utilizada no momento.

Figura 44- Local indicado para clicar e publicar o vídeo.



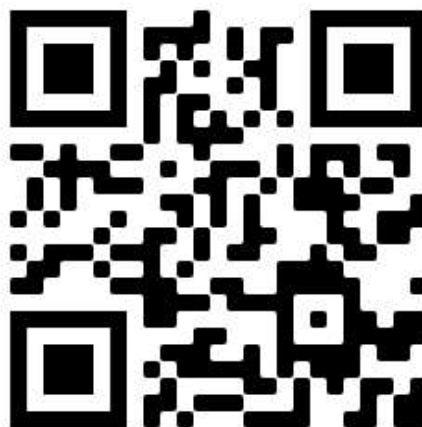
Fonte: print screen adaptado de um celular Android.

4.2 SOFTWARES DE EDIÇÃO DE VÍDEOS E IMAGENS PARA CELULAR

Os próximos passos são dicas para tornar os vídeos personalizados e mais atrativos. Uma boa apresentação é fundamental para que os objetivos do canal sejam alcançados. Para tanto, é necessário que os vídeos passem por um processo de edição antes de serem postados, pois os conteúdos editados podem tornar os vídeos mais didáticos e dinâmicos.

Logo em seguida, serão listadas algumas sugestões de aplicativos gratuitos para celulares, com sistema Android ou IOS, de edição de vídeos e criação de *thumbnai*⁴⁸. As opções são:

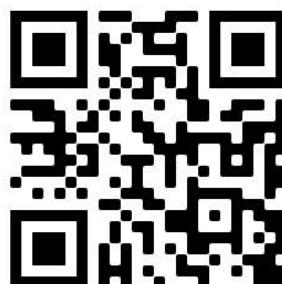
- VITA – Video Editor & Maker, que pode ser baixado gratuitamente na Play Store. Ele é 100% gratuito, sem propagandas e ainda é possível remover, alterando as configurações, a marca d'água que geralmente aparece nos vídeos editados em programas gratuitos. O aplicativo é bem completo e apresenta uma série de recursos e efeitos. Para mais detalhes de como usar o aplicativo, recomendamos o tutorial “Como editar vídeos pelo celular”⁴⁹, disponível no canal TutorialTec. Outra opção de acesso é via o QR-Code disponível abaixo.



⁴⁸ *Thumbnail* é uma imagem em miniatura e comprimida usada na internet para prever a imagem original. Por exemplo, ao acessar o YouTube, tem várias miniaturas com textos, geralmente, chamativos. Ao clicar em algum dos vídeos, a imagem é ampliada, ou seja, o *Thumbnail* é a imagem que utilizamos para ficar como capa dos vídeos.

⁴⁹ Acesse: <https://youtu.be/iilE1uR0OLg>

- CapCut é uma das melhores opções de aplicativos gratuitos para editar vídeos, via celular, na atualidade. É mais completo que o VITA. Tem uma gama de recursos e é bem intuitivo. No canal do YouTube TutorialTec existe um passo a passo bem didático de como utilizar o CapCut. Basta acessar o vídeo intitulado “Como editar vídeos pelo celular no Capcut”⁵⁰. Outra opção de acesso ao tutorial é via o QR-Code disponível abaixo.



- Para editar imagens e criar a thumbnail, um dos aplicativos mais recomendados é o Canva. Ele existe em duas versões: gratuita e paga. A versão gratuita oferece recursos suficientes para uma boa edição de imagens. O aplicativo é bem completo e bem intuitivo. Para maiores detalhes de uso, recomendamos que acesse o vídeo: “Como fazer thumbnail pelo celular com App Canva | Capa para Vídeo”⁵¹, disponível no canal do YouTube Jefe VilaNova. Também pode ser acessado por meio do QR-Code.



Acesse: <https://youtu.be/D77IqMpmUow>

⁵¹ Acesse: <https://youtu.be/PFtCKIUmVZU>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou refletir sobre a possibilidade de utilização do YouTube para promover comunicação científica. Para tanto, foi feita uma revisão teórica sobre mídias sociais, YouTube e comunicação científica e, em um segundo momento, apresentamos a criação de um canal no YouTube, um guia para acessar o material do canal e um tutorial para os professores que desejam criar um canal no YouTube usando apenas um celular com sistema Android.

A proposta era testar, se de fato, o YouTube é uma opção razoável para promover conhecimento histórico, em específico o produzido por professores que cursaram o PROFHISTÓRIA. Para tanto, criamos o Canal no YouTube chamado “Fala, Profhistóricos!”⁵². A proposta do canal consistia em entrevistar professores oriundos do PROFHISTÓRIA para divulgarem os resultados de suas pesquisas. As entrevistas eram norteadas por três questões centrais: a trajetória do entrevistador; os resultados de sua pesquisa e adaptabilidade para outras regiões; e por último, um relato sobre a experiência em cursar o PROFHISTÓRIA.

Podemos observar que o resultado do uso do canal “Fala, profhistóricos!” para divulgar os trabalhos do PROFHISTÓRIA alcançou, até setembro de 2022, um total de: 565 inscritos, 4,175 visualizações, 324,5h de exibição. Também constatamos que, enquanto utilizamos outras redes sociais (WhatsApp, Facebook e Instagram) para ajudar na divulgação dos vídeos do canal, o alcance era maior.

Uma outra conclusão que chegamos é que manter em evidência um canal no YouTube requer um conhecimento mínimo sobre marketing digital, pois não é só colocar qualquer palavra no título, usar uma cor aleatória e publicar. É essencial seguir uma lógica específica; outro ponto fundamental, é sobre o funcionamento do algoritmo. É necessário conhecer o mínimo do algoritmo do YouTube para que o material não caia na invisibilidade; também se faz necessário domínio básico de algumas ferramentas de edição de vídeo e imagens e, o mais importante de todos, postar conteúdo com uma determinada periodicidade. Portanto, somente com esse domínio técnico básico, o canal poderá ter alguma relevância. Logo, o YouTube pode ser um excelente meio para divulgar os mais diversos conteúdos, inclusive trabalhos acadêmicos, desde que

⁵² Acesse o canal em: <https://www.youtube.com/channel/UCLUOMIc1M3lrfk0eytIPAJA>

se consiga entender sua lógica de funcionamento e tenha financiamentos consistentes.

O uso do YouTube como uma fonte de informação para professores da Educação Básica é um caminho sem volta. Muitos educadores, por vários motivos, recorrem a essa plataforma para acessar conteúdos por ser mais prático, didático e rápido. Já que com uma simples busca o YouTube fornece uma infinidade de conteúdo que abrangem diferentes assuntos e disciplinas. Em muitos casos é a maneira mais acessível do professor adquirir informações para enriquecer suas aulas. No entanto, é importante que os conteúdos acessados sejam avaliados criticamente, pois existe uma infinidade de canais que disseminam, intencionalmente ou não, informações de origem duvidosa. E o presente trabalho direciona nossa atenção para isso. É preciso conhecer canais que fazem trabalho de divulgação/comunicação científica com rigor acadêmico. No campo da História temos o Obrigahistória, canais institucionais de universidades, Café História TV, etc.

Além da questão de acessar o conteúdo confiável, argumentamos que os professores podem ir além de meros receptores de vídeos prontos e possam produzir o seu próprio conteúdo com base em sua experiência em sala e sua formação acadêmica. O intuito também é evidenciar que os professores da Educação Básica, que muitas vezes são inviabilizados, possam ser protagonistas neste processo. Neste sentido o presente trabalho disponibilizou um tutorial com orientações de como criar canais no YouTube utilizando apenas um Smartphone com sistema Android.

Em conclusão, nessa linha, a criação do canal “Fala, Profhistóricos! visou dois objetivos: oferecer material confiável e de qualidade para professores de História da Educação Básica, centrado na produção do PROFHISTÓRIA, e oferecer algo que seja produzido por professores e para professores que atuam na mesma instância educacional. Disseminar o material produzido pelas universidades, pode ser uma estratégia eficaz para promover o acesso a conteúdos educacionais de qualidade. Além disso, disponibilizamos um guia para os professores utilizarem o canal de maneira mais precisa e rápida. Dessa forma, a criação de um canal no YouTube pode ser uma ferramenta necessária para fortalecer a formação continuada dos professores e fortalecer para o aprimoramento da Educação Básica, promovendo a disseminação do conhecimento produzido pelas universidades de forma acessível e com grande alcance.

REFERÊNCIAS

AL-DAIHANI, S. M.; AL-QALLAF, J. S.; ALSAHEEB, S. A. Use of social media by social science academics for scholarly communication. **Global Knowledge, Memory and Communication**, [S. l.], v. 67, n. 6/7, p. 412-424, 3 set. 2018. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/GKMC-11-2017-0091/full/html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). **Mestrado Profissional: o que é?** Fundação Capes, 1 abr. 2014. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-oque-e>. Acesso em: 8 set. 2021.

BOYD, DANAH M.; ELISSON, N. B. Social Network Sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 210-230, 1 out. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>. Acesso em: 1 mar. 2021.

BUCHER, T. Want to be on the top? Algorithmic power and the threat of invisibility on Facebook. **New Media & Society**, [S. l.], v. 14, n. 7, p. 1164-1180, 1 nov. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444812440159>. Acesso em: 24 fev. 2021.

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 15, n. supl, p. 1–12, 16 dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585>. Acesso em: 2 ago. 2021.

BURGESS, J.; GREEN, J. **Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade**. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

BURGESS, J.; GREEN, J. **Youtube: online video and participatory culture**. 2nd ed. Cambridge, UK ; Medford, MA: Polity Press, 2018(Digital media and society).

CARVALHO, B. L. P. de. Café História: divulgação científica de história na internet. *In*: CARVALHO, B. L. P. de; TEIXEIRA, A. P. T. (org.). **História Pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019. p. 105-122.

CARVALHO, B. L. P. de; TEIXEIRA, A. P. T. (org.). **História pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

CATHY, O. **Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia**. trad. Rafael Abraham. 1. ed. Santo André-SP: Rua do Sabão, 2020.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

COSTA, S. M. de S. **Mudanças no processo de comunicação científica**: o impacto do uso de novas tecnologias. Brasília, p. 85-105, 2000. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1443>. Acesso em: 1 mar. 2021.

CULTURA DA CONVERGÊNCIA: O QUE É E PRINCIPAIS EXEMPLOS. 4 jan. 2019. **Rock Content - BR**. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/cultura-da-convergencia/>. Acesso em: 22 out. 2021.

FERREIRA, L. S. **O uso do software Zotero no processo de comunicação científica**: um estudo de caso na Ensp/Fiocruz. 2017. 122 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/38812>. Acesso em: 10 fev. 2021.

FERREIRA, M. O ensino da História, a formação de professores e a Pós-graduação. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 23, n. 44, p. 21-49, dez. 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/68383>. Acesso em: 6 mar. 2021.

FONTOURA, O. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 45-63, abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/79826/77423>. Acesso em: 24 fev. 2021.

GRAN, A.-B.; BOOTH, P.; BUCHER, T. To be or not to be algorithm aware: a question of a new digital divide? **Information, Communication & Society**, [S. l.], v. 24, n. 12, p. 1-18, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369118X.2020.1736124>. Acesso em: 24 fev. 2021.

HURD, J. M. The transformation of scientific communication: a model for 2020. **Journal of the American society for information science**, Chicago, v. 51, n. 14, p. 1279-1283, 2000.

KITCHIN, R. Thinking critically about and researching algorithms. **Information, Communication & Society**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 14-29, 2 jan. 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369118X.2016.1154087>. Acesso em: 24 fev. 2021.

KLAWITTER, E.; HARGITTAI, E. “It’s like learning a whole other language”: The role of algorithmic skills in the curation of creative goods. **International Journal of Communication**, University of Southern California, v. 12, p. 3490-3510, 2018.

KOUSHA, K.; THELWALL, M.; ABDOLI, M. The role of online videos in research communication: a content analysis of YouTube videos cited in academic publications. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S. l.], v. 63, n. 9, p. 1710-1727, set. 2012. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/asi.22717>. Acesso em: 20 fev. 2021.

KUSHNER, S. The freelance translation machine: Algorithmic culture and the invisible industry. **New Media & Society**, [S. l.], v. 15, n. 8, p. 1241-1258, dez. 2013. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444812469597>. Acesso em: 2 mar. 2021.

LEVY, P. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MARTINS, E. de R. **Teoria e filosofia da história:** contribuições para o ensino de história. Curitiba: W & A, 2017.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica.** Tradução: Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MENESES, S. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 66–88, 31 maio 2019. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/522>. Acesso em: 6 mar. 2021.

MILLER, D. *et al.* **How the world changed social media.** London: UCL Press, 2016.

MONTEIRO, T. **YouTube faz balanço da pandemia e projeta 2021.** 2020. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/11/05/youtube-faz-balanco-da-pandemia-e-projeta-2021.html>. Acesso em: 28 fev. 2021.

NÁNDEZ, G.; BORREGO, Á. Use of social networks for academic purposes: a case study. **The Electronic Library**, [S. l.], v. 31, n. 6, p. 781-791, 18 nov. 2013. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/EL-03-2012-0031/full/html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

OLIVEIRA, J. N. de. YouTube como fonte de conhecimento: análise sobre como o YouTube auxilia na construção da vida profissional e na desintermediação das práticas em grupos de camada popular. 2017. *In*: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** [...], 40, 2017, Curitiba. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0723-1.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

OLIVEIRA, N. A. S. de. História e Internet: conexões possíveis. **Revista Tempo e Argumento**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 23-53, 29 set. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014023>. Acesso em: 28 fev. 2021.

PARK, S.; HUMPHRY, J. Exclusion by design: intersections of social, digital and data exclusion. **Information, Communication & Society**, [S. l.], v. 22, n. 7, p. 934-953, 7 jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2019.1606266>. Acesso em: 2 mar. 2021.

PENNA, F. de A. **O Escola sem Partido como chave de leitura do fenômeno educacional.** Niterói: UERJ, LPP, 2016.

POLIAKOFF, M.; TANG, S. The periodic table: icon and inspiration. **Philosophical Transactions of the Royal Society A: mathematical, physical and engineering sciences**, [S. l.], v. 373, n. 2037, p. 20140211, 13 mar. 2015. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/full/10.1098/rsta.2014.0211>. Acesso em: 3 mar. 2021.

PROFHISTÓRIA. **Regimento Geral do ProfHistória.** [S. l.]: UFJR, 2013. Disponível em:

https://profhistoria.ufrj.br/uploads/regulamentos_formularios/58dad185519ae_Regimento_Geral.pdf. Acesso em: 6 mar. 2021.

RODRIGUES, R. S. *et al.* Periódicos científicos na área de História: publicação de autores brasileiros e títulos Qualis A1. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 129-150, 30 set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/44001>. Acesso em: 17 fev. 2021.

SALDDAÑA, P.; PALHARES, I. Declarações de ministro da Educação sobre gays e papel do MEC contrariam lei, dizem especialistas. 24 set. 2020. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/09/ministro-da-educacao-diz-nao-ter-responsabilidade-sobre-volta-as-aulas-e-desigualdade-educacional.shtml>. Acesso em: 4 mar. 2021.

SANTOS, B. R. G. Injustiças epistêmicas, dominação e virtudes. *In*: MULLER, F. de M.; ETCHEVERRY, K. M. (org.). **Ensaio sobre epistemologia do testemunho**. [S. l.: s. n.], 2017. p. 143-172.

SILVEIRA, S. A. Dados, algoritmos, desinformação e os riscos para a democracia. *In*: VIANNA, M. (org.). **A Democracia aceita os termos e condições?: eleições 2022 e a política com os algoritmos**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2022. p. 100. Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2022/08/12/democracia-aceita-os-terminos-e-condicoes>. Acesso em: 27 set. 2022.

SUGIMOTO, C. R. *et al.* Scholarly use of social media and altmetrics: a review of the literature. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, [S. l.], v. 68, n. 9, p. 2037-2062, set. 2017. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/asi.23833>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SUGIMOTO, C. R.; THELWALL, M. Scholars on soap boxes: science communication and dissemination in TED videos. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S. l.], v. 64, n. 4, p. 663-674, abr. 2013. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/asi.22764>. Acesso em: 20 fev. 2021.

VAN DIJCK, J. **The Culture of Connectivity: a critical history of social media**. [S. l.]: Oxford University Press, 2013. Disponível em: <https://oxford.universitypressscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780199970773.001.0001/acprof-9780199970773>. Acesso em: 20 fev. 2021.

VAN NOORDEN, R. Online collaboration: scientists and the social network. **Nature**, [S. l.], v. 512, n. 7513, p. 126–129, ago. 2014. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/512126a>. Acesso em: 3 mar. 2021.

VAN ZYL, A. S. The impact of Social Networking 2.0 on organisations. **The Electronic Library**, The Electronic Library, v. 27, 2009.

ZAGZEBSKI, L. O que é conhecimento. *In*: GRECO, J.; SOSA, E. (org.). **Compêndio de Epistemologia**. Tradução: Alessandra S. Fernandes; Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 1999. p. 153-189.